Pimenta quer "dificultar" atribuição de "bandeiras azuis" da CEE
Pág. 7

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 425 Quinta-feira, 30 de Julho de 1987 Preço 40$00

Caixa Económica do Funchal não perdoa

ARMAZÉNS DO CHIADO: "DESPEJO" EM OUTUBRO

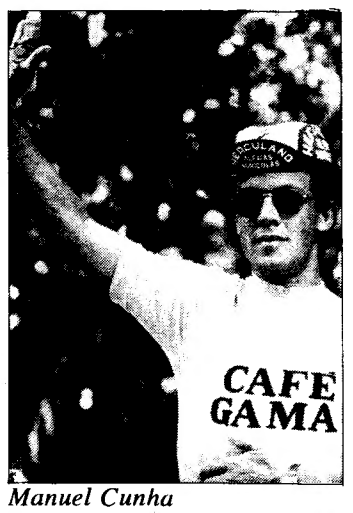
Os Grandes Armazéns do Chiado poderão vira a encerrar já no próximo mês de Outubro, caso o 16º Juizo Cível de Lisboa venha a decidir favoravelmente à Caixa Económica do Funchal, como tudo indica que venha a acontecer, uma acção especial de posse avulsa dos edifícios em que funcionam os armazéns.

Continua na pág. 24

A "VOLTA" JÁ MEXE

Marco Chagas

Américo Silva



Manuel Cunha

Fernando Carvalho

Primeiras pedaladas nas ruas de Águeda

Pelas 15 horas começou nas ruas de Águeda, a caminhada dos 2747 quilómetros da 49.ª Volta a Portugal em bicicleta, que terá na linha da largada 113 intérpretes e, entre eles, naturalmente que Marco Chagas, Manuel Cunha, Américo Silva e Fernando Carvalho fiuram entre os candidatos ao triunfo final. No caso de Marco Chagas ser o mais rápido no longo percurso, inscreverá pela 5.ª vez o seu nome no «quadro de honra», superando o número de triunfos de Joaquim Agostinho.

Pág. 16

Inédito!

Agredido pela guarda de honra

Assinar um acordo de paz com o Sri Lanka foi o objectivo de uma deslocação do primeiro–ministro indiano, Rajiv Gandhi, a Colombo. Em desacordo, no entanto, esteve um dos elementos da guarda–de–honra cingalesa que, quando Gandhi procedia à revista das tropas, o agredio com a coronha da sua espingarda. A agressão não teve consequências graves, e o primeiro–ministro indiano pode seguir para o Palácio Presidencial onde o documento foi assinado. O soldado cingalês foi, entretanto, detido. **Ler notícia nas páginas 12 e 13**

O "DL" na volta a Portugal em Bicicleta, com o patrocínio de

TINTAS DYRUP

DEZ ANOS DE PRISÃO PARA RESPONSÁVEIS DE CHERNOBYL

Penas de 10 anos de internamento foram aplicadas aos antigos director, engenheiro-chefe e engenheiro-chefe adjunto da central nuclear de Chernobyl, no final de um julgamento que durou três semanas. Os três foram declarados culpados de violação das normas de segurança, o que levou à catástrofe, em 26 de Abril de 1986. Segundo informações oficiais das autoridades soviéticas, morreram 31 pessoas e 200 outras foram gravemente atingidas em consequência de explosão que libertou radiações cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir. Especialistas ocidentais pensam, no entanto, que estes números oficiais ficam muito aquém da realidade e que o número de vítimas deverá ser substancialmente mais elevado. Mais de 135.000 mil pessoas tiveram de ser evacuadas de Kiev, a capital da Ucrânia, 130 quilómetros a norte de Chernobyl.

MORTE NO VENTO

Aves de Chernobyl provocam vítimas na Índia

Aves migratórias que se alimentaram nas terras húmidas perto de Chernobyl foram relacionadas com os casos de envenenamento por radiações na Índia, por uma equipa de pesquisa que estudou aves de várias partes do país. Milhares de indianos poderão ser afectados antes de que a radioactividade diminua, pois estas aves são consideradas uma grande iguaria.

Pelo menos quatro mortes e dezenas de casos de doenças devido a radiações poderão estar relacionados com o facto de aves que emigraram da área de Chernobyl para a Índia aí terem servido de alimento, explica um novo relatório.

Um estudo (que decorreu entre Dezembro de 1986 e Fevereiro de 1987) efectuado pela Organização para os Novos Talentos Científicos e Técnicos, com base em Nova Deli, revelou que aves aquáticas europeias que se alimentaram perto de Chernobyl durante a sua migração de 5000 milhas para a Índia estavam «carregadas» de radiações mortais.

As aves alimentaram-se de algas e vegetação dos pântanos da Ucrânia perto de onde ocorreu o acidente nuclear de Chernobyl, o que fez com que os seus tecidos ficassem «tão cheios de Cesium-137 que as pessoas que as comerem poderão ficar afectadas pelas radiações», explica o relatório. Cesium-137 é um dos elementos radioactivos que formava a maior parte da nuvem originada pela explosão de Chernobyl.

O estudo descobriu que quatro pessoas tinham falecido no hospital de Agra devido à polarização radioactiva dos seus corpos. Oitenta e cinco pessoas contraíram a doença das radiações em cidades remotas entre Bangalore e Goa.

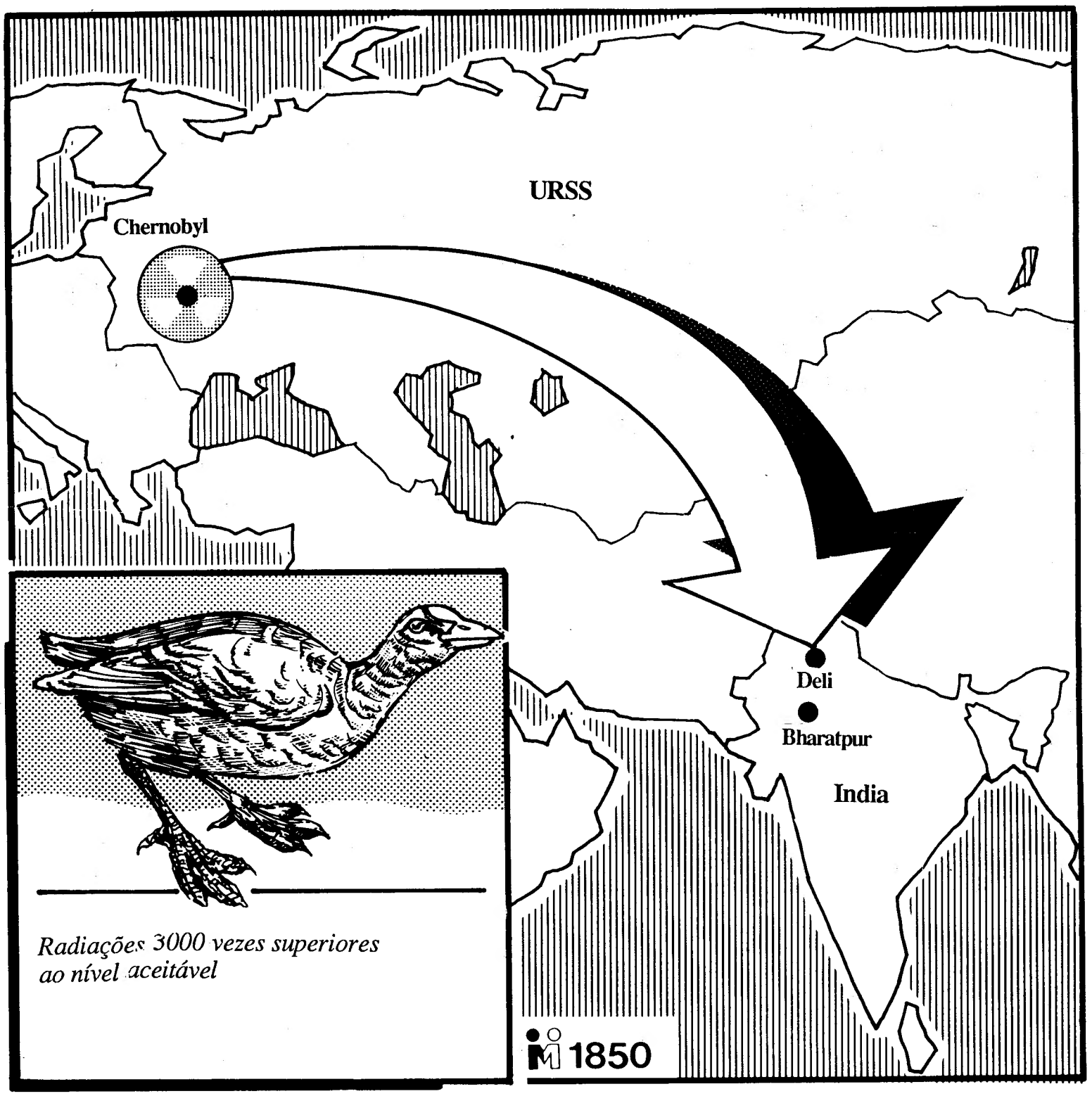
O relatório sugere que os casos de doença de radiações estão relacionados com o consumo de aves contaminadas. Adianta também que centenas de pessoas podem ter sido contaminadas sem ter sentido ainda os efeitos. Algumas pessoas apenas se dirigem aos hospitais quando se encontram extremamente doentes.

A doença das radiações mata as células que se reproduzem rapidamente, tais como as da pele e do sangue. A parede do intestino está incluída entre as zonas susceptíveis e um ataque ali produz diarreia e náuseas.

O Cesium-137 também pode fazer com que as veias da pele se tornem frágeis, causando manchas e feridas. Os efeitos podem ser fatais.

Naqueles que comeram as aves, o efeito pode não se fazer sentir imediatamente. As radiações enfraquecem o sistema de defesa do organismo, abrindo caminho a uma proliferação de células cancerígenas mutantes. As mulheres grávidas que foram afectadas poderão dar à luz crianças deformadas.

O problema causado pelas aves contaminadas poderá aumentar dado que existe grande procura destas iguarias nas zonas de Agra, Mathura e Deli.



Os cientistas souberam que algumas das aves foram apanhadas no santuário de Bharatpur, perto de Agra, e vendidas a altos preços. O relatório diz: «Estas aves migratórias são o prato mais raro e delicioso na Índia, mesmo nos hóteis de 5 estrelas.»

No seu estudo, os cientistas analisaram o nível de radiações de quatro espécies de aves marinhas do Santuário de Pássaros de Bharatpur, do Santuário de Pássaros de Sultanpur, do Ghats Ocidental e do Jardim Zoológico de Deli.

As quatro espécies mostraram vários graus de contaminação. As fúlicas europeias eram as mais radioactivas com 7,6 **curies** de Cesium-137, os arrabios tinham 4,2 **curies,** os patos 3,1 e os grous 1,4 **curies.**

A contaminação radioactiva de todas as aves era muito mais elevada do que o limite seguro de 0,026 **curies** determinado pela Comissão Internacional para a Protecção Radioactiva.

Um outro estudo realizado nos Estados Unidos apoia a teoria de que as aves migratórias podem ficar contaminadas pelas radiações. Este estudo provou que a fúlica americana — uma prima da fúlica europeia — acumulava grandes quantidades de Cesium-137 ao alimentar-se nos pântanos próximos de um reactor atómico dos Estados Unidos que produz plutónio para armamento.

O Cesium-137 tem uma meia-vida de 30 anos. Isto significa que serão precisas três décadas para que o nível de radioactividade fique reduzido a metade. No espaço de 60 anos, o Cesium-137 terá um quarto da radioactividade.

O relatório sugere ao governo indiano a criação de uma estação monitora para estudar a radioactividade das aves migratórias até ao ano 2016.

A organização diz que continuará a examinar os indianos para detectar possíveis desarranjos genéticos e a observar periodicamente as aves migratórias. Também pede a ajuda à comunidade científica internacional alegando que «Chernobyl criou uma ameaça radioactiva para a nossa sobrevivência segura neste planeta».

Na Europa e resto do mundo

PSD ELEGE MAIS TRÊS DEPUTADOS

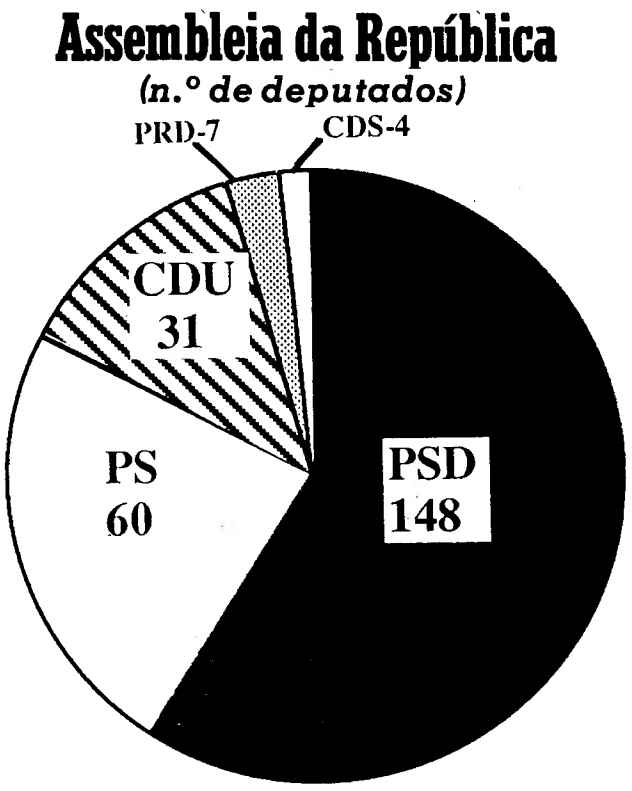
O PSD elegeu os dois deputados pelo círculo eleitoral do resto do mundo e dividiu com o PS o mesmo número de mandatos pelo de Europa. Assim, passarão a ocupar assento na futura Assembleia da República os sociais–democratas Nascimento Rodrigues, Luis Geraldes e Luis Barradas do Amaral e o socialista Vitor Caio Roque.

O escrutínio que derterminou a eleição dos quatro candidatos é ainda provisória.

No círculo europeu estavam inscritos 72.894 eleitores, tendo votado apenas 19.103 (26,2 por cento). Contados os boletins, verificou–se que o PSD somou 7.011 votos, seguindo–se o PS com5.430, a CDU com 3.046, o CDS com 1.272 e o PRD com 942.

No círculo do resto do mundo, estavam inscritos 114.644 cidadãos, tendo votado apenas 30.593, o que corresponde à mesma percentagem dos eleitores que votaram na Europa. Neste círculo, o PSD venceu uma vez mais com 63,13% dos votos expressos, o CDS com 19,86%, o PS com 7,23% e o PRD com 1,66 por cento.

Depois do apuramento destes resultados, a Assembleia da República ficou assim constituída: PSD 148 deputados, PS 60, CDU 31, PRD 7 e CDS 4.

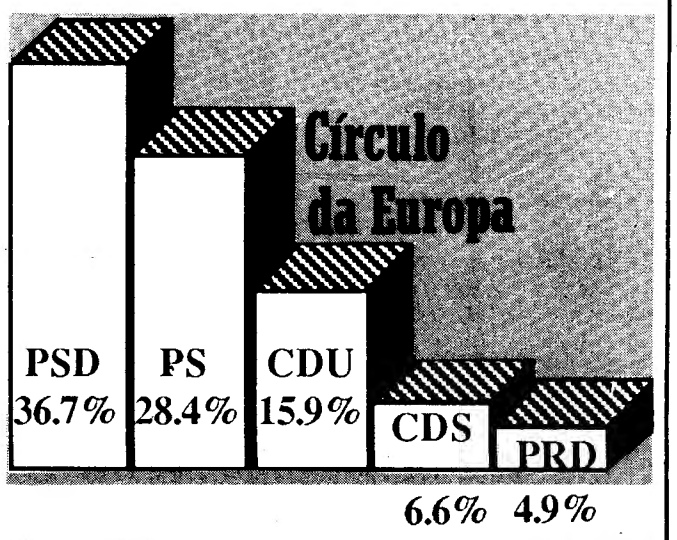


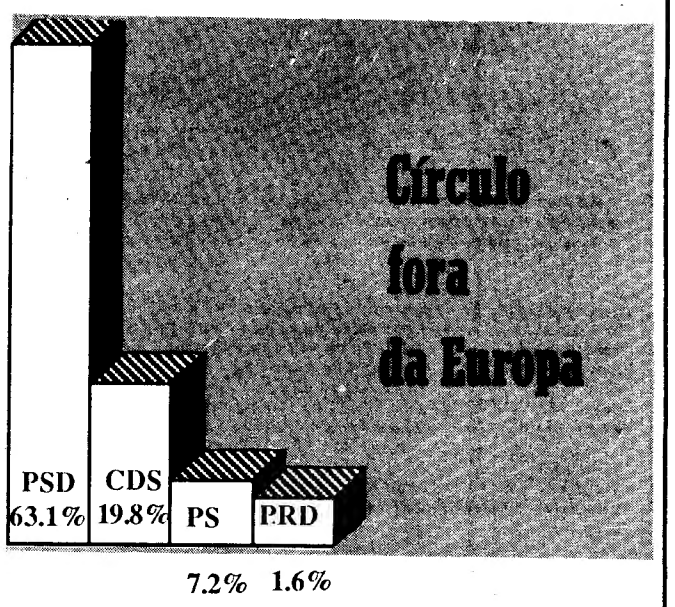
CDS terá grupo parlamentar

Ao contrário de notícias postas a circular, o CDS terá o seu grupo parlamentar apesar da não vir a ocupar mais do que quatro lugares no Parlamento.

Na verdade, o regimento da Assembleia da República não exige número mínimo de deputados eleitos para que os partidos formem o seu grupo. O regimento diz apenas que «os deputados eleitos por cada partido ou coligação de partidos se podem constituir em grupo parlamentar.

A constituição de cada organização efectua–se mediante uma comunicação ao presidente da Assembleia da República, assinada pelos deputados que o compõem, indicando a sua designação e o nome do respectivo presidente e dos vide–presidentes se os houver. Por exemplo, fontes parlamentares garantiram ao «DL» que os deputados eleitos pelas listas da CDU Raul de Castro e Corregedor da Fonseca têm intenção de se constituirem em agrupamento parlamentar sob a designação Intervenção Democrática.





Fala-se deles para o Secretariado: Jaime Gama, Eduardo Pereira, António Vitorino, Raúl Junqueiro, Carlos Laje, Miranda Calha

Com mandato total

Constâncio prepara remodelação do secretariado

Para além dos nomes de Manuel Alegre e Sottomayor Cardia, cuja demissão do Secretariado Nacional do PS é um facto consumado, Vítor Constâncio não tomou ainda uma decisão final sobre outras substituições naquele órgão. Sabe–se que o secretário–geral do PS tem um «mandato total» para proceder às remodelações que entenda necessárias

Nos últimos dias têm circulado notícias dando como certa também a saída de Ladislau Botas e Ferraz de Abreu e a entrada de Jaime Gama, Miranda Calha, Carlos Lage e Raul Junqueiro, mas uma fonte socialista qualificada manifestava–nos esta manhã dúvidas quanto ao ingresso no secretariado de todos estes nomes,com excepção de Jaime Gama, que tudo indica terá já aceite fazer parte daquele órgão.

Embora Vítor Constâncio esteja a proceder às diligências de remodelação do secretariado praticamente sozinho, uma vez que, tal como referimos, para isso foi mandatado, em meios socialistas apontam–se outros nomes, designadamente Eduardo Pereira, António Vitorino e António Costa, como possíveis integrantes do secretariado Nacional do PS. Eduardo Pereira tem a seu favor a imagem de grande capacidade de trabalho e os dois ultimos a juventude, o que vai de encontro à ideia de renovação que Vítor Constâncio pretende impulsionar.

Tudo isto poderá ficar decidido na reunião da comissão nacional, marcada para o próximo sábado.

A eventual saída de Ladislau Botas tem sido apresentada em certos meios como uma consequência de alguma discordância em relação á liderança de Vítor Constâncio, mas a verdadeira razão do seu possível abandono do secretariado, ainda segundo fontes socialistas, tem a ver com o facto de, problemas de saúde recentes, o impossibilitarem de acumular as funções de autarca e dirigente de uma estrutura partidária.

Entretanto parece ter diminuído muito a contestação interna no PS e é ponto de vista bastante alargado de que os socialistas se encaminham para uma fase de entendimento que lhes permita encarar com optimismo a anunciada renovação e a necessária recuperação. Para isso muito terão contribuído as posições assumidas por Jaime Gama, que soube conciliar as divergências conjunturais com a unidade interna necessária.

PPM quer reformular liderança do partido

O presidente demissionário do PPM, Gonçalo Ribeiro Teles, confessou ao «DN» que é «bem possível que no próximo congresso extraordinário», que deverá realizar-se em Dezembro, «se possa encontrar uma fórmula de liderançado partido, nomeadamente com a figura de Colégio Directivo».

Ribeiro Teles afirmou ainda que a sua decisão não significa nenhuma estratégia particular, resultando apenas da circunstância de os responsáveis da organização terem concluído pela necessidade de promover «profunda remodelação da estrutura e métodos de gestão». Acerca da sua liderança, o ex-dirigente popular monárquico garantiu ao «DN» que a sua «posição inicial resultou da necessidade de um líder para integrar a AD e a segunda teve a ver com a opção por uma presidência no partido».

Ribeiro Teles garantiu também que a decisão que agora tomou tem muito a ver com o facto de o PPM não ter voz na Assembleia da República na próxima legislatura. Na sua curta declaração ao «Diário de Notícias», o presidente demissionário do PPM disse que «não se pode concluir da sua decisão e da atitude da comissão política - que o acompanhou na demissão - a intenção de se afastar do projecto defendido» pelo partido.

DL NO ALGARVE

LOCAIS DE VENDA SAZONAL EM AGOSTO E SETEMBRO

O **"Diário de Lisboa"** está à venda no Algarve em cerca de **200 postos habituais,** que o recebem durante todo o ano.

A relação a seguir indicada refere **apenas** postos de venda sazonal (entre Junho e Setembro) que devem ser acrescentados aos postos de venda habituais.

Praia da Salema	– Quiosque Salema – Junto à Praia
Praia da Luz	– Botique Capricho – Rua da Praia
Praia da Luz	– Tab. Valverde – Parque de Campismo
Lagos	– Parque de Campismo – Estr. de Porto de Mós
Alvor	– Apartamentos Torralta – Torre C
Alvor	– Tab. El-Rei – Rua Marquês de Pombal, 3-A
Alvor	– Barroqueiro & Barroqueiro – Rua Dr. António José Almeida, 4
Ferragudo	– Francisco A.R. Ferreira – Parque de Campismo
Ferragudo	– Maria Vieira B. Reis – Rua Vasco da Gama, 40
Ferragudo	– Pap. Papiro – Rua da Hortinha, 20
Estômbar	– José Francisco Alcaide – Rua D. Paio Peres Correia, 2
Praia do Carvoeiro	– Artes-Artesanato Carvoeiro – Rampa N.ª Sr.ª Conceição
Praia do Carvoeiro	– Casa Globo – Rua do Barranco
Armação de Pêra	– Tab. Parque de Campismo
Areias de S. João	– Tab. Oura
Areias de S. João	– Galeria Ivette
Areias de S. João	– Artesanato Tamariz – Casa 26
Areias de S. João	– Santa Eulália-Supermercado – Estrada de Santa Eulália
Praia da Oura	– Helena Maria Fagulha – Edifício Oura r/c F
Praia da Oura	– Tab. Pap. Il Laccio – Edifício Oura Praia, Loja 8
Olhos D'Água	– Lilas Shop – Apartamentos Bela Vista, Bloco 1, Letra G
Montechoro	– Tab. Pap. Quiosque Alibábá – Av. Francisco Sá Carneiro
Montechoro	– Boutique Pepa – Hotel Montechoro
Montechoro	– Barateiro de Vila Magna – Centro Com. Vila Magna, Loja 62
Açoteias	– Tab. O Parque – Estrada acesso Aldeia das Açoteias
Açoteias	– Tab. Açoteias – Aldeia das Açoteias
Quarteira	– Raul Fernando C. Represas – Parque de Campismo Orbitur
Quarteira	– Quiosque Ele e Ela – Av. Infante de Sagres
Quarteira	– Quiosque Mateus – Av. Infante de Sagres
Quarteira	– Liv. Tab. Beira Mar – Centro Com. Avenida Mar, Loja 5
Vila Moura	– Tab. Triana – Pavilhão das Pirâmides, Loja 1
Vila Moura	– Supermercado Aldeia do Mar – Aldeia do Mar
Vila Moura	– Tab. Vilamoura – Lote 1-A, E/5 – Loja 9
Vila Moura	– Centro Comercial Marina, Lojas 28-29
Vila Moura	– Quiosque Posto 2 – Junto Bombas Galp
Ilha de Faro	– Quiosque Bertrand – Praia de Faro
Pedras Del Rei	– Maria de Fátima F. Raposo – Aldeamento Pedras Del Rei
Cabanas de Tavira	– Papelaria Aladino – Rua Mouzinho de Albuquerque, 2
Altura	– Tab. Netel – Largo do Mercado Municipal
Alagoa-Altura	– Quiosque Ana Cristina – Estrada Alagoa
Vila Nova Cacela	– Pap. Guta
Praia da Manta Rota	– O Bazar
Praia Verde	– João Marta Mateus "Quiosque" – Parque de Campismo Praia Verde
Pinhal do Gancho	– Alexandre Maria C.B. Santos – Aldeamento Retur
Monte Gordo	– António Fernando B. Oliveira – Parque de Campismo
V. Real St.° António	– Quiosque S. Luís II – Av. Ministro Duarte Pacheco
V. Real St.° António	– Quiosque Guadiana – Av. da República

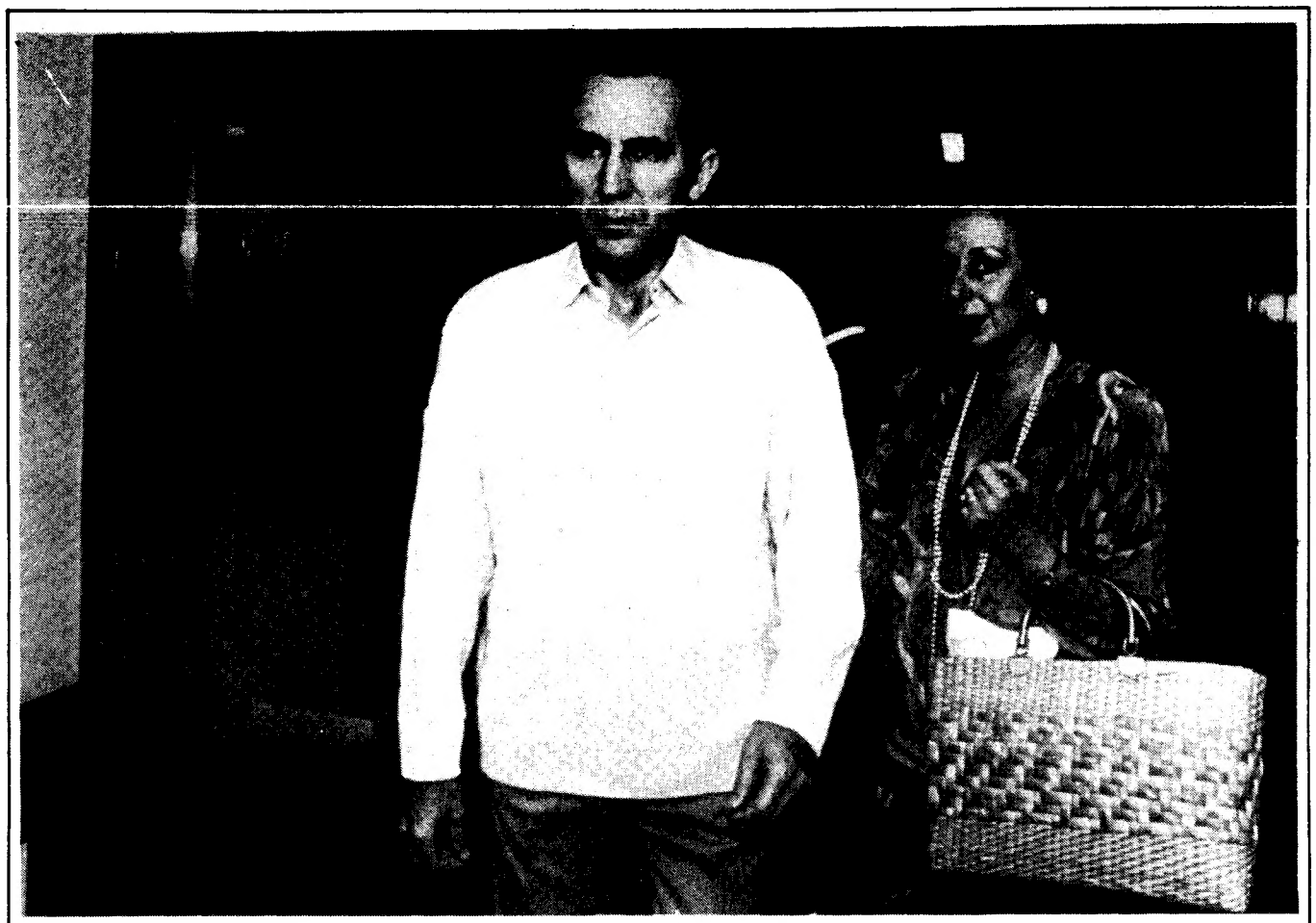
Lisboa, 28 de Julho de 1987

SERVIÇOS COMERCIAIS

ATENÇÃO

A todos os Grupos Desportivos que queiram realizar jogos de Futebol 11, de Treino ou Amizade, com o Grupo Desportivo Teatro ABC, é favor contactar com o Sr. Manuel Mitra (*), depois das 19 horas.

(*) Teatro ABC.
Parque Mayer
Telef.: 36 67 83 (Gostaria que nos contactassem).



De regresso a casa: *Ramalho Eanes saiu ontem à noite da Casa de Saúde Militar, adstrita ao Hospital Militar da Estrela, onde se encontrava em convalescença de uma operação a uma apendicite aguda, realizada na noite de 19 deste mês. O presidente do PRD seguiu para a sua casa, à Madre de Deus, «mas irá ter um período de repouso fora da capital, sob observação do seu médico assistente», segundo disse um informador do PRD.*

Nomes em foco; Lucas Pires e Rui Pena

Rui Pena revela

Novo partido pode concorrer já às próximas autárquicas

O novo partido ontem anunciado por Rui Pena ao DL poderá concorrer já às próximas eleições autárquicas — afirmou aquele advogado em entrevista concedida ontem à noite à RTP.

Rui Pena considerou que a nova organização tem «lugar no leque político-partidário português», pretendo constituir um «partido-charneira» com vocação para se aliar ao PSD ou ao PS. Contudo, esclareceu, apesar das comparações que se possam fazer, a génese do partido nada tem a ver com o processo que levou ao nascimento do PRD, pois «o novo partido nasce à volta de ideias e não de uma pessoa».

Sobre a sua saída do CDS, esclarecu que não há qualquer incompatibilidade com orgãos dirigentes democrata-cristãos. O que existe, disse, «é uma total discordância dos caminhos que o CDS tem seguido, quer do ponto de vista ideológico, quer da fidelidade à sua declaração de princípios».

Quanto ao nome do novo partido Rui Pena nada adiantou.

Cavaco representa a direita

Lucas Pires afirmou ontem em Santarém, em entrevista à RTP 2, que em Portugal não há ninguém que possa representar a direita nos próximos quatro anos que não seja Cavaco Silva.

«A direita neste momento é representada pelo PSD» — acrescentou ainda Lucas Pires, repetindo de algum modo o que havia sido dito já por Adriano Moreira na véspera, no Clube de Empresários.

O deputado nº 1 do CDS ao Parlamento Europeu manifestou depois algumas dúvidas sobre a verdadeira importância que o CDS, neste momento, terá para a direita portuguesa e sublinhou a necessidade de se realizar um amplo debate dentro do partido até ao próximo Congresso.

Continuando a manifestar mais dúvidas que certezas, Lucas Pires deixou no ar a hipótese de a área da direita democrata cristã ter de se organizar em moldes diferentes dos seguidos até aqui.

Reafirmando que não será candidato à presidência do CDS no próximo Congresso, o ex-ministro da Cultura da AD, que evitou críticas expressas a Adriano Moreira, disse claramente que teria feito uma campanha diferente da que o CDS fez para a Assembleia da República.

Mário Soares visita os Açores

O Presidente da República, Mário Soares, parte amanhã para os Açores no cumprimento de uma visita oficial ao arquipélago, onde presidirá ao encerramento do colóquio subordinado ao tema «Açores e as dinâmicas do Atlântico». O chefe do Estado aproveitará a ocasião para inaugurar as viagens regulares do navio de transporte de passageiros «Cruzeiro das Ilhas», adquirido recentemente pelo Gogerno Regional.

Nesta embarcação, Mário Soares e a sua comitiva serão obsequiados por um almoço oferecido por Mota Amaral, durante uma viagem turística de cerca de quatro horas à volta da ilha Terceira.

Acompanhado por sua filha, o Presidente da República deverá chegar ao aeroporto das Lajes às 12 e 40 locais. Depois das cerimónias protocolares, Mário Soares dará um passeio a pé e visitará a exposição «Os Açores na rota da prata», o Palácio dos Capitães Generais, o Castelinho da Fortaleza, Monte Brasil, Rocha do Canta Galo e o Alto da Memória.

No sábado, após o encerramento do colóquio e inauguração do barco, Soares será recebido na Câmara Municipal da Cidade da Praia da Vitória com uma cerimónia de boas-vindas, regressando a Lisboa às 15 e 50, num avião da Tap.

Arderam sete mil hectares em Mira

QUAL O INCÊNDIO QUE SE SEGUE?

O violento incêndio que desde segunda-feira de manhã lavrava nas matas dos concelhos de Mira e Vagos em várias frentes foi, ontem à tarde, finalmente extinto. Inicialmente «sob controlo», estava completamente apagado cerca das 16 horas. «Arderam para cima de sete mil hectares de floresta», disse esta manhã um bombeiro da corporação local ao «DL», incluindo nesse número os hectares destruídos no concelho de Vagos.

O mesmo informador acrescentou esta manhã que o parque de campismo «Vila Caia», assim como dois outros instalado na área da Praia de Mira não chegaram a ser evacuados. «Foram, isso sim, tomadas precauções especiais e visados os campistas para estarem preparados para essa hipótese».

O perímetro florestal das dunas de Mira e Vagos ficou despido de árvores e arbustos próprios daquela zona litoral-/centro. Em grande parte da faixa mais sacrificada permanece pessoal da terra para vigilância.

À excepção de um helicóptero que continua no local, todos os meios éreos utilizados durante os três dias de combate ao incêndio foram desactivados a partir das 14 horas, momento em que o fogo ficou «sob controlo».

Extinto também está o violento incêndio de grandes proporções deflagrado ontem em matas e áreas agrícolas de Pousada e Albardo, no concelho da Guarda, o qual chegou a ameaçar, a meio da tarde, quintas eexplorações agrícolas da região.Note-se que o fogo havia sido dado por extinto, numa primeira fase, ao fim da manhã.

O ataque às chamas envolveu os bombeiros das corporações da Guarda, Sabugal e Gonçalo, além de populares.

Covilhã espera mais um avião

Os dois incêndios que ontem eclodiram em áreas de mato e pinhal, no concelho da Guarda estavam extintos ao princípio da noite, um na freguesia de Barco e outro em Combões, perto das Minas da Panasqueira.

Os bombeiros da Covilhã foram transportados de Helicóptero para o «Teatro das operações» junto às Minas da Panasqueira, por ser moroso o acesso a Combões.

Em qualquer dos ataques às chamas, os sessenta bombeiros da Covilhã foram apoiados por um helicóptero e um avião de 900 litros. Aliás, a aviação foi, ontem como em outros dias, determinante para o êxito das operações, dada a distância dos fogos (20 quilómetros) e as dificuldfades de acesso a qualquer deles.

Os bombeiros da Covilhã contam com mais um avião para o combate aos incêndios na sua jurisdição. De resto, estavam-lhes destinados dois aviões, havendo um que ainda não chegou ao que parece por problemas técnicos no próp rio aparelho. «Mas contamos com ele ainda este Verão», disse-nos um informador dos bombeiros. Esse avião em falta pertence, como o que está ao seu serviço, a uma empresa de Évora, apurou o «DL».

A mesma corporação extinguiu a meio da noite um outro fogo que irrompeu em Souta da Casa e que havia sido apagado, uma primeira vez, na passada terça-feira. Este fogo consumiu mais de 26 hectares de mato e pinhal.

No incêndio, de Barco (Coutada) arderam mais de cem hectares de pinhal mato e olival.

Arderam na Lousã 33 mil hectares

Arderam ano passado 33 mil hectares de mato na área que o Centro de Operações e Detecção de Incêndios da Lousã cobre.

Caso a situação não se agrave, é muito possível que esse recorde não seja ultrapassado este Verão, muito embora já se tenham manifestado vinte e dois incêndios na zona.

Na zona da Lousã e servindo vasta extensão da Região Centro operam dois aviões e dois helicópteros, sob a dependência da Comissão Coordenadora dos Meios Aéreos. Dizem os entendidos que para assegurar um serviço eficaz de combate aos incêndios por meios aéreos seriam precisos doze aviões.

Isso não é possível porque o preço/hora pedido pelas empresas que alugam os aviões — que não são do Estado — é impraticável, bastante oneroso: 200 contos/hora. A empresa estrangeira que alugou os dois aviões e outros tantos helicópteros fê-lo por um período de 120 dias.

Como ontem noticiámos, a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento assinou um protocolo no valor de 102 mil contos com seis Câmaras Municipais da zona: Lousã, Penela, Vila Nova de Poiares, Figueiró dos Vinhos, Coimbra e Castanheira de Pêra.

Ensino particular: docentes terão aumento global de 12,5%

Os professores do ensino particular e cooperativo vão ter um aumento salarial global de cerca de 12,5 por cento.

O acordo foi obtido na terceira reunião de negociações entre a Associação de Representantes de Estabelecimentos de Ensino Particular (AEEP), a Federação Nacional dos Professores e outras organizações sindicais representativas dos trabalhadores do sector.

Os aumentos verificados nos diversos níveis da tabela oscilam entre os 11,1 e 13,5 por cento, com excepção dos professores profissionalizados ou adjuntos com grau de licenciatura ou equivalente e 25 anos de serviço que foram integrados ao nível 21, a que corresponde um aumento de 17,4 por cento, e dos professores do ensino primário com magistério e educadores de infância com curso e estágio e 25 anos de serviço que foram integrados no nível 17, a que corresponde um aumento de 20,4 por cento.

A Fenprof considera que o acordo representa um importante passo que aproximará os docentes do ensino privado do estatuto renumeratório dos seus colegas do ensino oficial, mas que outros passos terão que ser dados para que a equiparação se estenda a outros aspectos igualmente importantes, como sejam o acesso à profissionalização em serviço, já garantido na Lei; resolução dos problemas das reformas e a entrada em funcionamento de cursos de completamento de habilitações do ensino primário sem magistério, que constituem cerca de 62 por cento dos professores a leccionar neste grau de ensino nos estabelecimentos particulares.

A "bronca" de Química

Pergunta errada dá direito a cotação máxima

O Ministério da Educação emitiu um comunicado para compensar a situação dos alunos afectados pela «enunciação incorrecta» de uma pergunta do exame de Química do décimo segundo ano, de segunda chamada.

Assim, de acordo com o comunicado da Secretaria de Estado do Ensino Básico eSecundário, a todos os alunos que tenham escolhido o Grupo 3 da Qestão II será atribuída, no que respeita a 3.3, em todas as circunstâncias, a contação máxima prevista.

O exame decorreu no passado dia 15 e logo na altura o erro foi detectado por professores e alunos que se queixaram igualmente da excessiva extensão do ponto.

Apesar de os professores se debaterem com uma situação que não podiam resolver por falta de directrizes do MEC, este só ontem, alertado pela Comunicação Social, reconheceu e corrigiu o erro, seguindo o método habitual de correcção destes casos: atribuindo a cotação máxima à resposta, qualquer que ela seja.

Escolaridade obrigatória de 9 anos em vigor em 87/88

As crianças que em Setembro vão começar a frequentar o ensino primário são as primeiras abrangidas pela escolaridade obrigatória de nove anos imposta pela Lei de Bases do Sistema Educativo.

A Comissão de Reforma do Sistema Educativo anunciou que está a proceder a estudos sectoriais com vista à «melhoria da qualidade do ensino», reformulando planos curriculares e dos conteúdos de disciplinas, reestruturando o sistema de avaliação pedagógica, redefnindo a rede escolar, incrementando a educação pré-escolar e a componente de formação complementar das actividades lectivas, e redefinindo a política de acção social-escolar.

A comissão informou que dentro em breve apresentará ao ministro da Educação um conjunto de propostas concernentes à reforma global.

Sublinhou, no entanto, que as crianças que entram na escola em Setembro próximo, «o fazem sem que estejam reunidas as condições necessárias para uma garantia do sucesso escolar».

Quadro tem menos 620

Guardas florestais vão pedir subsídio de risco

Sessenta representantes dos seiscentos guardas florestais de todo o País lançaram ontem um apelo em Coimbra para que as entidades competentes reforceme redimensionem o quadro desses funconários do Estado. O actual quadro de guardas florestais — cerca de metade do número total que o quadro prevê — foi considerado mnifestamente insuficiente, de acordo com as conclusões do I Encontro Nacional de Guardas Florestais que decorreu em Coimbra.

Precáros foram também considerados os meios técnicos ao seu dispor, que os guardas florestais referiram como «insuficientes para garantir uma adequada prevenção e combate ao flagelo dos fogos».

No encontro foi discutido e aprovado um projecto de regime de trabalho dos guardas florestais que reivindica melhoria de condições não previstas desde 1983.

Nos termos desse projecto os guardas das áreas da floresta, caça e pesca vão pedir à Direcção-Geral das Florestas um subsídio de risco e perigosidade de 30 por cento, com base no vencimento da letra «J» da tabea da Função Pública.

Os guardas florestais reclamam ainda um regime de 40 horas semanais e o aumento das remunerações por trabalho nocturno e extraordinário.

Relativamente a questões de segurança, aqueles trabalhadoes da Função Pública exigem a aplicação dos regulamentos internacionais e da legislação actualmente em vigor.

Seguro de acidente em serviço, majoração do tempo de serviço para o efeito de aposentação e revalorização da carreira em cinco categorias.

Os guardas florestais exigem ainda que o fardamento seja fornecido anualmente e seja adequado às diversas condições climatéricas.

O encontro de Coimbra aprovou uma resolução exigindo da Direcção-Geral de Florestas a reabertura das negociações suspensas em Novembro de 1986.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE CASCAIS

O Doutor CARLOS AUGUSTO ARAGÃO GARCIA REIS, Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Cascais.

Faz saber que, nos autos de carta precatória registados sob o n.º 45/87-2.ª Secção, extraída dos autos de execução de sentença n.º 162/A/79 do 12.º Juizo 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa e a correr seus termos pela 2.ª Secção de Processos deste Tribunal, em que é exequente José Maria da Costa e executada a Sociedade de Moagem de Carcavelos, Ld.ª, com sede na Av.ª do Loureiro, n.º 32 Carcavelos, foi designado o dia 19 de Outubro p.º f.º pelas 10 horas, a fim de se proceder pela primeira vez à praça no edifício deste Tribunal do Trabalho sito na Travessa da Conceição n.º 6 Cascais e arrematado pelo maior lanço oferecido, superior ao que se indica, dos seguintes bens penhorados à referida executada:

BENS A VENDER

VERBA N.º 1. — Um alternador, Sev. 68.118/E, de 1968, Mot 69 Amps. 48.6, R.P. n.º 1000—Motor n.º 9, fabricado por The Macfarlne Eng.º Co. Ld.ª Netherlee Road, Cathcart — Glasgow S.4 fixo ao chão em regular estado de conservação e funcionamento avaliado em 1 000 000$00 (um milhão de escudos);

VERBA N.º 2. — Pacadura «marca Mano» fabricada por Albino Morais & Santos, Ld.ª, cor Azul, em Funcionamento, avaliada em 300 000$00 (trezentos mil escudos);

VERBA N.º 3. — Uma máquina de carregar Sacas, fabricada por Reichardt, Amesterd—Holanda, com o peso máximo de 100 K—Machine N.º 2144-1960, em funcionamento avaliada em 200 000$00 (duzentos mil escudos).

VERBA N.º 4. — Um motor Eléctrico fabricado por Encineering C.ª Ld.ª sem número visível ou quaisquer elementos de identificação em mau estado avaliado em 100 000$00 (cem mil escudos).

VERBA N.º 5. — Um motor a gasóleo de marca Lulzes — fabricado por Casa Cirão Ind. — 2944 DVG 240 C V 30-7-1947, registado na Direcção Geral dos Combustíveis sob o n.º 9409 de 16-12-57, avaliado em 800 000$00 (oitocentos mil escudos).

Cascais aos 28-7-987

O Juiz de Direito
AS) *Carlos Augusto Aragão Garcia Reis*

O Escrivão de Direito,
AS) *João de Matos Canas*

«D.L.» — 30/7/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 8.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz saber que pela 1.ª Secção do 8.º Juízo do Tibunal do Trabalho de Lisboa correm éditos de TRINTA dias, citando a Ré CLYDE SHIPPING INTERNACIONAL, com última sede conhecida na Travessa do Corpo Santo — 10-3.º-Dt.º-B — Lisboa, para, no prazo de DEZ dias, contados a partir da segunda e última publicações e, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, quer o pedido de assistência judiciária formulado pela Autora, quer a acção de Contrato de Trabalho que, sob o n.º 5/87 lhe move MATILDE MENDES PEDRO CINTRA, residente na Rua Rosalina n.º 8 — Bairro Estrela de Ouro — Lisboa, sob pena de não o fazendo serem considerados confessados os factos articulados pela Autora, cujo pedido, no montante de Esc.: 901 736$00 se baseia nas diferenças de subsídio de morte e Natal, conforme petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição da Ré, na Secção do Processo.

Lisboa, 14 de Julho de 1987
O JUIZ DE DIREITO
a) *Abílio Lopes Cardoso*
O Escrivão Adjunto
a) *Mário Lopes Fragoso*

«D.L.» — 30/7/87 — 1.ª Pub.

VENDE-SE
Fiat 127 900 C

Em bom estado geral, pintado recentemente. Pela melhor oferta.

Telf.: 204 67 12
(A partir das 19 h)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE CASCAIS

ANÚNCIO

O Doutor Carlos Augusto Aragão Garcia Reis, Meritíssimo Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Cascais.

Faz saber, que pela 1.ª secção deste Tribunal, correm termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho n.º 101/86, sob forma Ordinária em que é Autor — Hermâni Moreira Martins, residente na Rua António Louro — Vivenda Mater Dolorosa — Rana — Parede e Ré — Dival—Sociedade de Estruturas de Portugal, Ld.ª, com última residência conhecida, na Av. Infante D. Henrique — Murtal — S. Pedro do Estoril, é citada a Ré para no prazo de 10 dias, finda a dilação de 30 dias, contados da data da 2.ª e última publicação deste anúncio sob pena de se terem por confessados os factos articulados pelo Autor. Nos autos o A. pede a condenação da Ré no montante de 435 500$00, devidos por ordenados, horas extraordinárias e indemnização por despedimento.

O duplicado da petição inicial encontra-se à sua disposição na secretaria deste Tribunal, onde pode ser levantado nas horas normais de serviço.

Para constar se lavrou o presente que vai ser devidamente assinado.

Cascais, aos 27 de Julho de 1987
O Juiz de Direito
a) *Carlos Augusto Aragão Garcia Reis*
O Escrivão-Adjunto
a) *Francisco Gonçalves dos Santos*

«D.L.» — 30/7/87 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 13.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução SENTENÇA, n.º 4208/A, 3.ª secção.

Exequentes – ORMIS – EMBALAGENS DE PORTUGAL, SARL.

Executado – JOSÉ ANTÓNIO RITTA – CONSERVAS DE PEIXE, SARL, com sede na Av.ª do Brasil, 1, Vila Real de Santo António.

Lisboa, 15 de Julho de 1987

O Juiz de Direito
Dario Pinto de Andrade Rainho

O Escrivão de Direito
Maria de Fátima Ribeiro Barata

(«DL», 30/7/87 – 2.ª Pub.)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LOURES

ANÚNCIO

Proc. n.º 269/A/85 2.ª Secção

Pela 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Loures, correm seus termos uns autos de Execução de Sentença, em que é Exequente, Manuel Tavares de Oliveira e Executada, LEUROLUMÍNIO – SOCIEDADE TÉCNICA DE FERROS E ALUMÍNIOS, LDA., com sede na Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais – Camarate e neles correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loures, 22 de Julho de 1987

O JUIZ DE DIREITO
(Assinatura ilegível)

A ESCRIVÃ-ADJUNTA
(Assinatura ilegível)

(«DL», 30/7/87 – 2.ª Pub.)

Turismo cinegético nunca é de quantidade...

APOSTA NA QUALIDADE DO ALGARVE: JÁ HÁ FAISÕES PARA CAÇADAS

A primeira exploração de faisões destinados a caçadas, que se integram no fomento do turismo de qualidade, começou agora a funcionar na Quinta da Rocha, cerca de 10 quilómetros de Portimão.

As instalações constam essencialmente de dois pavilhões, um para as aves-bebés se criarem durante um certo período, e outro, com uma área de 3300 metros quadrados semicoberta, que funciona como parque de voo onde os animais se desenvolverão em contacto com a natureza.

Das instalações da Quinta da Rocha, os faisões seguirão em tempo oportuno para a Quinta do Freixo, com 1250 hectares, na freguesia de Alte, concelho de Loulé, para serem utilizados em caçadas na época baixa do turismo, segundo o gerente da «Turicaça», Carlos Correia.

Aquela sociedade projecta também caçadas aos pombos, rolas e veados, e batidas aos javalis, tanto na Quinta do Freixo como noutra, de 4000 hectares, adquirida no concelho alentejano de Mértola, referiu o empresário.

Para uma caçada ao faisão, são soltas 500 aves destinadas aos caçadores testados num máximo de 15 «portas», que se adquirem ao preço de cerca de 70 000 escudos, explicou Carlos Correia.

Além disso, o cliente/caçador tem direito a alimentação e alojamento e pode abater um número ilimitado d peça que ficarão sua propriedade.

«O turismo cinegético nunca é de quantidade, mas sempre de qualidade», afirmou o gerente da «Turicaça», lembrando que na vizinha Espanha essa actividade rende muitos milhões de contos por ano e que em Portugal a oferta neste sector praticamente não tem investido até agora.

Os primeiros faisões importados de Machester (Inglaterra) no próprio dia em que nasceram, viajaram de avião em duas remessas de 2500 e já se encontram na Quinta da Rocha.

Nem todos, porém, lograram alcançar o seu destino porque se da primeira vez apenas morreu uma ave, na segunda a mortandade atingiu mais de 800, atribuindo Carlos Correia esse desastre ao facto de o avião não ter viajado directamente para Faro, mas antes para Lisboa e também aos serviços da TAP que «obrigaram a utilizar caixas não-apropriadas».

Pelas razões de instabilidade e insegurança que a importação apresenta e também pela carestia dos transportes, a «Turicaça» projecta a médio prazo a construção de aviários próprios, anunciou Carlos Correia.

Velejadores solitários já são uma espécie de cartaz

Semana do Mar anima cidade da Horta

Trajando de «jeans» e blusas de algodão, de sandálias ou sapatilhas, os velejadores solitários ou em grupo «invadem» de Verão a cidade açoriana da Horta, dando-lhe um colorido diferente e um tom exótico.

São eles que exercem sobre centenas de jovens de várias ilhas dos Açores o fascínio pelo confronto com outras culturas, fazendo com que acorram anualmente ao Faial para participar na Semana do Mar, cuja décima segunda edição se iniciará domingo.

Alguns são donos dos respectivos iates, pagos por economias de anos de trabalho, mas outros viajam à boleia ou são, inclusivamente, condutores de barcos de milionários americanos que querem passar férias no Mediterrâneo.

Há também os que a necessidade obriga a trabalhar nas zonas onde fazem escala, a fim de obterem rendimento para custear as despesas da viagem.

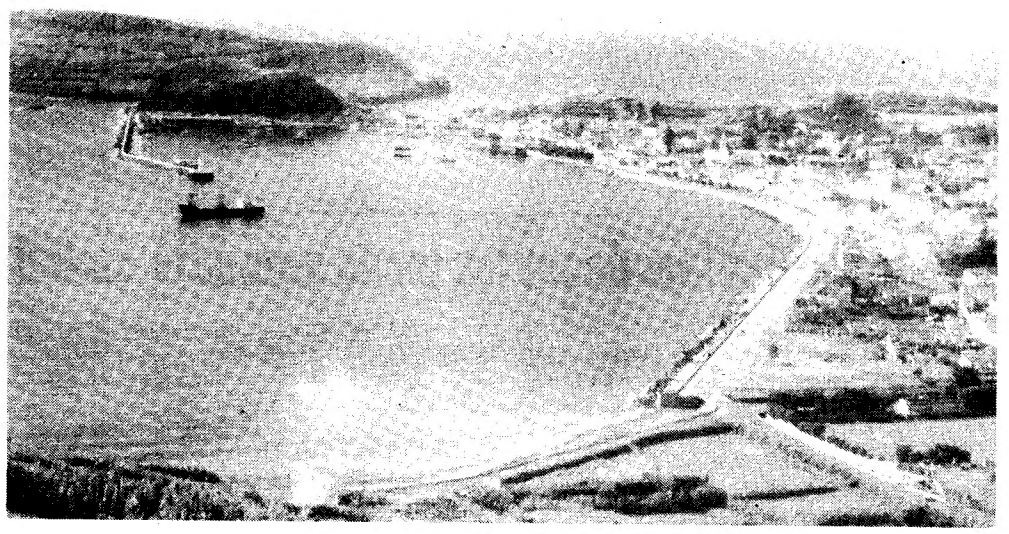
Na sua maioria, fazem a travessia do Atlântico viajando da Europa para a América e vice-versa.

O proprietário do café «Peter's», por onde grande número deles passa, disse à Lusa que os velejadores são os responsáveis pela «maior acção de propaganda» que se faz do Faial no exterior.

«É o iatismo que nos interessa, pois promove também a actividade de restaurantes e cafés e a venda, nomeadamente, de artesanato», salientou.

E há o «gin» do «Peter's»

Para o dono do «Peter's», famoso pelo «gin» que serve aos visitantes do Faial, os velejadores que atracam na Horta «são de uns e outros, com dinheiro e sem dinheiro».



Em reconhecimento da sua importância na actividade económica da Horta, uma pequena cidade com pouco mais de 5 000 habitantes, o Governo açoriano construiu recentemente uma marina no interior do respectivo porto.

Por esta marina passaram, até meados deste ano, cerca de meio milhar de iates, a que foram prestados variados serviços a preços inferiores a tarifas praticadas em estruturas semelhantes em países europeus e americanos.

Construída ao longo da costa, a Horta teve a sua actividade económica sempre ligada ao oceano, sendo ponto para o escoamento dos produtos locais e das ilhas vizinhas (trigo, vinho, algum dele para as adegas do czar, e inhames), e escala para os navios a carvão e hidroaviões.

Foi também porto para baleeiros americanos, desempenhando papel relevante na primeira e segunda guerras mundiais. Na Segunda Guerra o seu porto, construído em meados do século XIX, foi utilizado como base naval dos aliados, que procederam ao corte dos cabos submarinos alemães e italianos que por aqui passavam.

Iatismo e pesca

Além do iatismo, que a diferencia das outras quatro cidades insulares, a Horta mantém outra importante actividade ligada ao mar, a pesca, de que depende uma enraízada indústria conserveira.

A actividade piscatória bem como o folclore e as tradições da ilha são também temas da Semana do Mar, um certame que se prolonga até dia 9.

Cortejos etnográficos e actuações de vários artistas locais e do continente, nomeadamente Cidália Moreira, os Rádio Macau e o coro da capela da Universidade de Coimbra constam do programa dos festejos.

Filarmónicas e ranchos folclóricos de várias ilhas e do estrangeiro, nomeadamente da Grécia e Espanha, são outras das atracções da Semana do Mar, promovida pelo município local e pelo Clube Naval.

As zonas onde decorrem os festejos estarão engalanadas e iluminadas por milhares de lâmpadas eléctricas, à semelhança do que acontece nas festas típicas em outras ilhas açorianas.

Também comum às festas insulares são as barracas de comes-e-bebes que aparecerão na Horta por ocasião do certame, igualmente enriquecido por exposições e feiras.

Na baía da Horta e no canal Faial-Pico realizam-se, em paralelo, várias provas náuticas que culminam em a regata do canal no último dia dos festejos, em que participam os velejadores atracados na marina.

Modalidades náuticas em evidência na décima segunda edição da Semana do Mar são também o remo, natação, pólo aquático e «wind-surf».

Governo financia renovações de transportes colectivos

As empresas de transportes públicos colectivos de passageiros, públicas e privadas, têm este ano idêntico tratamento no que respeita à concepção de financiamentos do Estado para a renovação das frotas e equipamentos, segundo um diploma hoje publicado no «Diário da República».

Em 1987 serão concedidos às empresas de transportes públicos financiamentos não reembolsáveis até ao limite de 500 mil contos como incentivo ao financiamento, que abrange a aquisição de novos veículos ou a reconstrução de usados, que se destinam de carreiras regulares e equipamento para serem instalados em veículos, em estações ou em terminais de passageiros.

No caso da Rodoviária Nacional atribuiu-se a este empresa pública a faculdade de recorrer às disposições deste despacho. No entanto, a Companhia Carris de Ferro de Lisboa e o Serviço de Transportes Colectivos do Porto continuam a não ser abrangidos por aquele despacho face à natureza e dimensões dos seus problemas mas, segundo o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, não se perde de vista «o ojectivo de se criarem condições que permitam a aplicação, a prazo, daquele mesmo princípio de igualdade de tratamento entre operadores públicos e privados».

No ano transacto, dada a situação existente à data da aprovação do despacho, decorrente de compromissos anteriores, não foi possível assegurar integralmente o princípio de igualdade de tratamento das empresas independentemente da sua natureza jurídica, pelo que o despacho foi de aplicação restrita às empresas privadas, tendo a Rodoviária Nacional e os serviços mucipalizados sido objecto de apoio financeiro do Estado em modalidades diferentes.

Dirigentes da Fenprof em organizações internacionais

Duas dirigentes da Federação Nacional dos Professores (FENPROF) foram eleitos para as comissões executivas das federações Internacional de Professores do Ensino Prmário (FIAI) e Internacional de Professores do Ensino Secundário Oficial (FIPESO).

Em comunicado. o secretariado nacional da FENPROF informou que a professora Lurdes Fernandes foi eleita para a comissão executiva da FIAI e a professora Manuela Esteves assumiu idêntico cargo na FISEPO. no decorrer de congressos daquelas estruturas sindicais. que se realizaram recentemente na Grécia.

Carlos Pimenta revelou ao "DL"

PORTUGAL PROPÕE MALHA APERTADA PARA AS "BANDEIRAS AZUIS"

Nuno Ribeiro

Portugal vai propôr uma malha mais apertada para a atribuição às praias de bandeiras azuis da Comunidade, revelou esta manhã ao «DL» o secretário de Estado do Ambiente. Carlos Pimenta referiu ainda que vai ser publicada em breve a regulamentação sobre a protecção das albufeiras, de acordo com o uso que se pretenda fazer das águas, desde o abastecimento público, o critério mais rigoroso, até à produção de energia.

Bandeira azul: critérios parecem ainda demasiado amplos

«No final deste ano a proposta portuguesa a ser apresentada em Bruxelas vai ser de apertar os critérios de atribuição da «bandeira azul», nomeadamente na parte urbanística envolvente e de integração ambiental», declarou esta manhã ao «DL» o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.

A actuação do nosso país insere-se no esquema e calendário previsto pela Comunidade: assim. «no final do Ano Europeu do Ambiente, cada um dos países vai propôr a revisão dos critérios», adiantou Carlos Pimenta, sublinhando que uma decisão final será tomada em Março do próximo ano.

«A reflexão que estamos a fazer vai no sentido de que quando for atribuída a «bandeira azul» a uma praia, esta classificação implicará responsabilidades na parte envolvente», prosseguiu.

De acordo com o calendário previsto pela Comunidade, a partir de 1991 passarão a existir três tipos de praiais. As classificadas com a «bandeira azul», «com critérios que irão ser apertados aos poucos e fiscalizadas internacionalmente», as sem nenhum galardão comunitário, «mas cuja qualidade das águas, e só esta, responde às directivas da CEE», e um terceiro tipo, «uma lista negra de praias que serão encerradas, como já acontece nalguns países europeus».

«Tamariz fez o dobro das análises»

As praias com «bandeira azul» serão publicadas em volume elaborado pela Comunidade e distribuído pelos operadores e inserido nos roteiros turísticos, numa campanha de informação em grande escala.

Por outro lado, acentuou Carlos Pimenta, «praias que venham a perder o galardão entram, de imediato por um período de dois anos, na lista negra».

Sobre a não realização por todo o país de análises à qualidade das águas, que levou a que, por exemplo no litoral de Vila do Conde apenas a uma praia fosse atribuída a «bandeira azul», o secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais sublinhou que, «em 1986, nem as Câmaras Municipais, os concessionários ou as Administrações Regionais de Saúde, demonstraram que cumprem os 15 critérios obrigatórios, entre os quais os de saúde pública, nomeadamente da qualidade das águas e das areias, e alguns dos outros 15 facultativos».

Sublinhando que «a areia em termos de propagação de doenças é tão perigosa como as águas», Carlos Pimenta acentuou que «os concessionários têm de ser sensibilizados para as múltiplas tarefas que têm de cumprir, desde avisos ao civismo, informações sobre segurança, existência de meios de salvamento, limpeza das praias...».

Em relação à praia do Tamariz, que benificia da atribuição de uma «bandeira azul», ontem içada, e que até há pouco tempo era apontada como uma praia muito poluída, o secretário de Estado precisou que ali «foram feitas o dobro das análises».

«Inspecção da CEE vai a 10 praias»

«Foram feitas o dobro das análises que eram recomendadas pela directiva e nada de anormal foi detectado», precisou, referindo-se à única praia da linha do Estoril, e uma das duas praias do concelho de Cascais que agora benificiam do galardão da Comunidade Económica Europeia.

Carlos Pimenta: é preciso apertar mais

«Nos 15 critérios obrigatórios a praia passou, e nos 15 facultativos passou em 10, com os cinco restantes relacionados com itens da informação ao público, e não com problemas bacteriológicos», assinalou.

A razão desta situação prende-se, segundo Carlos Pimenta, com o facto «de existirem praias no concelho de Cascais que apesar de estarem em mar aberto, estão poluídas, porque apanham a saída das ribeiras». «Este não é o caso da praia do Tamariz», sublinhou.

No entanto, quaisquer dúvidas que ainda existam junto dos banhistas serão ultrapassadas uma vez que as praias vão ser inspeccionadas pela CEE.

«Vai estar em Portugal uma Inspecção Internacional da Comunidade Económica Europeia, constituída por organismos privados de defesa do consumidor que vão fiscalizar 10 praias por ele escolhidas», revelou. «Vão tirar amostras, fazer análises, verificar no local, inclusivamente tirando fotografias, e depois comunicam a Bruxelas se houve ou não seriedade».

Albufeiras vão ser protegidas

As albufeiras portuguesas vão ser protegidas, de acordo com a regulamentação de uma lei de 1972, que «já está feita, e que ainda não foi aprovada porque entretanto o governo caíu».

Para cada albufeira será estabelecido um grau de protecção, de acordo com a utilização prevista. «De abastecimento público, o critério mais rigoroso, a produção de energia, o mais baixo, passando pela contacto físico, água para banhos, pesca e rega».

Para além destes factores, «vão ser considerados outros critérios, nomeadamente se as zonas envolventes são ou não áreas protegidas, como ocorre no caso de Vilarinho das Furnas, devido à protecção ao parque natural».

Abordando outro caso pontual, Carlos Pimenta sublinhou existirem algumas dúvidas sobre o que se vai fazer em Castelo de Bode, «se a zona de proibição de motonautica e actividades nauticas é só num determinado raio à volta da captação da EPAL, ou se é em toda a zona».

As 74 praias galardoadas

É a seguinte a lista das 74 praias distinguidas pela «bandeira azul» da Comunidade Económica Europeia.

Na zona Norte do país, no Muncípio de Vila do Conde, a praia de Vila Chã, em Espinho, a da Baía, e em Esposende, as do Mar, Ofir/Fão, Esposende e Apúlia.

Na região Centro, Ovar, com o Furadouro, Mira com a praia do mesmo nome, Figueira da Foz e Leiria, este concelho com a praia de Pedrogão, são os areais que passam a ter içada a «bandeira azul» da CEE.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, aumentam consideràvelmente o número de praias distinguidas. No Município de Almada, a do Belo Horizonte, Dragão, Bexiga, Praia Nova, SFUAP, Morena, Infante, Nova Vaga, Fonte da Telha, Cabana do Pescador, Praia do Rei, Praia da Raínha, Bela Vista, Terminus, Orbitur e Marcelino. No Município de Cascais, as duas únicas praias da «Costa do Estoril», a do Tamariz e do Guincho. A praia da Nazaré, a da Califórnia, em Sesimbra, a da Figueirinha, em Setúbal, e a de Paimogo, na Lourinhã, completam a lista.

No Alentejo, o Município de Grândola vê a «bandeira azul» a flutuar nas praias de Tróia Mar, Tróia Galé e Comporta. Em Sines, são recomendadas pelas directivas comunitárias as praias de Porto Côvo, S. Torpes e Vasco da Gama, e no Município de Odemira as de Odeceixe, Almograve e Vila Nova de Milfontes.

No Algarve, há 33 bandeiras azuis distribuídas por 11 concelhos: S.Roque/Meia Praia, D. Ana, Porto de Mós e Luz, em Lagos; Alvor, Três Irmãos, Vau, Três Castelos e Rocha, em Portimão; Ferragudo e Praia Grande, em Lagoa; Armação de Pêra, em Silves; Galé, Tunel, Pescadores, INATEL, Alemães/Forte de S. João, Maria Luisa, Falésia/Vilamoura, em Albufeira; Vilamoura, Quarteira, Vale do Lobo e Quinta do Lobo, em Loulé; a praia de Faro, em Faro; Armona/Mar e Fuzeta/Mar, em Olhão; Barril, Ilha de Tavira e Cabanas, em Tavira; Alagoa, Altura, Praia Verde e Retur, em Castro Marim; Manta Rota e Monte Gordo, em Vila Real de Santo António.

Ex-raptada detida pela Polícia Judiciária

CHEQUE "CARECA" DE 559 CONTOS LEVA MARIA CÂNDIDA À PRISÃO

A Policia Judiciária cumpriu ontem o mandado de captura emitido pelo 1º Juízo Criminal do Porto, prendendo Maria Cândida Dias Freire da Costa, companheira do ex–cônsul da Libéria no Porto, por passagem de um cheque sem cobertura no valor de 559 contos.

Termina assim mais um episódio de um «caso» que, se não fosse o rapto da passada sexta–feira em Castelo de Paiva, e a personalidade dos envolvidos, não viria certamente a público.

Com efeito, o rapto, na manhã de sexta–feira da companheira do ex–cônsul da Libéria no Porto, na Quinta do Toutiçal, no lugar de Fornos, concelho de Castelo de Paiva, voltou a atrair as atenções para um caso que tinha tido o seu ponto mais alto e espectacular na apreensão de diamantes no aeroporto de Pedras Rubras.

A partir de então, desencaderam–se novos desenvolvimentos, com o cônsul da Libéria a ser proibído pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros de exercer a actividade diplomática, a DIACOR, empresa com escritórios num Centro Comercial do Porto, a encerrar as suas portas, e a aparecer uma nova firma, a «Real & Freire- Sociedade de Tratamento de Metais Lda», constituída por Fernando Granhão Vila Real e Maria Cândida Dias Freire da Costa.

Raptores eram... convidados?

Mas o estranho rapto trouxe tudo de novo «à baila», e agora algumas fontes que os dois cidadãos espanhóis que, na companhia do já detido Carlos Alberto da Silva Lemos, na manhã de sexta–feira raptaram Maria Cândida, tinham sido na véspera... convidados na Quinta do Toutiçal.

Embora os investigadores não tenham grandes esperanças de encontrarem o duo espanhol, a presença de cidadãos do país vizinho, segundo alguns jornais nortenhos presumíveis membros de uma organização terrotista não mencionada, levanta interrogações.

A serem terroristas, que tipo de relações mantinham com Granhão Vila Real? Se não eram conhecidos do casal, porque os receberam em Castelo de Paiva? Actuavam por contra própria, ou eram «enviados» de alguém?

Estas são as interrogações ainda não respondidas pela Policia Judiciária que ontem quebrou o seu silêncio sobre o caso para anunciar a iminente detenção de Maria Cândida, por um cheque «careca», afinal uma questão secundária quando, pelo caminho, existem suspeitas de actividades ilícitas e um rapto, cuja motivação e história, está ainda por esclarecer.

No entanto, mesmo esta acção processou–se de forma confusa, pois já existia há muito tempo um mandado de captura emitido pelo 1º Juízo Criminal do Porto e enviado para o Pelotão de Segurança da PSP, que não tinha até agora sido cumprido.

Quatro portugueses mortos em acidente de viação em Espanha

Quatro pessoas morreram e nove ficaram gravemente feridas. das quais 11 de nacionalidade portuguesa. numa colisão entre uma carrinha ocupada por portugueses e um camião. no acidente de Espanha.

O acidente verificou-se cerca das 3.10 horas (2.10 em Portugal). na estrada nacional Madrid-Corunha. perto de Benavente. num cruzamento considerado um dos «pontos negros» das estradas da província espanhola de Zamora.

Fontes da Guarda Civil disseram desconhecer ainda a causa do acidente. mas adiantaram a possibilidade de um dos veículos envolvidos não ter respeitado um sinal de stop.

A identidade das vítimas portuguesas que seguiam na carrinha. de matricula francesa. é a seguinte: António de Moura Mendes de 25 anos. Isabel Alves Afonso Ferreira de 30. David Afonso Ferreira de 5 anos. mortos; António Dias da Conceição de 36 anos. Almerinda da Silva Inácio. de 33. Nelli Inácio Dias. de 13. Hélder Inácio Dias. de 10. Hélder Afonso Ferreira. de 7. José Garcia Lopes Ferreira. de 31. Laurinda dos Santos. de 21. Sandrine Inácio Dias. de 13. anos. gravemente feridos.

Além destas vítimas. morreu ainda uma ocupante do camião. Maria de Los Angeles Pascual. de 27 anos. e ficou ferido o condutor do mesmo veículo. Jesus Gonzalez Rorrijos. de 28. ambos de nacionalidade espanhola.

Jovem alemão cometeu 14 furtos e roubos

Quando se preparava para descontar um cheque de 175 contos, anteriormente furtado, foi ontem preso numa dependência de Lisboa do Banco Totta e Açores, um jovem alemão de pouco mais de 20 anos, que acabaria por confessar a autoria de 14 assaltos a residências; alguns praticados à mão armada para atemorizar os locatários.

O furto que permitiria a captura teve como alvo uma residência da rua Prior do Crato, na área de Alcântara, em Lisboa, onde o jovem germânico entrou por meio de arrombamento na ausência dos locatários. Na oportunidade apoderou-se de um anel de noivado em ouro branco, relógios, pulseiras de ouro e prata, quarenta contos em dinheiro, tudo no valor total de 210 contos e ainda o referido cheque ao portador na importância de 175 contos.

A Polícia Judiciária viria a apurar que o detido evadiu-se há tempos de um centro de tratamento de drogados na Alemanha Federal e conseguiu atingir Portugal apesar de apenas ter consigo 25 marcos na altura da fuga.

O modelo de quiosque aprovado pela Câmara

Até ao fim do ano vão ser 60 ou 70

Lisboa "invadida" por quiosques

Entre 60 a 70 quiosques, predominantemente nas zonas de Olivais, Lumiar, Benfica, Chelas, Avenidas Novas e Alvalade, vão ser instalados em Lisboa até ao fim do ano.

De acordo com uma nota divulgada pela Câmara Municipal de Lisboa, os primeiros vinte, destinados à venda de revistas, jornais, tabaco, flores e bijuterias, serão atribuídos a deficientes, tendo já o respectivo modelo sido aprovado.

«Trata–se da concretização de uma iniciativa há largos meses em estudo pelos serviços de Espaços Verdes», refere o comunicado do Município, sublinhando que se tem em vista «não só dar satisfação aos inúmeros pedidos pendentes para a instalação deste tipo de equipamento, como também para a escolha dos modelos mais dignos em termos de enquadramento paisagístico, funcionalidade e preço».

Embora haja um modelo aprovado pela Câmara de Lisboa, cujo preço oscila entre os 500 e os 800 contos, «não existe qualquer obstáculo à implantação de um qualquer outro modelo desde que aprovado pela edilidade», pois, segundo a Câmara, «teve–se presente com esta medida prespectivar o quisque, não como um objecto de luxo, mas como um objecto social através do qual se procura a criação de postos de trabalho e a satisfação das necessidades colectivas junto dos aglomerados populacionais.

Ano lectivo atrasado

— prevê Sindicato da Região Centro

O Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC) afirmu em Coimbra. que o processo de lançamento do novo ano escolar «está consideravelmente atrasado».

Em comunicado. aquela estrutura sindical considera que esse atraso «permite supor que em 21 de Setembro (data prevista para a abertura oficial do ano lectivo) muitas escolas não poderão iniciar com normalidade o seu trabalho».

Afirma ainda que os edifícios escolares que necessitavam de reparações «não sofreram. na generalidade. qualquer melhoria. o que poderá significar que professores e alunos terão de enfrentar mas um ano em situação pouco propícia à realização com êxito do processo de ensino-/aprendizagem».

ENTRE FUNDO E TIGO

Mário Castrim

E u cá, santa paciência, peço desculpa aos meus exigentes correlegionários, mas quando se fala de cultura, puxo logo de política, perdão!, quando se fala de política, puxo logo da cultura. Bom, há aqui uma certa confusão, não percebo claramente o que escrevi mas também agora é tarde para reler. O que eu quero dizer na minha, é o seguinte: quando se fala de cultura, o meu coração bate tão apressado que nem dá pela política. Embarco logo. E dentro do ramo da cultura, são os livros quem me apaixona, talvez por não ter jeito nenhum para os escrever. Quem livros deseja, minha boca beija.

Posso oferecer este **slogan** *à Associação dos livreiros para fazer propaganda na televisão. Gratuito, claro.*

Por isso, ninguém (ninguém mesmo!) imagina o encanto com que ouvi a secretária de Estado no tempo de antena do seu partido. Disse-nos ela que está pensando num projecto formidável para a expansão da leitura. Parece que o País fica, em termos bibliotecários, coberto de uma rede de malha mais estreita do que a rede de apanhar camarão.

Por mim, honestamente, só imploro à senhora secretária que se despache. Ela deve saber que se encontra numa corrida contra o tempo. Como dizia a outra: **Acude e corre, pai, que se não corres não acharás aqueles que socorres,** *em que o primeiro* **que** *é uma conjunção causal e o segundo um pronome relativo.*

Digo que se apresse porque o tempo corre contra os escritores. Ficámos sabendo, há pouco, que a Associação Portuguesa de Escritores está prestes a fechar as portas por falta de meios, que lhe são negados inclusive pela Secretaria de Estado da Cultura a qual responde que lava daí as suas mãos.

À míngua de condições de vida, os escritores tenderão a desaparecer, como o lince da Malcata. Dentro de pouco, não haverá escrituras, e depois como há-de a senhora secretária abrir suas estantes de livros? A menos, bom, a menos que sejam livros — de cheques.

SITUAÇÃO DAS RÁDIOS PORTUGUESAS EM PARIS PODERÁ ALTERAR-SE

A Comissão Nacional da Comunicação e das Liberdades (CNCL) francesa poderá vir a alterar ainda esta semana algumas decisões recentes e atribuir à comunidade portuguesa uma frequência suplementar para uma estação de rádio em FM na região parisiense.

«A CNCL tem cinco frequências no bolso para reparar as injustiças e posso garantir que nos estamos a mexer a alto nível para não ficarmos lesados», disse à Lusa Carlos Duarte, um dos principais animadores do Rádio Clube Português de Paris.

«Nenhuma das rádios portuguesas a emitir em Paris — Rádio Clube Português, Rádio Eglantine e Rádio Portugal no Mundo — tiveram, autorização para continuar as suas emissões.

Apenas uma rádio portuguesa ainda em projecto — a Alfa — foi autorizada a compartilhar uma banda com uma rádio africana francófona, a Alfa-Talva. Mas nem os representantes da Alfa — segundo a Lusa em Paris, — ficaram satisfeitos, com a decisão, pois como disse àquela agência noticiosa Jaime Mendes, «a nossa intenção é obtermos uma frequência a tempo completo e não partilharmos uma frequência com uma estação africana, a que nada nos liga».

As decisões da CNCL têm estado a ser vigorosamente contestadas pelas rádios excluídas, as quais se mobilizaram em diversas manifestações.

Algumas centenas de portugueses reuniram-se ontem na Praça da Bastilha, em Paris, para protestar contra a exclusão das três candidaturas portuguesas. Os manifestantes fizeram notar nas suas bandeirolas que as três rádios em questão já funcionavam, enquanto a Rádio Alpha não passava ainda de um projecto.

A direcção do Rádio Clube Português, a mais antiga das três rádios locais portuguesas em Paris, emitiu em Portugal um comunicado, no qual considera injusta a decisão da Comissão francesa «pelo facto de a nossa comunidade ser numericamente a mais importante das comunidades estrangeiras radicadas em França».

«O PCP contesta categoricamente esta decisão que considera ser uma violação da dignidade do povo português», prossegue o comunicado, concluindo com a promessa da defesa do «projecto de uma rádio cultural, independente do poder político e do poder económico, 24 horas por dia, ao serviço da Comunidade Portuguesa».

Também o Sindicato dos Professores Portugueses na Europa, membro da FENPROF, classificou o fecho das três estações de rádio como «altamente lesiva dos interesses dos trabalhadores portugueses» naquele país.

«As emissões destas rádios locais — afirma o Sindicato em comunicado – gozavam de grande popularidade no seio da comunidade emigrante, constituindo um poderoso veículo da nossa língua e cultura e um elo de ligação a Portugal».

A concretizar-se o encerramento das emissoras, o Sindicato dos Professores Portugueses na Europa, com sede em Paris, considera que se terá então consumado «um ataque à cultura portuguesa em França».

Apelando ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para que intervenha no caso, «no sentido de defender os interesses» da língua e da cultura portuguesas, os professores assinalam que, no âmbito das emissoras em língua estrangeira, foram autorizadas quatro rádios de língua árabe, que emitem para uma comunidade menos numerosa em França do que a portuguesa.

Por seu lado, o Sindicato das Artes e Espectáculos, português, o SIARTE, apelou ao Presidente da república para que pressione o governo francês de modo a não retirar as frequências às três rádios de língua portuguesa.

Médicos da AMI começam em Setembro a assistir população da Guiné-Bissau

Médicos portugueses começarão a trabalhar na zona do Boé, no Sueste da Guiné-Bissau, na primeira quinzena de Setembro, disse o presidente da Ajuda Médica Internacional, Fernando Nobre.

A AMI, uma oranização não-governamental portuguesa, assinou em 1986 um protocolo com o Ministério guineense da Saúde Pública para prestar assistência médica e medicamentosa às populações da zona do Boé, local histórico onde foi declarada a independência da Guiné-Bissau em 1973.

Fernando Nobre, médico cirurgião que trabalhou no Chde e no Líbano, integrado em equipas da organização francesa «Médicos Sem Fronteiras», precisou que vai ser instalado na localidade de Lugajole um hospital de campanha cedido pelo Etado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas.

«O hospital de campanha, facilmente montável atraves de tendas, terá um bloco operatório, duas enfermarias com capacidade para 20 camas cada, e instalações para o pessoal, numa primeira fae constituído por dois médicos e duas enfermeiras», disse.

«Paralelamente, actuaremos também com uma equipa no bloco operatório do Hospital Simão Mendes, em Bissau, e teremos comunicações via rádio com Lugajole para o caso de ser necessário evacuar doentes», acrescentou.

Fernando Nobre revelou que a AMI disporá de um pequeno avião «Cessna» para as ligações Bissau - Lugajole, aterrando o avião no Aeródromo de Beli, perto desta última localidade.

O presidente da AMI adiantou que a organização tinha em vista recuperar o Centro de Saúde de Lugajole, que se encontra em mau estado de conservação, mas que dado o interesse de uma organização não-governamental ialiana em efectuar idêntico trabalho, assim como um projecto da CEE no mesmo sentido, avançou com a proposta de se reunirem os três fundos e construir um hospital de sector, assunto que mereceu consideração da parte do Ministério guineesse da Sáude.

Â volta das brasas, assando à medida da fome de cada um

Cascais oferece até dia 2 um "festival de sardinha"

A sardinha é, sem dúvida, um dos pratos (petiscos?) preferidos destes dias de Verão. Uns fogem de assá-la em casa justificando-se com os fumos e os cheiros, outros correm o risco e ficam mesmo em família.

Aos que preferem fazer uma saída e sentarem-se à mesa de um restaurante há uma questão velha que continua a pôr-se: a do preço da sardinha que, de facto, atinge por vezes preços astronómicos e não justificados face ao custo da matéria-prima.

Não podíamos deixar de pôr a questão nestes termos para se entender a notícia de um «festival de sardinha» que está a decorrer em Cascais por iniciativa da Associação das Empresas Turísticas da Costa do Estoril, Mafra, Oeiras e Sintra.

A curiosidade nesta iniciativa reside, para além de um espaço ao ar livre sempre agradável no Verão (e de dia há sombras de árvores...), é a do preço fixo estipulado para uma refeição completa à discrição, com direito a caldo verde, sardinha, salada, pão e vinho, tudo por 600 escudos (crianças até aos dez anos pagam apenas 300 escudos).

O «festival da sardinha» prolonga-se até dia 2, domingo. Mas atenção que amanhã, sexta-feira, só há sardinhada à noite, a partir das 20 horas. Mas é possível fazer almoços no sábado e domingo.

Em qualquer dos dias há animação: na sexta, com o Rancho dos Sete Castelos e Vasco Rafael; no sábado, o Rancho de Nossa Senhora das Preces e a Banda da Sociedade Musical de Cascais (ao almoço) mais o Rancho do Bairro da Liberdade e Gabriel Cardoso (ao jantar); no domingo, é a vez de o almoço ser animado pela Orquestra Típica de Cascais e o Rancho Infantil da Sociedade Musical de Cascais (almoço) e Rancho da Sociedade Musical de Cascais mais o Cavalinho Musical (ao jantar).

Polémica à volta da exposição de Stuart

DIRECTOR DO CAM RESPONDE AO CRÍTICO ANTÓNIO VALDEMAR

A exposição comemorativa do centenário do nascimento de Stuart Carvalhais está, por diversas razões, na ordem do dia. À sua volta se alimenta uma polémica que o director do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, arq.º Sommer Ribeiro, enriquece com um texto em jeito de resposta ao crítico de arte e jornalista António Valdemar. Eis a resposta de Sommer Ribeiro às «notícias acerca de acontecimentos à margem da exposição»:

«António Valdemar vem dar a público as razões que o levaram a afastar-se da exposição de Stuart. E, assim, vejo-me obrigado a corrigir determinadas afirmações feitas por aquele Senhor.

Na realidade António Valdemar foi convidado numa reunião havida no Centro de Arte Moderna em finais de 1986 para colaborar na exposição comemorativa do centenário do nascimento de Stuart Carvalhais. Porém eu tinha avisado António Valdemar que durante o mês de Janeiro iria estar muito assoberbado de trabalho com a preparação da exposição que o CAM inaugurou a 14 de Fevereiro no Museo Español de Arte Contemporáneo e, em Março, com a preparação da exposição de «Vieira da Silva nas Colecções Portuguesas» inaugurada em São Paulo quando da visita do Senhor Presidente da República ao Brasil.

Em 16 de Abril António Valdemar escreve-me pedindo a realização de um encontro para se acelerar os trabalhos. Todavia, comunicava-me que iria estar ausente nos Açores até fim desse mês. Nos primeiros dias de Maio tentámos contactá-lo sem êxito pelo que acabámos por lhe enviar, em 6 do referido mês, um telegrama.

Efectivamente a 7 de Maio realizou-se novo encontro e António Valdemar solicitou-nos o destacamento de um funcionário do CAM para o auxiliar na compilação de toda a documentação sobre o artista e localização da sua obra. Dado que era impossível fazer esse destacamento de entre o Quadro do Pessoal do CAM foi-lhe sugerido, para colaborar com ele, o nome de José Pacheco que nos havia informado estar a fazer um trabalho sobre Stuart e que numerosas vezes vinha ao nosso Departamento de Documentação colher elementos para o seu estudo bem como analisar as obras existentes no acervo do Centro. E o nome foi aceite por António Valdemar.

Começaram então as reuniões periódicas em que se distribuíram tarefas, já com a presença de José Pacheco, que apresentou um guião do catálogo que mereceu a aprovação de todos os intervenientes.

Procedeu-se ainda ao estabelecimento de todo o «timing» da exposição e havia que iniciar contactos com os coleccionadores, em número de 37, muitos deles sugeridos por José Pacheco, aos quais António Valdemar acrescentou outros encarregando-se ele próprio de solicitar o empréstimo de parte das obras, tendo-o feito apenas em relação a quatro desses coleccionadores.

António Valdemar

Sommer Ribeiro

O Centro de Arte Moderna e José Pacheco encarregaram-se de o fazer em relação a outros dos coleccionadores. As obras foram rapidamente recolhidas e fotografadas, trabalho que obrigou, em alguns casos, a retirar molduras. Verificou-se então que uma obra cedida por António Valdemar «Feira das Mercês» não era original mas sim uma reprodução.

O referido guião, entre outras coisas, assinalava a inclusão de 3 textos: um de apresentação do director do Centro, outro de António Valdemar e um terceiro de José Pacheco intitulado «Stuart — Entre a pintura e o design gráfico».

Na data marcada como prazo limite, 15 de Junho, recebi de José Pacheco o seu texto (do qual entregou cópias a todos os presentes tendo António Valdemar recusado aceitar a citada cópia uma vez que ainda não tinha acabado o seu texto e portanto não queria ser influenciado pela leitura deste), uma tábua cronológica, a bibliografia e a antologia de textos.

Porém, António Valdemar entregou-me o texto de sua autoria no dia 20, pedindo-me para o ler na sua presença e **«introduzir as alterações que entendesse»**. O texto agradou-me e, como não tenho hábitos de censor, não introduzi a mínima alteração. O mesmo sucedeu em relação ao texto de José Pacheco.

Cabe aqui referir que o mau entendimento entre António Valdemar e José Pacheco degradou-se logo de início e uma das razões terá sido quando António Valdemar combinou uma reunião no «Diário de Notícias» para as 21.30h e apareceu uma hora depois sem ter dado a mínima justificação, agravado pelo facto de não estarem de acordo com os autores escolhidos para figurarem na antologia de textos.

Posteriormente António Valdemar pediu-me uma cópia da cronologia, e, em 1 de Julho, assinalava diversos erros e omissões e solicitou o apoio do Departamento de Documentação e Pesquisa. No sábado, dia 4, houve uma reunião em que estivemos apenas os dois, e na realidade constatei existirem alguns desses erros e algumas omissões e outros apontados como erros por António Valdemar que na realidade não se verificavam. Por outro lado, António Valdemar pretendia dar grande relevo aos factos políticos, que eram dispensáveis a uma cronologia que se centrava fundamentalmente na vida e obra de Stuart Carvalhais.

Marcou-se então uma nova reunião para dia 6 com José Pacheco, reunião essa que foi explosiva e em que tive que chamar a atenção, mais do que uma vez, que o que interessava era ter um catálogo capaz, e deixar os casos pessoais, tais como «o Senhor não me trata por António Valdemar mas sim por Senhor António Valdemar»; Por outro lado, e com grande espanto meu António Valdemar quis impedir a publicação do texto de José Pacheco, e realizar uma cronologia que se baseava na que anteriormente havia sido executada pelo mesmo.

Começaram então os trabalhos de montagem e de escolha de fotografias para o catálogo em que António Valdemar tomou parte activa apenas num desses encontros.

Dado o curto espaço de tempo para a revisão de provas as mesmas, como é hábito são entregues no Centro, e aqui revistas pelos autores dos textos.

Uma vez que António Valdemar não mais apareceu nem contactou a Direcção do Centro de Arte Moderna, seguiu-se uma troca de correspondência que levou António Valdemar a afastar-se voluntariamente.

O assunto teve grande repercussão na Imprensa o que não é de estranhar. Lamento no entanto que os jornais que divulgaram estes acontecimentos não tivessem ouvido ambas as partes, com excepção de Margarida Botelho, do «Diário de Notícias», que o procurou fazer durante as inaugurações que tiveram lugar no dia 20 e a quem por esse facto não pude dar a devida atenção, e do «Diário de Lisboa».

Penso que o importante seria fazer ressaltar as qualidades ou defeitos da exposição de Stuart e não empolar acontecimentos à margem e, sobretudo, não dar a público informações inexactas, como é o caso do «Diário de Notícias», que afirma no seu jornal do dia 23 que desenhos da sua colecção não estão patentes quando os mesmos se encontram logo na abertura da exposição e mencionados no catálogo com o n.º 311.»

Uma exposição no centro de um polémica viva

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor Juiz de Direito desta 1.ª Secção deste 2.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA.

FAZ saber que no próximo dia 12 (DOZE) de Outubro, pelas 10.00 horas, neste Juízo e Secção acima indicados, na Execução de Sentença n.º 79-B/84, da 2.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal Judicial de Ovar, donde se extraiu a **Carta precatória n.º 43/87,** há-de ser posto em praça, para ser arrematado, acima dos valores constantes do auto de penhora, três jogos de maples, em estado de novo.

EXEQUENTE: COELHOS-COELHO IRMÃOS LDA.; EXECUTADA: MORAIS & CARVALHO LDA. – R. Prof. Reinaldo dos Santos, Lote 8-A/8 (a Benfica), Lisboa.

Para constar se lavra os presentes e anúncio que serão legalmente afixados e publicados.

Lisboa, 87. Julho.23

O JUIZ DE DIREITO
(Assinatura ilegível)

O ESC. ADJUNTO
(Assinatura ilegível)

(«DL», 2.ª Pub. – 30/7/87)

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 12.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, na Execução com processo Sumário, registada sob o n.º 6200, pendente na 3.ª Secção, movida por RENAULT GEST – Soc. Comércio de Automóveis, SARL, com sede na Av.ª Infante D. Henrique, lote 575 Lisboa, contra JOÃO ILÍDIO GOMES CÂNDIDO, com última residência conhecida na Rua Capitães de Abril, 6-A-3.º Dt.º, na COVA DA PIEDADE, é este executado citado para deduzir oposição, pagar ao exequente ou nomear bens à penhora, no prazo de CINCO DIAS, que começa a correr, depois de finda a dilação de trinta dias, contados da data da segunda e última publicação do anúncio, sob a cominação de se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, nos autos e cujo pedido consiste em ser paga ao exequente a quantia de esc. 145 064$00, acrescida de custas, selos e juros à taxa legal de 23%, até efectivo pagamento, tudo conforme melhor consta do duplicado da petição que fica à disposição do executado, na secção do processo.

Lisboa, 1987. Junho 11

O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)
O Escrivão Adjunto
(Assinatura ilegível)

(«DL», 2.ª Pub. – 30/7/87)

Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AOS PASSAGEIROS DA LINHA DO OESTE

TRABALHOS DE CONSERVAÇÃO NA CATENÁRIA DA LINHA DE SINTRA (DE 29/6 a 15/9)

A CP informa que, no âmbito dos trabalhos que tem vindo a efectuar na Linha de Sintra para conservação da catenária, além das restrições já do conhecimento público, a partir de 20 de Julho **serão suprimidos os seguintes comboios da Linha do Oeste:**

Dias úteis: Comboios n.ºs 4010 e 4013
Sábados e Domingos: Comboios n.ºs 4010, 4012, 4013 e 4017

Apelando à boa compreensão dos Senhores Passageiros da Linha do Oeste para as perturbações causadas por estes trabalhos, a CP solicita-lhes que utilizem, em lugar dos comboios temporariamente suprimidos, os tranvias da Linha de Sintra com transbordo no Cacém.

MONTEPIO GERAL QUER OPERAR EM PLENO NA ÁREA BANCÁRIA

A administração do Montepio pretende que a sua Caixa Económica devia ter acesso ao estatuto de «Banco Universal», já que continua impedida de praticar a totalidade das operações bancárias devido à inadequação da legislação existente.

Além disso, e atendendo à perspectiva de criação do mercado único europeu, em 1992, o que originará uma quase total liberalização dos serviços financeiros, os responsáveis da maior instituição privada portuguesa de crédito consideram como «muito preocupante o desinteresse, pelo menos aparente, quanto à integração das caixas económicas na dinâmica europeia».

Para a internacionalização da actividade destas instituições, sublinharam ser necessário que o Governo português promova a eliminação de reservas de aplicação às caixas económicas não sociedades anónimas.

«Devemos ter as mesmas oportunidades que as outras instituições de crédito», defendeu Vítor Melícias, presidente do Montepio Geral, ontem, em encontro com os jornalistas.

Soube-se, também, nesse encontro de jornalistas com os responsáveis da Caixa Económica de Lisboa e do Montepio Geral, que a Caixa obteve no primeiro semestre um resultado de exploração positivo de 832 mil contos, valor superior ao registado em todo o ano de 1986.

O resultado da maior instituição de crédito privada portuguesa, no exercício de 1986, foi de 634 mil contos, prevendo-se que atinja este ano os 1,5 milhões de contos.

Dados referentes ao balanço semestral divulgados pela administração do Montepio, indicam que o volume de depósitos a prazo diminuiu 1,2 por cento, face a igual período de 1986, para um total de 87,6 milhões de contos.

A administração justificou este decréscimo com a estratégia desenvolvida pelo Montepio, no que se refere à diversificação de aplicação de poupanças, nomeadamente em fundos com juros mais favoráveis para o público e de menores custos para a instituição.

O montante de depósitos à ordem aumentou 41,4 por cento até Junho, face a igual período de 1986, para um total de 26,4 milhões de contos.

Para o presidente daquela associação mutualista, Vítor Melícias, o «ratio», entre os depósitos à ordem e a prazo é considerado um êxito na banca portuguesa.

O valor líquido de crédito concedido até Junho foi de 103,8 milhões de contos, mais 18,8 por cento em igual período do ano passado, variação que se prevê diminuir até ao final do ano, de acordo com as limitações de concessão de crédito recentemente estipuladas pelo Governo.

Fundo de investimento imobiliário

Sobre a política de diversificação de serviços foi anunciado, para Outubro, a emissão de certificados do Fundo de Investimento Imobiliário-VIP, em cuja sociedade gestora a associação participa.

Segundo informou outro elemento da Administração, Vítor Ruivo, a restrição geral ao crédito bancário tem sido menos sentida no Montepio do que noutros bancos, já que a maior parte de financiamento concedida se destina a sectores que se pretende desenvolver, como a construção e habitação e não a áreas de consumo.

Entre as iniciativas a desenvolver pelo Montepio destaca-se a constituição, em breve, de uma sociedade gestora de fundos e pensões, que conta entre os seus sócios fundadores algumas entidades estrangeiras.

Outros projectos em estudo, não apenas na área de serviços financeiros, poderão concretizar-se até ao final do ano, tendo sido adiantado um estudo ligado à Segurança Social.

O Montepio Geral, que completa 150 anos de actividade em 1990, tem actualmente 13 mil sócios, sendo até hoje o número mais elevado de associados desta instituição.

A sua expansão, na opinião de Vítor Melícias, está dependente do desenvolvimento do sistema de Segurança Social Nacional.

Com os EUA em 2.º e o Japão em 3.º

Alemanha é o primeiro exportador mundial

A Alemanha Federal foi o maior exportador mundial em 1986, segundo estatísticas da OCDE divulgadas em Francoforte.

Um total de 11,3 por cento das exportações mundiais teve o ano passado o carimbo «made in Germany». O segundo lugar foi ocupado pelos Estados Unidos com 10,1 por cento e o terceiro pelo Japão com 9,7 por cento.

Entre os países membros da OCDE, a RFA alcançou, em 1986, o primeiro lugar nas exportações com 16,5 por cento. Seguiram-se os Estados Unidos com 14,8 e o Japão com 14,4

No sector de exportação de mercadorias industriais, a RFA conseguiu, com 19,3 por cento, relegar o Japão para o segundo lugar (18,9) dentro da OCDE.

No sector de bens de investimento, o Japão continua no primeiro lugar, muito à frente dos Estados Unidos mas mais perto do terceiro país na tabela, a RFA, que passou de 7 para 5 pontos de diferença. No sector dos produtos químicos, a RFA, que manteve em 1986 a primeira posição.

Analisando a chamada «estrutura fina» de 35 grupos de mercadorias industriais negociadas mundialmente, obtém-se uma imagem ainda mais perfeita: em 10 grupos de mercadorias a RFA ocupa o primeiro lugar, enquanto o Japão e os EUA conseguem apenas sete primeiros lugares cada um.

Em 16 grupos de mercadorias, os exportadores alemães-federais alcançaram o segundo lugar e em sete outros grupos o terceiro lugar.

Na construção de máquinas, com uma quota-parte de 20,4 por cento nas exportações de máquinas para a OCDE, a RFA é o maior exportador mundial.

Esta imagem tão favorável não pode, contudo, esconder a concorrência acentuada por parte dos japoneses. Na exportação de automóveis para os países da OCDE, o Japão conseguiu ocupar o primeiro lugar, situando-se a uma distância de 9 por cento da RFA.

CEE custa à Grã-Bretanha 300 milhões de contos

A contribuição líquida da Grã–Bretanha para o Orçamento comunitário no ano corrente é de 1.300 milhões de libras (uns 300 milhões de contos), segundo dados revelados no «Livro Branco» publicado pelo ministério britânico das Finanças.

Esta verba é superior em menos de 600 milhões de libras à do ano passado. No entanto, o documento sublinha que os montantes do ano passado tiveram em conta um abatimento de 400 milhões de libras obtido pela Grã–Bretanha em 1984 que deveria ter sido pago em 85 mas só o foi, efectivamente, em 86.

Se o Plano de Reestruturação for aplicado

Portugal corre riscos de ser único na CEE sem indústria siderúrgica

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, rejeitou o plano de Reestruturação da Siderurgia Nacional (PRSN), aprovado pelo Governo em Novembro de 1985, no quadro das negociações de adesão à CEE. Esse plano foi sujeito a algumas alterações na reunião do Conselho de Ministros de 10 do corrente mês e impede, segundo aquela federação, o pleno aproveitamento dos recursos nacionais de minério de ferro, mantendo Portugal na necessidade de importar metade do aço que consome, quando podia ser um País autosuficiente.

Esta posição foi transmitida em comunicado distribuído ontem, em conferência de Imprensa e onde se afirma também que o plano permite a canalização para Portugal dos excedentes da produção siderúrgica da CEE, a preços de «dumping» dada a inexistência de esquemas administrativos eficazes para controle das importações nacionais. A CEE planeia reaver, pela venda do seu excedente a Portugal, os fundos dispendidos na contribuição para o PRSN. «É fácil concluir que Portugal não necessita deste tipo de ajudas», diz a Federação dos Sindicatos da Metalurgia.

Aliás, os fundos originários da CEE serviro, em primeiro lugar, para financiar o despedimento de 2000 trabalhadores — sustenta a federação concluindo que Portugal corre o risco de se tornar no único Páis da CEE sem indústria siderúrgica. No mesmo documento refere-se que «a contingentação das exportações para a CEE e EUA e o abrir de portas aos produtos siderúrgicos da CEE, resultam numa redução burtal do mercado da produção siderúrgica nacional».

Material para a sucata

A Federação dos Sindicatos calcula que os recursos naturais de que o Páis dispõe «são suficientes para que uma siderurgia com a capacidade de um milhão de toneladas por ano (maior que a actualmente existente) possa produzir durante mais de 100 anos». Apesar de isso, 80% das matérias-primas necessárias à produção da Siderurgia Nacional são actualmente importadas, o que impossibilita quer uma importante poupança de divisas, quer o relançamento das indústrias metalomecânicas.

Alega também a federação que a Siderurgia Nacional é economicamente viável, como o provam os resultados de exploração positivos que a empresa vem obtendo, apesar dos resultados líquidos negativos. Deste modo, alerta para a necessidade de serem facultados à Siderurgia Nacional meios que permitam proceder ao saneamento financeiro da empresa. Por outro lado, afirma que a indústria siderúrgica é indispensável ao País.

«Não é razoável pensar que o nosso desenvolvimento se possa fazer sem o papel determinante dos sectores consumidores de ferro e aço». Como exemplo é apontada a necessidade de renovação da via férea da CP, que, devido à adopção do PRSN e consequente encerramento de vários sectores produtivos da empresa, obrigará à importação dos carris.

O documento da federação denuncia também o facto de ainda não terem sido desencaixotados equipamentos adquiridos em 1981, no valor de 40 milhões de contos, no âmbito do Plano de Expansão de Produtos Longos do Seixal. Estes equipamentos originam à empresa encargos financeiros de um milhão de contos por mês e, segundo a mesma fonte, estarão neste momento a ser vendidos «por preços irrisórios, quase de sucata», uma vez que o Governo decidiu abandonar o plano de expansão. Montado o equipamento, sublinha o comunicado, seriam criados 3300 novos postos de trabalho e seria aumentada a capacidade de produção, o que permitiria uma significativa substituição de importações.

Trabalhadores à hora

A terminar a Federação dos Sindicatos denuncia o recurso crescente da empresa às horas extraordinárias e à contratação de trabalhadores à hora, anão-admissão de trabalhadores efectivos desde 1982, a instauração de mais de 1000 processos disciplinares desde 1983, e constante violação dos direitos e regalias dos trabalhadores e a deterioração do seu poder de compra, que baixou 21% entre 1978 e 1986. Exite ainda a renegociação dos acordos com a CEE, no que à indústria metalúrgica diz respeito, e o aproveitamento integral dos nossos recursos naturais e do equipamento e força de trabalho da Siderurgia Nacional, com vista a um aumento da produção que permite reduzir a dependência externa do País em matéria de produtos sideúrgicos

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$50	54$50
ALEMANHA FED. (marco)	77$40	78$60
ÁUSTRIA (xelim)	10$95	11$15
BÉLGICA (franco)	3$531	3$781
BRASIL (cruzado)	2$10	3$60
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107$80	110$30
(notas de 5 a 1000)	108$30	110$80
DINAMARCA (coroa)	20$40	20$80
ESPANHA (peseta)	1$102	1$222
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$95	147$45
(notas de 5 a 1000)	144$45	147$95
FINLÂNDIA (marka)	31$95	32$55
FRANÇA (franco)	23$30	24$00
HOLANDA (florim)	68$70	69$80
IRLANDA (libra)	208$35	212$35
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$912	$967
NORUEGA (coroa)	21$15	21$65
REINO UNIDO (libra)	231$30	235$80
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUÍÇA (franco)	93$40	94$90
VENEZUELA (bolívar)	4$40	5$40

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Estudantes panamianos fazendo das mesas da universidade bar ricadas, após a reabertura deste estabelecimento de ensino, vendo–se na parede contra o general Noriega.

O pessoal médico de uma clínica para doentes incuráveis na cidade dinamarquesa de Aalborg deixou morrer de fome uma mulher inválida que o havia pedido, foi revelado em Copenhaga. A doente, que estava paralítica da cintura para baixo mas «conservava as suas faculdades mentais», disse em Março ao pessoal da clínica que «não queria continuar a vuver». Desde então, médicos e enfermeiras «respeitaram o seu direito» de não querer alimentar–se, ainda que «fosse duro para o pessoal vê–la morrer lentamente», afirmou o dr. Henrik Hamburger, médico em Aalborg. Antes de ceder aos desejos da doente, o caso foi apresentado na Câmara Municipal e no Conselho Médico do Município, que não encontraram «motivo» para alimentar a paciente à força, dado que ela era «responsável pelos seus actos».

O Presidente Francesco Cossiga com o Pr... ria durante a cerimónia de posse do novo Go verno i... cratas–cristãos,socialistas, republicanos, sociais-democratas e liberais e que deverá receber apro... xima semana.

Quem alimentará 5000 milhões de habitantes do mundo?

Pela primeira vez, desde a Segunda Guerra Mundial, o mundo começa a dar mostras de vida extremamente deficientes em regiões inteiras, incluindo a dificuldade em obter alimentos — anunciou o presidente do Worldwatch Institute, sediado em Washington. Lester Brown fez esta afirmação este mês por ocasião da publicação do relatório anual sobre a população mundial e o ambiente, que coincidiu com o dia em que o número de habitantes do planeta atingiu os cinco mil milhões, de acordo com as Nações Unidas. Segundo o documento, a população está a aumentar numa proporção de 150 pessoas/minuto, ou seja 220 000 por dia, o que corresponde a 80 milhões anualmente. Se a ONU resolvesse escolher um recém-nascido para lhe aplicar a numeração «5 000 milhões» haveria fortes probalidades estatísticas de que a criança tivesse nascido no Terceiro Mundo, onde nove em cada 10 crianças começam a viver em regiões onde a pobreza e desnutrição estão gravemente espalhadas. O relatório das Nações Unidas refere: «Um dos caminhos que enfrentamos conduz a um balanço entre a natureza e os seres humanos. O outro levará a dificuldades que podem degenerar em desastre se o declínio da fertilidade for adiado por demasiado tempo». Apesar de contínuos esforços de controlo de nascimentos, países como a Índia, Paquistão, México, Brasil e Nigéria tiveram grandes aumentos na taxa de crescimento populacional nos últimos anos. Milhões de pessoas vivem em condições de pobreza, por entre desemprego, doença, poluição e crime, devido à miséria e à necessidade de sobrevivência.

Terrorismo: recorde em 1986

Em 1986, registaram-se em todo o mundo 437 atentados terroristas — revela o estudo anual sobre terrorismo divulgado pelo centro de estudos estratégicos de Jaffa. O número supera largamente o de 1985, em que se registaram 408 atentados. De acordo com o documento, o Afeganistão, Irão, Síria e Líbia, figuram como países instigadores de actos terroristas. A República Federal da Alemanha continua a ser um dos países mais atingidos pelo terrorismo. Todavia, o estudo destaca a acentuada diminuição do terrorismo na Europa Ocidental, e especialmente na Alemanha Federal, que em 1985 foi cenário de 35 atentados terroristas (8,5 por cento dos registados em todo o mundo), contra 17 em 1986 (3,9 por cento).

Os atentados provocaram 398 mortes, muito aquém dos 639 que originaram em 1985, mas o estudo insiste que esta diminuição se deve unicamente a que, em 1986, não se registaram atentados com a dimensão, por exemplo, do cometido contra um avião da Air Índia, em que morreram mais de 300 pessoas.

Camada de ozono tem de ser protegida

Os prejuízos causados na camada de ozono da estratosfera e o possível aumento da temperatura na Terra, duas modificações altamente complexas sob os pontos de vista científico e económico, estão agora a preocupar também os políticos. Ambas as modificações são causadas pela actuação indirecta do homem na atmosfera do Globo, pondo em causa a capacidade da camada de ozono de proteger a bioesfera dos perigosos raios ultra-violetas, emitidos pelo sol. O nível de conhecimentos sobre a destruição do ozono foi recentemente apresentado por alguns cientistas na cidade alemã-federal de Mainz, aguardando-se para breve a tomada das respectivas decisões políticas.

Paris diz que não tem intenções agressivas

FROTA ARMADA FRANCESA ZARPA PARA O GO E OS EUA ENVIAM HELICÓPTEROS PARA A REG

A frota armada francesa, chefiada pelo porta-aviões «Clemenceau», partiu esta manhã para o golfo Pérsico com a missão de defender os interesses franceses na região. O «Clemenceau», duas fragatas e um navio de abastecimento partiram cerca das 11 horas do porto mediterrânico de Toulon, na mesma altura em que as Forças Armadas dos Estados Unidos estão a transportar para o golfo helicópteros draga-minas.

Os helicópteros RH-53 serão transportados por via aérea para a a ilha de Diego Garcia, no oceano Índico, de onde seguirão para o porta-aviões «Guadalcanal».

Os RH-53 têm um sistema de detecção e eliminação de minas. Na sexta-feira passada, um petroleiro do Kuwait rebaptizado sob pavilhão americano atingiu uma mina no golfo Pérsico.

Informadores oficiais franceses disseram em Paris que a frota chefiada pelo «Clemenceau» ficará estacionada dentro de poucas semanas no mar de Omã, na entrada do golfo Pérsico.

O porta-aviões francês está armado com 40 aviões, entre os quais 20 super-Etendard, com capacidade para transportar armas nucleares.

«A França não alimenta intenções agressivas», disse o primeiro-ministro, Jacques Chirac. «Mas exige respeito e actuará em conformidade».

A ordem para a frota zarpar de Toulon foi ontem emitida após uma reunião conjunta de Chirac com o presidente François Mitterrand. Horas antes, o Governo iraniano tinha feito ameaças ao pessoal diplomático francês, bloqueado na Embaixada em Teerão desde que começou há semanas a «guerra das Embaixadas».

Este incidente teve origem na recusa por Teerão em permitir ao governo francês o interrogatório de um funcionário da embaixada em Paris suspeito de envolvimento em actividades terroristas na Europa.

Mau tempo prejudica petroleiros

Ontem ventos fortes e vagas altas no Golfo atrasaram o carregamento do navio kuwaitiano «Bridgeton», atingido por uma mina, somando-se aos problemas sofridos pela escolta naval norte-americana incumbida de o proteger.

O Irão prosseguiu com as suas ameaças contra os Estados Unidos que prometeu continuar a operação de escolta e de protecção contra o pe-

Tensão cresce no Sri Lanka

Gandhi agredido por elemento cingalês da guarda de honra

Centenas de soldados indianos desembarcaram hoje na província de Jafna, no Norte do Sri Lanka, para ajudar a aplicar um plano de paz destinado a pôr fim a um conflito étnico com quatro ános. Pouco depois, o Primeiro–Ministro indiano, Rajiv Ghandi, que se deslocou a Colombo para assinar o acordo, era agredido com a coronha de uma espingarda por um elemento da guarda de honra naval cingalesa.

O marinheiro atingiu Ghadi no ombro esquerdo, perto do pescoço, mas o Primeiro–Ministro indiano quase nem vacilou antes de os elementos de segurança o fazerem entrar rapidamente num carro.

Ghandi disse aos jornalistas que se sentia bem e o marinheiro foi entretanto detido por polícias e agentes de segurança à paisana.

O acordo que Ghandi assinou ontem, destinado a pôr fim a um conflito de quatro anos entre a mionoria étnica tamil e a maioria cingalesa, originou dois dias de protestos violentos por parte da comunidade cingalesa que resultaram em pelo menos 37 mortos.

Segundo o ministro da Segurança Nacional do Sri Lanka, Lalith Athulathmudali, chegaram já à província de Jafna os primeiros quatro aviões de um contingente de 1.700 soldados indianos que vão ajudar a aplicar o acordo de paz.

«Vieram com autorização do Presidente Junius Jayewardene, a seu convite» - frisou o ministro, acrescentando que as tropas indianas ficarão sob a chefia do comandante da região militar de Jafna, brigadeiro Gerry da Silva.

Athulathmuladi referiu que os soldados indianos ajudarão a supervisionar o desarmamento dos guerrilheiros dos «Tigres de Libertação do Eelam Tamil», grupo que não deu ainda o seu acordo ao plano de paz.

O acordo prevê um cessar–fogo entre os rebeldes e tropas governamentais, a partir de amanhã à tarde, e dá a Jayewardene o direito de pedir ajuda militar à Índia, se necessário.

O plano estipula ainda que os rebeldes devem entregar as armas no prazo de 72 horas após a entrada em vigor do cessar–fogo.

Os soldados do Sri Lanka devem também retirar os seus acampamentos permanentes da península de Jaffna assim que os guerrilheiros entregarem as suas armas.

Forte explosão a... o centro de Joan...

Uma forte explosão abalou... de Joanesburgo, quebrando mu... uma grande coluna de fumo, dis... plosão não é ainda conhecida, ... se haverá feridos. Os primeiros s... local, com as ambulâncias a per... a alta velocidade e com as siren... veu-se à deflagração, segundo a ... tância, de um carro armadilha... Quartel-General Militar de Witv... nários preparavam o pagamento... soldados brancos.

O estrondo provocado pela e... rios quilómetros de distância do ... estragos materiais nos prédios v...

A agência noticiosa sul-africa... nos duas pessoas terão ficado f... deflagração.

A polícia cercou imediatamen... ximação da Imprensa.

Entretanto, a Polícia mand... cundantes e, com a ajuda de cãe... contrar mais engenhos explosivo...

Esta foi a segunda explosão... Joanesburgo, e surge cerca de ... outro engenho explosivo ter expl... porto internacional da Cidade d...

Pr... iro–Ministro Giovanni Go - vern... italiano. que engloba demo - ... ais- ... er apovação parlamentara na pró -

GOLFO ... EGIÃO

n- á- s- c- b- rigo da explosão de minas.

O mau tempo prejudicou também os esforços norte-americanos de detecção de minas, no local onde o «Bridgeton» foi atingido na sexta-feira pela explosão de um engenho. 150 milhas a sudeste do Kuwait.

Peritos navais, com helicópteros equipados com sondas, têm assim visto dificultada a sua tarefa próximo da ilha iraniana de Farsi – uma das bases para ataques dos guardas revolucionários do Irão aos navios Kuwaitianos.

Fontes marítimas da Arábia Saudita informaram, entretanto, que técnicos em minas destruiram ontem dois destes engenhos.

...o abal a ...anesburgo

...abalou a meio da manhã o centro ...do muitos vidros e fazendo subir ...no, disse a Polícia. A causa da ex... ...cida, não se sabendo igualmente ...eiros socorros dirigiram-se para o ... a percorrerem as ruas limítrofes ... sirenes a apitar. A explosão de... ...ndo a Polícia por comando à dis... ...adilhado, estacionado perto do ...e Witwatersrand, quando funcio... ...am...nto do salário a cerca de 500

... pela explosão foi escutado a vá... ...cia do local, e provocou avultados ...dios vizinhos.

...africana Sapa disse que pelo me... ...cado feridas em consequência da

...tamente o local e impediu a apro...

... mandou evacuar os edifícios cir... ...de cães-polícias, está a tentar en... ...plosivos.

...plosão que ocorreu este mês em ...ca de uma semana depois de um ...er explodido nos lavabos do aero... ...lade do Cabo.

Desarmamento

Novas propostas da URSS deixam EUA desapontados

A União Soviética apresentou uma nova proposta sobre armamentos, relacionando profundas reduções nos arsenais de mísseis de longo alcance com uma severa restrição do programa de investigação norte-americano conhecido por «Guerra das Estrelas». Contudo, os Estados Unidos manifestaram-se desapontados, afirmando que aparentemente em nada alteravam a antiga exigência de Moscovo acerca de restrições ao programa da «Guerra das Estrelas».

Em Washington, o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano Charles Redman disse também que era tempo de as superpotenciais avançarem com um compromisso de 15 anos de reduzirem os arsenais de armas estratégicas sem acrescentarem condições adicionais como as avançadas pelo Kremlin.

O vice-presidente da delegação soviética em Genebra, Alexei Obukhov, disse a jornalistas que «a parte soviética apresentou mais uma iniciativa de grande importância, desta vez na área das armas espaciais».

Henry Cooper, da equipa negociadora dos Estados Unidos, afirmou que o documento continha «alguns pormenores novos», mas que no essencial os soviéticos continuavam a tentar usar a questão das armas espaciais para «manter como refém um acordo sobre mísseis nucleares de longo alcance.

Querem restringir o programa de investigação espacial, para o impedir. Isso é claro. E é igualmente claro que o presidente não acederá a estas exigências», declarou.

Tanto negociadores soviéticos como norte-americanos afirmaram que a proposta previa novos pormenores sobre limites pretendidos por Moscovo à investigação sobre sistemas defensivos de mísseis com base em terra e no espaço.

O presidente Ronald Reagan lançou a iniciativa de defesa estratégica (IDS) em 1983, para estudar a forma de destruir mísseis atacantes.

A administração Reagan afirmou repetidas vezes que o seu objectivo nas conversações norte-americano-soviéticas, iniciadas em Março de 1985, era assegurar profundas reduções nos arsenais nucleares de longo alcance.

Obukhov revelou também que Moscovo apresentaria uma proposta de tratado sobre armas nucleares de longo alcance, ou estratégicas, dentro de poucos dias, mas acentuou que não poderia ser assinado qualquer acordo enquanto não fossem proibidas as armas espaciais.

Campos de refugiados ugandeses atacados no Sudão

Milhares de refugiados ugandeses, actualmente ainda no sul do Sudão, começaram a regressar ao seu país após vários ataques armados contra os campos de refugiados onde se encontravam, informou em Kampala uma fonte das Nações Unidas.

William Young, representante do alto comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR), disse não poder identificar os responsáveis dos 17 ataques lançados contra os campos de refugiados de Tore, Adio, Mepoko, Gore e Gumbari, todos na margem ocidental do rio Nilo.

Viajantes que ultimamente têm atravessado a fronteira entre o Uganda e o Sudão afirmam ter apurado, em conversa com os refugiados, que os ataques deverão ter sido efectuados pelos guerrilheiros do Exército de Libertação Popular do Sudão (SPLA), movimento que luta pela autodeterminação do sul do país.

Young disse que, na sequência dos ataques, cerca de 6000 a 7000 refugiados partiram para o centro de recepção a refugiados em Yei, a fim de serem repatriados, enquanto outros 6000 começaram voluntariamente a atravessar a fronteira pelos seus próprios meios.

Colunas do UNHCR transportaram já, desde o passado dia 23, cerca de 4500 refugiados, disse William Young.

O repatriamento foi entretanto interrompido, porque o exército governamental sudanês encerrou a estrada, alegando operações militares na área, acrescentou.

Mais de 80 000 refugiados ugandeses regressaram em Maio de 1986 ao seu país, na sequência de ataques semelhantes, que na ocasião foram reivindicados pelos SPLA.

Young precisou que, actualmente, encontram-se ainda 58 000 refugiados na margem ocidental do Nilo, no sul do Sudão.

Brasil

Greve geral contra política de Sarney

As duas centrais sindicais brasileiras anunciaram. a convocação de uma greve geral para 20 de Agosto, em protesto contra a política económica do presidente José Sarney e os acordos com o FMI.

A Central Unica dos Trabalhadores (CUT), de esquerda, e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), de tendência moderada, chegaram a um acordo, após uma prolongada reunião na qual se definiram os pontos em que se baseará a paralisação.

As duas centrais tinham anteriormente convocado greves separadas, que estariam destinadas ao fracasso já que nem a CUT nem a CGT têm poder suficiente para paralisar a nível nacional sem uma acção conjunta.

Apesar de duras críticas de Gorbachev

Líder do PC na Arménia reconfirmado no cargo

Funcionários do Partido Comunista da República da Arménia, reconfirmaram no cargo o seu líder local, apesar das duras críticas à sua gestão produzidas no mês passado pelo líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev.

O principal jornal da República — o Kommunis — numa edição chegada a Moscovo, disse não se terem registado mudanças na liderança da República Arménia, durante uma reunião plenária do comité central do Partido Comunista local, realizada no final da passada semana. Mas uma notícia ontem publicada no jornal do Partido Comunista da União Soviética — o Pravda — refere que o líder arménio Karen Demirchyan confessara num discurso proferido durante a reunião que ele e os seus colegas eram culpados de erros graves.

A reunião foi ainda palco para profundas críticas ao primeiro-ministro arménio, Fadey Sarkisyan, e aos seus colaboradores, acerca do malogro constante na tentativa de assegurar que as decisões governamentais fossem levadas a cabo, disse o Pravda.

Demirchyan, de 55 anos, foi nomeado em 1974, durante a liderança de Leonid Brejnev, cujos 18 anos no poder são agora descritos oficialmente como um período de crescente estagnação económica e corrupção.

Analistas consideram que o resultado da reunião plenária do partido na Arménia, indica que muitos funcionários locais que controlam o Partido da República, temem a perda dos seus próprios cargos, caso Demirchyan saia, e por isso estão a resistir às pressões de Moscovo no sentido da sua substituição.

24 HORAS

Brasil: motim causa 29 mortos

Vinte e sete presos e dois polícias morreram quando a Polícia tomou de assalto a Penitenciária do Estado de São Paulo, depois de terem falhado as negociações para a libertação de 30 reféns, anunciou hoje a Polícia. A Polícia disse que a ordem de tomar a prisão foi dada na quarta-feira, depois de os presos recusarem negociar e ameaçarem queimar vivos os seus reféns.

O motim começou na quarta-feira à tarde quando 230 reclusos fizeram reféns 30 funcionários e incendiaram dois colchões da prisão, onde se encontravam cerca de 1250 detidos.

O comandante da Polícia Militar de São Paulo, disse que 27 dos mortos eram presos, muitos dos quais vítimas de vinganças pessoais, e acrescentou que os reféns saíram em segurança.

Presidente chinês quer afastar-se

O presidente chinês Li Xiannian disse a uma delegação japonesa que espera poder afastar-se do Politburo do Partido Comunista em Outubro, no quadro de um plano de promoção de líderes mais jovens, disseram fontes japonesas.

Li não referiu se também abandonará na mesma ocasião a presidência do país, disseram as mesmas fontes. Analistas ocidentais afirmam que esta revelação indica que o líder chinês Deng Xiaoping, que também já afirmara a intenção de abandonar os cargos que detém no próximo Outono, poderá estar a ganhar a sua batalha no sentido de persuadir os veteranos do partido, já idosos, a abandonarem o Politburo e a deixarem caminho para os jovens.

Tufão mata 69

O número de mortos em consequência da passagem do tufão Alex na zona costeira chinesa elevou-se para 69 — informou o «China Daily». O jornal acrescentou que o tufão, que atingiu na segunda e terça-feiras as províncias de Zhejiang e Jiangsu, deixou inundados quase 3.000 quilómetros de terras agrícolas e destruiu centenas de casas. Trinta e quatro pessoas morreram em Wenzhou, no sul de Zhejiang, a área mais atingida e uma pessoa morreu e 32 ficaram feridas nos subúrbios de Xangai. O jornal não especificou onde é que se verificaram as restantes 34 mortes.

Caixões com os restos mortais de vítimas da vaga de calor na Grécia.

Vaga de calor em Marrocos

Desde o início da semana que Marrocos é assolado por uma vaga de calor, que fez os termómetros subir a 45 graus em Marraquexe, 43 em Casablanca e 40 em Rabat — anunciaram os Serviços Meteorológicos marroquinos. Contudo, o calor não teve em Marrocos as graves consequências que teve na Grécia, (onde morreram mais de 800 pessoas) e a situação sanitária é absolutamente normal. Os especialistas consideram que a actual canícula marroquina tem origem num vento quente e seco conhecido popularmente por «chergui», proveniente do Sueste do país, ou seja das províncias sarianas.

Flute é novo champanhe das Caves Aliança

Aconteceu no Restaurante do Miradouro de SantaLuzia no dia 10 de Julho. Numa noite magnífica, num restaurante original cheio de gente diferente. Um espaço aberto sobre Lisboa serviu de cenário à promoção do **Flute Aliança,** uma nova forma de beber esumante à taça. Para quem gosta de tomar uma bebida ao fim da tarde, no seu bar favorito, mais ou menos bem acompanhado. Em negócios ou em convívio. Das **Caves Aliança.**

Concurso da CGD para jovens agricultores

Face ao interesse suscitado junto dos **Jovens Agricultores** e ao balanço francamente positivo da realização em anos anteriores do **Concurso «Jovem Agricultor Português»**, entenderam a **Caixa Geral de Depósitos** e a **Associação dos Jovens Agricultores de Portugal (AJAP)** prosseguir em conjunto com esta iniciativa, lançando mais uma edição — **Concurso «Jovem Agricultor Português/88»** —, que este ano conta também com a adesão da **Secretaria de Estado da Juventude.** O lançamento foi anunciado no passado dia 25, na Quinta do Valongo, em Mirandela, integrado na **Reginorde/87.**

O Concurso tem, efectivamente, vindo a «crescer» não só em termos do valor global dos prémios atribuídos (de 2750 contos em 1986, para 3400 contos em 1987), mas também no número dos trabalhos apresentados e no valor das intenções de investimento que representam (de 126 trabalhos, representando 700.000 contos em 1986, para 325 respeitando a 1,5 milhões de contos em 1987).

Mantendo-se as linhas gerais e os principais objectivos do concurso, que visa incrementar a modernização das explorações agrícolas e estimular o associativismo, a edição que é agora lançada apresenta algumas inovações que a tornam ainda mais aliciante: criação de novos prémios distinguindo o concorrente mais jovem e o mais jovem dos galardoados; viagens à Feira Agrícola de Verona, em Itália, para todos os premiados; aumento substancial do valor global dos prémios a distribuir, que ultrapassará os 4000 contos; possibilidade de se candidatarem os jovens agricultores cujas explorações se encontrem já estabilizadas e onde não se preveja a realização de novos investimentos; separação em 3 classes bem definidas, quer dos trabalhos apresentados quer dos prémios atribuídos, consoante respeitem a planos de melhoria de empresas agrícolas, associativismo ou a explorações estabilizadas.

Novo posto da BP em Lisboa

Teve lugar no dia 15 de Julho a inauguração de mais um **posto de abastecimento BP,** em Lisboa, **junto ao Estádio Universitário.**

Inserido numa espectacular acção de alargamento o posto de abastecimento de Lisboa integra uma série de **5 novos postos (Castelo Branco/Portimão/Amadora/Lisboa e Santana)** abertos ao público no curto espaço de 8 semanas.

A **BP Portuguesa, S.A.,** aposta na dimensão e qualidade de um serviço, respondendo deste modo às necessidades presentes e futuras do público.

Top Ten da Varig

A VARIG ofereceu nas cidades de Lisboa e Porto almoços para homenagear os **Agentes de Viagens e Carga Aérea** que mais se distinguiram pela colaboração que deram no ano de 1986, e a quem foram entregues troféus. Na Zona Sul receberam troféus «TOP TEN» as agências: Abreu, Aerofrete, Automóvel Clube de Portugal, Cargoplan, Cintrasol, Europeia, Extra, Luxtur, Marsans, Meliá, Moraes, Mundial Turismo, Paneuropa, Top Tours, Trip e Wagons-Lits.

Na Zona Norte receberam igualmente troféus «TOP TEN» as agências: Abreu, Arnaud, Avic, Barbosa, Calçada, Intercontinental, Lassen, Moraes, Marear, Novo Mundo, Pinto Basto, 747, Terra Nova e Turespinho. A receber os premiados estavam em representação da VARIG **Graciano Bracco**, representante geral; **Eduardo Névoa**, gerente comercial; **João Raminho**, gerente de carga; **Venâncio Duarte**, chefe da delegação do Porto; **Carlos de Sousa** e **Henrique Fonseca Ferreira**, chefes de vendas.

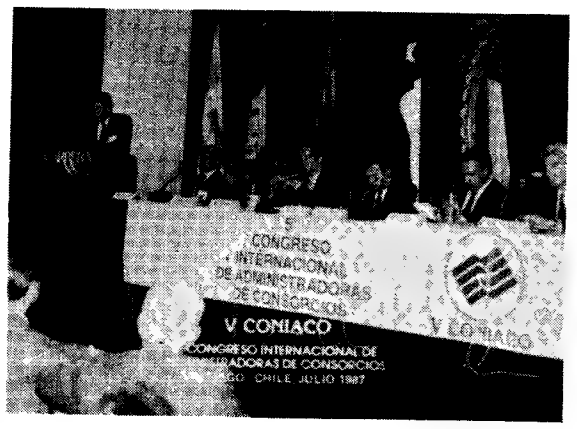
Escayolin

A **Johnson e Johnson — Divisão Farmadental,** lançou no mercado um novo produto — «**Escayolin Impermeáveis**», dirigido a pessoas que, em consequência de acidentes, tenham ligaduras ou gessos em pernas ou braços. A partir de agora, essas pessoas poderão fazer a sua higiene diária (banho de imersão ou duche) sem causar danos nos gessos ou ligaduras, ou ainda, tomarem banho de mar ou de piscina.

Esta comodidade é proporcionada pelo «**Escayolin Impermeáveis**» que é uma manga em «latex» e silicone que protege hermeticamente o membro engessado ou ligado, impedindo a entrada de água. O «**Escayolin**» é impermeável, cómodo e fácil de usar e vende-se só em farmácias e em quatro modelos (meio braço, braço, meia perna e perna), nos tamanhos grande e pequeno.

Vinhos Verdes

Realizou-se no dia 21 no Clube do Lago, ao pôr do sol, uma prova de vinhos verdes patrocinada pela **Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.** Esta prova reuniu um grande número de elementos pertencentes aos órgãos de informação nacional que tiveram a possibilidade de provar vinho verde branco e tinto de castas diversas e da mais alta qualidade. Está de parabéns a **Comissão de Viticultura** por este agradável encontro e pela forma cordial como apresenta o **vinho verde** — tão apreciado pela sua qualidade e singularidade.



Promogrupo: em reunião internacional

Realizou-se em Santiago do Chile, entre 19 e 21 de Julho, o **5.º Congresso Internacional das Administradoras de Consórcios de Compra em Grupo,** com a presença de cerca de uma centena de representantes das 600 empresas administradoras existentes actualmente no Chile, Brasil, Argentina, Colômbia, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Portugal.

O congresso, que foi solenemente aberto pelo Ministro da Economia do Chile, permitiu o intercâmbio de ideias e experiências das administradoras dos vários países nos sectores de informática, recursos humanos, marketing, processos administrativos, organização de vendas e relacionamento das empresas de consórcio com as autoridades governamentais de cada país.

Portugal esteve representado por administradores de 4 empresas, entre as quais o **Consórcio Nacional Promogrupo,** através do seu Director-Geral, **sr. Alberto de Magalhães Queiroz,** pioneiro na introdução do sistema de consórcio em Portugal e nos esforços de incorporação do nosso país na associação internacional desta actividade, tendo participado activamente em todos os congressos inernacionais realizados nos últimos 5 anos.

Inauguradas em Lisboa pelo ministro do Trabalho novas instalações do CENFIM

O CENFIM, Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica instituído em Jan/85, por acordo protocolar entre o **Instituto do Emprego e Formação Profissional** (IEFP) e as **Associações dos Industriais dos Metalúrgicos e Metalomecânicos do Norte e Sul,** representativas do sector, promoveu, no passado dia 8, a Sessão de apresentação das novas intalações da sua Sede — Delegação Regional do Sul e Núcleo de Lisboa, na Rua do Açúcar, 88, em Lisboa.

A cerimónia contou com a participação de grande número de industriais e entidades oficiais sendo a mesa, presidida pelo ministro do Trabalho e Segurança Social, **Mira Amaral,** constituída pelo presidente do **IEFP, Álvaro Martins,** administrador do **CENFIM, Raimundo Pousada** presidente da CIP, Pedro Ferraz da Costa e respectivamente os presidentes das **Associações dos Industriais Metalúrgicos e Metalomecânicos do Norte e Sul, Manuel Braga Lino e Mario Seca.**

O **CENFIM**, Centro de Formação de Gestão bipartida entre o **IEFP** e as associações empresariais atrás citadas tem por objectivo promover a orientação e valorização profissional no sector da **Indústria Metalúrgica e Metalomecânica** através da FORMAÇÃO PROFISSIONAL, sob as formas de aprendizagem, reconversão, reciclagem e aperfeiçoamento, abrangendo todos os níveis funcionais das empresas desde empresários, quadros Superiores, Chefias Intermédias, o pessoal directamente envolvido na produção.

Foi preocupação do **Centro Protocolar CENFIM** dotar-se do equipamento funcional que existe na maioria das empresas do ramo metalúrgico e metalomecânico bem como o equipamento mais moderno no domínio das novas tecnologias adaptadas à **Formação Profissional.**

Sociedades Têxteis Luís Correia emitem novas acções

As **Sociedades Têxteis Luís Correia** vão proceder ao lançamento de 500 mil acções no valor nominal de 1000$00 e com prémio de 2000$00, num processo que está sendo liderado pela **CISF**. Esta será a **segunda emissão** que o Grupo fará, sucedendo às obrigaçãoes no valor de 400 mil contos e ao aumento particular de igual valor por parte dos actuais accionistas. Todo este montante atingirá os 2,5 milhões de contos, destinados à implementação de novas unidades e linhas de produção.

As **Sociedades Têxteis Luís Correia** existem há 30 anos embora sob outra designação (**Belcor**). Questões de estratégia e gestão empresarial transformaram o Grupo num conjunto de empresas direccionadas a produções próprias, funcionando a **Soc. Têxteis Luís Correia — Tecidos, SA.**, como «holding» das **Soc. Têxteis Luís Correia — Fiação, SA., Soc. Têxteis Luís Correia — Malhas e Confecções, Sa., Soc. Têxteis Luís Correia — Estamparia, Acabamentos, SA. e Soc. Têxteis Luís Correia — Felpos, Lda.**, as quais se localizam na região de Guimarães, Vizela, Felgueiras e Santo Tirso.

Ocupando cerca de 1400 trabalhadores, praticamente todo o ciclo têxtil é assegurado pelo Grupo que optou pela repartição de tarefas, unidade a unidade. À empresa-mãe cabe a definição das grandes linhas estratégicas, dando às afiliadas autonomias financeira, administrativa, comercial e produtiva. Aliás, o Grupo garante os próprios fornecimentos de matérias-primas e respectivos canais de escoamento de produtos — EUA, CEE e EFTA, que absorveram 3,5 milhões de contos.

O volume de negócios deste Grupo — que se coloca entre os 10 maiores do ramo — alcançou, em 1986, os cinco milhões de contos, tendo o autofinanciamento atingido os 325 mil contos e os meiso libertos os 800 mil. Para o PNB as **Sociedades Têxteis Luís Correia** contribuíram com 1,7 milhões de contos.

Na perspectiva de abertura do Grupo a terceiros accionistas, a emissão de novas acções vai proporcionar a implementação de projectos na ordem dos 2,5 milhões de contos que, desta maneira, se podem concretizar de uma forma segura e sem qualquer tipo de riscos pois é feita através de capitais próprios. Dentro desses projectos contam-se a instalação de nova linha de fabrico «open-end» (700 mil contos), remodelação da linha de acabamentos (900 mil contos), novo edifício da **Soc. Têxteis de Fiação** (200 mil contos), implementação de linha de tecidos camiseiros (200 mil contos), nova estrutura de fiação fina (300 mil contos), investimentos em malhas e confecções e ampliação das instalações de tingimento de fio (100 mil contos, respectivamente).

A designação de **Sociedades Têxteis Luís Correia** deriva do nome do presidente do C.A.

PONTA ESQUERDA

José Lima saltou mais alto

O benfiquista José Lima ultrapassou a fasquia a 2,16 metros estabelecendo novo recorde nacional do salto em altura, durante a realização do Grande Prémio da Associação de Atletismo de Lisboa, ontem realizado no Estádio Alvalade. O novo recorde suplanta, em um centímetro, o anterior máximo que já lhe pertencia de parceria com o seu colega de equipa Vítor Mendes.

Barreiro: "Encontro do Desporto Escolar"

Analisar a problemática do desporto escolar no concelho e encontrar soluções que anulem o divórcio que tem existido entre as autarquias e as escolas, foi a grande perspectiva de um «**Encontro sobre Desporto Escolar**» que se realizou no concelho do Barreiro, no qual participaram educadores do concelho e convidados especiais com o objectivo de tratarem temáticas específicas.

Refira-se que a realização do «encontro» foi precedido de diversas reuniões com professores de Educação Física, que leccionam em escolas preparatórias e secundárias do concelho.

A realização do «encontro» permitiu promover uma análise da situação do desporto escolar no concelho do Barreiro, encontrar pistas para o futuro relacionamento a estabelecer entre as autarquias e as escolas; permitiu igualmente à câmara expor os seus pontos de vista sobre esta matéria, bem como definirem-se formas de colaboração mútua.

Acácio: 30.º no "ranking"

Acácio da Silva manteve o 30.º lugar na lista dos melhores ciclistas do Mundo, divulgada em Paris pela FICP-Velo, após a Volta à França.

A subida mais espectacular foi a do colombiano Fabio Parra, que terminou a Volta à França em 6.º lugar e subiu 86 lugares no «ranking» mundial, ocupando agora o 38.º

Os melhores do Mundo continuam a ser Sean Kelly, chefe de fila de Acácio da Silva na Kas que foi obrigado a abandonar a Volta à França por lesão, e Stephen Roche, que este ano já ganhou duas das principais provas mundiais, o «Tour» e o «Giro».

O espanhol Pedro Delgado, 2.º da Volta à França, ascendeu à 18.ª posição do «ranking».

A próxima lista estabelecida conjuntamente pela FICP (Federação Internacional do Ciclismo Profissional) e pela revista «Velo» será publicada depois dos próximos campeonatos do Mundo, a 6 de Setembro, em Villach (Áustria).

Hungria: violência dá prisão

Dezoito adeptos do futebol húngaro foram condenados, com pena suspensa, por um tribunal do seu país, recebendo penas entre 5 e 16 meses de prisão, por terem espancado outros espectadores e danificado automóveis, além de ferirem uma mulher à pedrada.

De acordo com testemunhas, os referidos adeptos gritaram «Bruxelas, Bruxelas», numa alusão à tragédia do Estádio de Heysel onde, na final da Taça dos Campeões Europeus de Futebol, em 1985, morreram 39 pessoas.

Terminou a "guerra dos cifrões"?

CASCAVEL ASSINOU PELO SPORTING

«Paulinho Cascavel assinou contrato com a duração de quatro anos com o Sporting». Esta a notícia, um tanto surpreendente, revelada na tarde de ontem e hoje confirmada pelo dirigente do clube de Alvalade dr. Dias Ferreira nestes termos: «O Paulinho Cascavel será jogador do Sporting nas próximas 4 épocas. Cheguei a acordo com ele, depois de obter autorização do dr. Pimenta Machado, para que pudesse efectuar as negociações e o acordo com o jogador». Quanto à verba despendida — e constava que o clube minhoto pedira 80 mil contos ao Benfica — Dias Ferreira afirmaria que «fizemos um contrato à altura dos prestígios do Sporting e do futebolista».

Aquele dirigente «leonino» afirmaria ainda em jeito de certa euforia que o seu clube tinha conseguido a «contratação da época».

Naturalmente que faltará formalizar o «negócio» com o Vitória de Guimarães e Dias Ferreira esclarece: «só não o fizemos em definitivo, porque isso dependia sempre da opção ou da vontade do jogador e devo salientar que o acordo com o dr. Pimenta Machado ficara condicionado apenas, a essa opção e à escolha do jogador».

Gaspar Ramos não acredita

Segundo revela o jornal «A Bola» o dirigente benfiquista Gaspar Ramos, ao ter conhecimento da notícia de que o Benfica tinha perdido esta «guerra dos cifrões», teria afirmado não acreditar que o Sporting tivesse conseguido a contratação de Cascavel porque **«ainda ontem me tinham dado como certo o acordo entre o Benfica e o Vitória de Guimarães».** Não, não acredito, a não ser que o Sporting tivesse cometido uma loucura».

Naturalmente que o «DL» procurou localizar algum dos responsáveis benfiquistas para conhecer a sua reacção a este «volte face» só que deparámos com o «não está», «está no estrangeiro», «só da parte da tarde» etc. etc. quando procurámos contactar o presidente João Santos (fora de Lisboa), Marcel de Almeida (ainda não chegou), Mário Oliveira (só da parte da tarde), José Gomes Machado (ainda não chegou), dr. juiz Adriano Afonso (não está).

No departamento de Futebol não se encontrava nenhum dirigente e no sector das Relações Públicas, também não.

•

Vamos aguardar pela evolução do «caso» e tudo indica que Cascavel se apresenta na Luz dentro de algum tempo vestido de verde para, junto de Marlon, Damas, Morato e demais parceiros, ali defrontar o clube que se apresentava como a sua meta mais previsível. A menos que as negociações entre o Sporting e o Vitória de Guimarães venham a travar o entendimento publicamente manifestado pelo dr. Dias Ferreira.

Quanto ao Benfica a solução poderá ser encontrada por Marcel de Almeida e José Gomes Machado na deslocação que hoje iniciam por terras eurpeias.

Quanto às relações entre benfiquistas com sportinguistas e vitorianos talvez se fiquem como dantes já que: amigos, amigos, negócios à parte.

Benfica: derrota em Berna frente ao Grémio de Porto Alegre

Um golo de **Carlos Manuel** aos 55 minutos foi insuficiente para evitar a derrota com os brasileiros do Grémio de Porto Alegre por 2-1 no segundo encontro da primeira jornada do torneio Philips que decorre em Berna, Suíça.

Sob a direcção de Kurt Rothlisberger, suíço, alinharam:

Benfica: Silvino; Veloso, Mozer, Dito e Álvaro; Diamantino, Carlos Manuel, Elzo e Nunes (Augusto aos 60 m); e Chiquinho (Edmundo aos 78 m) e Rui Águas.

Grémio de Porto Alegre: Mazaropi; Alfinete, Astengo, Luis Eduardo e Casimiro; China, Cristovão (João António aos 76 m), Bonamigo e Fernando (Cuca aos 61 m); Lima e Jorge Veras.

O Benfica defronta agora o Young Boys, da Suíça para o apuramento do 3.º lugar, enquanto o Grémio de Porto Alegre disputa a final com o Neuxatel que derrotou o Young Boys por 3-1 na marcação de grandes penalidades.

Belenenses: nova derrota

O Belenenses continua sem conseguir qualquer triunfo neste começo de época, já que ontem voltou a perder, desta vez por 2-1, frente ao Spartak Varna, da Bulgária. A turma de Depireux realizou uma exibição decepcionante e irreconhecível e o seu técnico terá manifestado alguma desilusão pela mediocridade futebolística dos seus comandados.

A ficha do jogo:

■ Estádio de Varna.

Árbitro: Mesropov, auxiliado por Momirov e Tyleshkov.

SPARTAK — Marinov; Ragomirov, Minailov «cap.», Kasherov e Kovashiv; Spasov, Naigenov e Ivanov; Stoanov, Kasakov e Ratailov.

BELENENSES — Justino; José António «cap.» (Artur, aos 56 m); Galo, Teixeira e Murça; Juanico; Paulo Monteiro (Jaime, aos 80 m), Hilário (Sobrinho, na segunda parte) e Jorge Silva (Chiquinho, aos 55 m); Chico Faria (Luís Reina, aos 75 m) e Mladenov.

Amanhã o Belenenses defronta o Thermo More em jogo a contar para o torneio de Varna, em que participamtambém o CSKA e o Craiova (próximo adversário do Chaves para a Taça UEFA), que se defrontarão em encontro que será dirigido por Carlos Valente.

Manuel Fernandes: decisão no sábado

Manuel Fernandes já foi a Alvalade «despejar» o seu armário o que evidencia ser inquestionável que não voltará a vestir a camisola com o símbolo do «leão», e anunciou que terá um encontro com os jornalistas, no sábado, na sua residência (Sarilhos), para comunicar qual a sua próxima rota.

assim vai o

totobola

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 31 DE 2 AGOSTO DE 1987

Correio do Vouga: 111 111 111 1111; Diário de Lisboa: 11X 11X X1X 1221; Maria da Fonte: 11X 111 112 12X1; O Diário: 22X 1X1 X12 1222; No Estúdio e no Estádio: 122 122 2X2 12X1; Clube da Manhã: 21X X12 11X 1221; Manhã, Manhã: 1X1 11X 11X 1X11; RDP/Secção Desportiva: 111 1X1 X12 X1X1; RDP/Tempo de Desporto: XX1 1X2 11X 1121; RR-Diário do Desporto: 1X2 1X1 11X X111; RR-Bola Branca: 11X X1X 111 11X2; RR-Desporto: 11X 121 1X2 121X; Voz de Lamego: 221 X11 X12 2X21; RDP/Pôr do Sol: 11X 11X 111 X211; RDP/Rádio Guarda: 111 X12 2XX 2111; Sons da Madrugada: 121 12X 12X 1211; RDP/Tarde Desportiva: 21X X1X 2111 X211; RDP-/Livre Directo: 21X XX1 X11 X112; RR-Desporto Regional: 1X1 X11 212 1221; Gazeta das Caldas: 1XX 111 111 1X11; Jornal a Defesa: X12 1X2 1XX 1X21; Jornal do Fundão: 1XX 111 21X 1X21; Eu Sei Tudo: 121 X11 111 X1X1; A Voz do Domingo: 111 111 111 1X11; Jornal da Beira: 111 111 11X 1221; O Jornal de Felgueiras: 1X2 1X1 X11 X211; Notícias de Felgueiras: 1X2 121 X1X X211; Jornal a Ordem: 121 112 1X2 1211; Linhas de Elvas: X2X 111 112 1211; Rádio Altitude: XX1 111 112 1221; Reconquista: 11X 11X 111 1211; Correio de Coimbra: 11X 112 1X2 12X1; RR-Penalty: 112 111 112 1X21; Ecos de Cacia: 11X 111 11X 11X1; O Mensageiro: 1XX 111 22X 1111; Rádio Totobola: 1X2 112 X22 1XX1; O Jornal da Lixa: XX1 111 X12 1X11; O Jornal de Amarante: 211 111 112 1111; Folha do Domingo: 1X2 X12 112 1X11; Litoral: XX1 1X2 112 1X21; Notícias de Gouveia: 122 121 X1X 1211; Defesa de Espinho: 122 12X 112 111X; RDP/Panorama Desportivo: 1X1 1X1 11X 1X11; Gente Gira: 11X X11 1X1 111X; Rádio Altitude: 1X1 1X1 X11 1XX1; Pista de Dança: 111 111 11X 1111; Comércio de Leixões: 1X2 111 X12 1XX1; De Tudo Um Pouco: 12X 111 X1X 1X21; Jornal de Gaia: 11X 21X 112 XX11; Jornal da Graça: 222 XX1 112 X221; Jornal de Notícis: 1X2 1X1 112 12X1; O Primeiro de Janeiro: 11X 1X1 112 12X1; Quadrante Norte: X21 112 11X 12X1; Repórter do Dia: 111 11X 112 1X21; Resenha Desportiva: 1X1 XX1 X12 XX11; Alvo Desportivo: X11 XX1 112 X111; Rádio Alvo: 2X1 11X 2X1 1111; Alvo: 111 111 111 1111; Alvo Suplemento: X11 2X1 X11 X2XX; A Voz dos Ridículos: 1X1 211 11X 1111; Rádio Placard: 21X 1X1 111 1111; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (*) 1	X	2
1. Aaarhus-Vasas	44	9	9	8	2	2
2. Pogon-Magdeburgo	30	21	11	6	4	2
3. Halmstads-Ujpesti	28	21	13	5	4	3
4. Tatabanyai-Naestved	46	13	3	9	2	1
5. Grasshopper-Malmo	39	17	6	8	3	1
6. Lech Poznam-Aik	40	11	11	8	2	2
7. Nitra-Lingby	40	15	7	8	3	1
8. Norrkoping-Ruda Cheb	51	8	3	10	1	1
9. B. Dortmund-Bayern	17	19	26	3	4	5
10. Kaiserslautern-E. Frankfurt	47	13	2	9	2	1
11. Karlsruher-Colónia	20	18	24	4	3	5
12. Hannover-Werder Bremen	33	14	15	6	3	3
13. Hamburgo-Schalke 04	55	4	3	10	1	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 111 112 1211

49.ª Volta a Portugal

A MINHA CARTA PARA GARCIA

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Um dia destes, o camarada Pinto Garcia (do «Jornal de Notícias») escreveu-me. Ele é o autor do guião da Banda Desenhada sobre ciclismo que o «JN» e «O Jogo» publicaram, no ano passado, durante 24 semanas.

Estava recolhendo testemunhos de jornalistas que têm vivido, bem por dentro, as peripécias (sempre tremendamente insólitas) de Voltas a Portugal em bicicleta.

Pinto Garcia pedia-me 60 linhas para «A história dos heróis da estrada». Ora, neste dia de prólogo da dição 49 do nosso «tour», entendo que, calcados todos os palpites e adivinhações, chutados para longe figuras e nomes em quem poderíamos fazer aposta, ficaria aqui melhor «A minha carta para Garcia». É assim:

A história poderia começar muito lá para trás, quando a meninada como eu corria afanosa para a beira das estradas para ver (fugaz, vertiginosamente) desfilar uma grande serpente colorida onde só a nossa boa vontade conseguia distinguir o esguio «Faísca» ou o possante Francisco Inácio, o aristocrático José Martins ou esse imenso naipe de atrevidos que ficou envolta no anonimato cimentado pelos tempos.

Era a paixão (como direi?) que se prolongava naqueles festivais de pista, no Lumiar, onde Luís Longo ou os marroquinos Drisse e Djali, Império ou Aristides. Mourão ou Rebelo enquadravam os estonteantes «sprints» de João Lourenço e Eduardo Lopes, precursores desses outros devoradores de metas que foram Fernando Moreira e Emiliano Dionísio, Onofre ou Moreira de Sá. Iria, depois, acontecer aquela geração de Dias Santos, quando por cá andavam italianos e espanhóis, na pista do Lima como pelos Algarve a pedalada era rainha várias vezes ao ano e não apenas quando a «Volta» subia ao palco. Foi o fascínio da luta Ribeiro da Silva — Alves Barbosa, que uma moto enlouquecida fez terminar abruptamente.

Quando deixo de beliscar a memória velha, dou por mim já vivendo a corrida, com aquele magnífico quarteto de mosqueteiros azuis-brancos (Carlos Carvalho, Sousa Cardoso, Mário Silva e José Pacheco) estabeelecido no trono. O meu amigo Mário e o fino Pacheco ainda hoje aparecem na berma da estrada: e o vencedor de 61 sempre carregando plásticos com água, fruta, carinho e palavras de ânimo para os continuadores.

Apareceu o coriáceo João Roque, lembro-me do Leão me contar (numa pensãoperto do Marquês do Pombal) que ia entregar a coroa de louros a uma irmã, que tinha professado mas, do convento, lhe enviava sempre uma palavra de esperança. Ao pequenito e frágil Peixoto Alves tornei a encontrar por terras de França, quando era «maçon» e trabalhava ao lado do Helder, que foi chutador no Benfica e ficou (como «internacional» júnior) à porta de uma carreira. E vem o Valada que (aqui para nós) ainda não deve ter sabido como «aquilo» aconteceu.

Por aí fora: mas se bem me perdoam, depois do Ribeiro o maior que vi foi mesmo o Quinn de Brejenjas. Na noite em que, no laboratório, perdia para o Andrade o nosso «tour» de 69, dizia-me o sangalhense, à mesa de Ivo Neves, no coração da Bairrada: «**Cá comigo, o único «doping» é o espumante**». Tá bem, ó Andrade. Lembras-te daquela vez em que, na hora da partida, baixaste os calções e, perante multidão atónita, limpaste o teu respeitável traseiro ao comunicado do júri? E você, Fernando Mendes, quando depois das voltinhas nas Antas se soube que cafezinho tinha umas coisitas misturadas: e todo o Benfica foi à vida?

Claro que foram acontecendo memórias. Nas Pedras Salgadas, batiam as duas da manhã e chega um telefonema para o saudoso Idalino: «é da Federação», informam à mesa do «poker», está aí o Artur Agostinho que se lembra, o Barreiros pai que não esquecerá a rodada. Como quem não queira coisa, fui para a outra cabina telefónica: de Lisboa, o tristonho Paixão comunicava que o Agostinho et eaetera el. Fui o único a dar a notícia ao jornal: quando se partia para a etapa da tarde, só o dr. Pereira da Silva também sabia do assunto, veio uma chuva de ligações do sul: o «DL» colocava a notícia em manchete: e nem o pobre «Tino» sonhava com ela.

Sessenta linhas, pede você, Pinto Garcia. Não sei como mas, num ápice, poderia escrever 60 mil. Aquele chichi do Marco mais a esperteza do «Quim» Sousa Santos. Frasquinhos que foram comprometendo alguma rapaziada: e outra que conseguia nunca acusar nadinha. Todavia, há outras figuras, casose tristezas, demoradas alegrias e muita meditação, tudo agora aflorando à ponta do meu arquivo. Guarde só mais isto: conte sempre mais sobre os «heróis da estrada». Eles são (desculpe a concorrência) os únicos artistas do desporto que trabalham com braços partidos e cabeças fendidas, furúnculos e infecções. Obrigados a só beberem água pura: e tantas vezes recolhendo a penates rasgados e sem um pataco.

Sabe que mais, Pinto Garcia? Não ouso ser mordaz para quantos vi pendurados em carros ou escapando-se maliciosamente à palavra dada a companheiros de fuga. Porque deles é (certamente) o pequeno reino dos céus ainda aberto aos que, de coração limpo e cabeça erguida, abalam, uma vez ao ano, para a festa que irá prolongar-se até, talvez já em outro século, a recordarem para netos de boca aberta pelo espanto.

A equipa de ciclistas profissionais da «Fagor»

alterações

À hora em que estamos a fechar esta edição, faltam ainda apresentar-se as equipas da Fagor, Ajacto, Boavista e Garcia Joalheiro, pelo que poderão ainda surgir algumas alterações no plantel destas turmas.

No que respeita às demais, soubemos que Rui Torres (Ajacto) estará presente, bem como o tavirense João Palma e o salgueirista Manuel Oliveira Pinto, todos em dúvida até ontem, e que os tavirenses António Apolo e Nictélio Cavaco não alinharão. No Louletano sai Jorge Corvo que será rendido por Rui Duro.

Hoje...

As primeiras pedaladas serão dadas às 15 horas de hoje, quando os 113 ciclistas, inscritos na prova, iniciarem a grande caminhada (2747 quilómetros) nas artérias da cidade de Águeda. Este prólogo terá a distância de 4,5 km e o seu vencedor partirá amanhã pelas 9 horas vestindo a mais bela camisola.

...e amanhã

Amanhã disputa-se a primeira etapa entre Águeda e a Marinha Grande na distância de 203 quilómetros com passagem pelas seguintes localidades: Mealhada (9.30 horas), S. João do Campo (10.12), Montemor-o-Velho (10.30), Figueira da Foz (11.00), Guia (11,43), Monte Real (12.06), Vieira (12.16), S. Pedro de Moel (12.45), Marinha Grande (chegada à meta, prevista para cerca das 14 horas).

Marinha Grande: a capital do vidro

Não existem referências históricas sobre a Marinha Grande anteriores ao Século XVI, prevendo-se que tenha nascido na sequência das actividades florestais à volta do pinhal de Leiria.

O concelho tem uma área de 187,04 km² distribuídos por duas freguesias, Marinha Grande e Vieira de Leiria, com uma população de cerca de 32 000 habitantes (censo de 1981).

Localizada na orla do pinhal de Leiria, Marinha Grande é o principal centro do País em fábricas de vidros, e também de telha e tijolo, tendo ainda uma mina de carvão.

O bispo D. Pedro de Castilho criou a freguesia da Marinha (antiga designação da Marinha Grande) em 1600, e só em 1836 foi elevada à categoria de concelho, então já com o nome actual. Dois anos depois o concelho foi extinto, e em 1892 foi-lhe dada a categoria de vila, sendo o concelho restabelecido em 1917.

Vivendo exclusivamente do pinhal, a povoação só em 1748 começou a progredir, quando John Beare transferiu de Coina para a Marinha Grande o que seria a primeira fábrica de vidro da localidade, devido ao combustível abundante e barato proporcionado pelo Pinhal Real.

Em 1769 o inglês Guilherme Stephens adquiriu a fábrica e transformou-a completamente, dotando-a com moderno material para a época e tendo então recebido o incentivo do Marquês de Pombal e 32 contos, sem juro, como auxílio do tesouro, além de outros privilégios, como o de retirar gratuitamente lenha do pinhal durante 15 anos, situação que se tornou depois permanente.

Assim começou a Real Fábrica de Vidros, mais tarde designada de Fábrica Nacional de Vidros.

Dos cerca de 20 000 hectares de área para agricultura, 13 000 destinam-se à exploração florestal no Pinhal do Rei.

O concelho da Marinha Grande tem uma população escolar de cerca de 8000 alunos, divididos por cerca de trinta escolas dos ensinos primário, preparatório e secundário.

Futebol continua em bolandas

ALARGAMENTO DISCUTE-SE AMANHÃ

O alargamento para 20 clubes nos campeonatos vai ser o ponto fulcral da assembleia geral das associações de futebol que se realiza amanhã em Lisboa.

Aquela sessão, que poderá vir a tornar-se histórica no futebol nacional, irá colocar em confronto algumas das principais associações do País, nomeadamente as de Lisboa e do Porto, contrária e a favor, respectivamente, ao alargamento.

A Associação do Porto, presidida por Adriano Pinto, foi aliás a entidade que propôs o alargamento para 20 clubes, baseada nas pretensões dos clubes associados, mas a Associação de Viseu vai apresentar também uma outra proposta que incide sobretudo no número de clubes da 3.ª divisão.

Também a direcção da Federação Portuguesa de Futebol, que esteve directa ou indirectamente envolvida neste processo devido especialmente ao «caso Mapuata», irá apresentar a sua proposta, que em pouco difere da de Viseu.

Clubes de Lisboa emitem comunicado

Os clubes da 3.ª divisão filiados na Associação de Futebol de Lisboa emitiram um comunicado em que apelam a todos os clubes que estão contra o alargamento que o manifestem no dia da assembleia geral da FPF.

O comunicado de 10 pontos e assinado pr outros tantos clubes da zona de Lisboa esclarece que **«por via de um dano causado a um terceiro e único clube os restantes 159 clubes participantes não podem ser financeiramente penalizados».** «Se por via do desfecho do «caso Mapuata» se entendeu que um clube, o Salgueiros, terá sido eventualmente prejudicado, tal consequência apenas deverá, e de modo claro, ser imputada a quem, na medida das suas responsabilidades, deu azo à eclosão desse caso», lê-se no comunicado.

Os dez clubes da III divisão de Lisboa afirmam-se «conscientes de como vão ser gravosamente onerados os seus encargos com o futebol, caso a proposta de alargamento faça vencimento». «E nem se diga, como já vimos defendido por alguém, que o alargamento trará aos clubes mais dinheiro do Totobola. Por que via se os contemplados passam a ser mais quatro em cada divisão e não há garantias de que o bolo seja aumentado?» questionamos os clubes.

Também a arbitragem foi assunto focado pelos clubes de Lisboa da terceira divisão, a qual afirmam não possuir árbitros suficientes «para, com nível e dignidade minimamente exigíveis, dirigirem todos os jogos dos nacionais».

Os clubes da AF Lisboa da terceira divisão mostram-se dispostos a recorrer aos tribunais caso a proposta da AF do Porto venha a triunfar e apelar aos restantes clubes que manifestem o seu desacordo pelo alargamento mediante telegrama para o presidente da assembleia geral da Federação Portuguesa de Futebol.

O comunciado está assinado pelo Futebol Benfica, Atlético da Malveira, Olivais e Moscavide, Lisboa e Olivais, Vialonga, Atlético do Cacém, Sintrense, Vilafranquense, Santa Iria e Vitória de Lisboa.

Modalidades

Rali da Madeira

Cento e dois concorrentes vão disputar a partir de amanhã a 28.ª edição do Rali da Madeira, prova pontuável para o europeu de coeficiente quatro, tendo a organização manifestado o empenho em manter este estatuto no calendário automobilistico internacional em 1988.

Nomes sonantes do automobilismo europeu marcarão presença na prova madeirense, com destaque para Dario Cerrato e Petrick Snyers, primeiro e segundo classificados do «europeu» de ralis.

Entre os concorrentes portugueses regista-se a presença de Inverno Amaral, Mello Breyner, Joaquim Santos e Carlos Bica.

O figurino da prova é sensivelmente idêntico ao da edição anterior. O rali terá um total de 958 quilómetros, dividido por 3 etapas que incluem 26 classificativas, totalizando 361 quilómetros.

A prova madeirense teve o seu início em 1959, não passando então, praticamente, de um passeio turístico à volta da Ilha.

Em 1966 o Rali da Madeira passa a contar para o campeonato nacional e ralis e em 1967 o seu figurino sofre grandes alterações e pela primeira vez integra pilotos de gabarito europeu, como Jean Pierre Nicolas, vencedor nesse ano.

Na edição de 1972 a prova é integrada no campeonato ibérico da modalidade, sendo nesse mesmo ano solicitada a sua inclusão no campeonato da Europa, para no ano de 1979 ser definitivamente integrado no calendário europeu, no coeficiente 1, e em 1981 subiu no europeu para o coeficiente 2, passando sucessivamente ao 3 e 4 nos dois anos seguintes.

Em 1986 regista o recorde de concorrentes inscritos na prova madeirense (119), sagrando-se vencedor o italiano Fabrizio Tabaton, em Lancia Delta S4.

Portugal com forte tacada

Portugal qualificou-se para a final do torneio octangular da Bélgica em golfe ao derrotar a Suíça em encontro das meias-finais disputado próximo de Bruxelas e defrontará hoje (na final) a Bélgica.

Contra a Suíça, em dois pares, Daniel Silva e Miguel Nunes Pedro garantiram a vitória por 4-3, enquanto nos três jogos individuais Daniel Silva venceu por 8-6 e Ricardo Oliveira ganhou por 3-1.

Regata Lisboa-Funchal

Uma regata oceânica de Lisboa ao Funchal para comemorar os 500 anos da descoberta do Cabo da Boa Esperança vai realizar-se a partir do dia 1 de Dezembro.

Organizada pela Associação Naval de Lisboa, a regata contará com uma paragem técnica na Ilha de S. Vicente e chegada à cidade do Cabo.

Até ao momento estão já inscritas 14 embarcações, três das quais são portuguesas e as restantes inglesas e sul-africanas, mas as inscrições continuam abertas até meados de Outubro próximo.

A regata fará ainda acompanhamento à caravela «Bartolomeu Dias», financiada pela comunidade portuguesa da África do Sul e que deverá largar de Lisboa em meados de Novembro.

EMPORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	14	14	0,0	P. nub.
V. Castelo	18	18	0,0	P. nub.
Vila Real	16	16	0,0	Limpo
Porto	14	14	0,0	Limpo
Coimbra	17	17	0,0	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	0,0	Encob.
C. Branco	18	17	0,0	P. nub.
Portalegre	14	14	0,0	Nevoeiro
Lisboa	17	17	0,0	Neblina
Évora	16	16	0,0	Neblina
Beja	16	15	0,0	Neblina
Faro	18	16	0,0	Limpo
Sagres	18	18	0,0	Encob.
P. Delgada	20	20	0,0	M. nub.
Funchal	20	20	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 26, Porto 23, Faro 25, Ponta Delgada 24, Funchal 26.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	17	16	P. nub.
Londres	15	14	Chuvisco
Paris	14	13	Encoberto
Bruxelas	16	14	Chuva
Amesterdão	15	14	Aguaceiros
Genebra	16	16	Aguaceiros
Roma	21	19	Neblina
Oslo	15	13	Aguaceiros
Copenhaga	13	11	Chuva
Estocolmo	12	10	M. nub.
Berlim	15	14	Chuva
Viena	15	13	P. nub.
Varsovia	15	10	Limpo
Atenas	26	24	Limpo
Moscovo	16	13	Aguaceiros

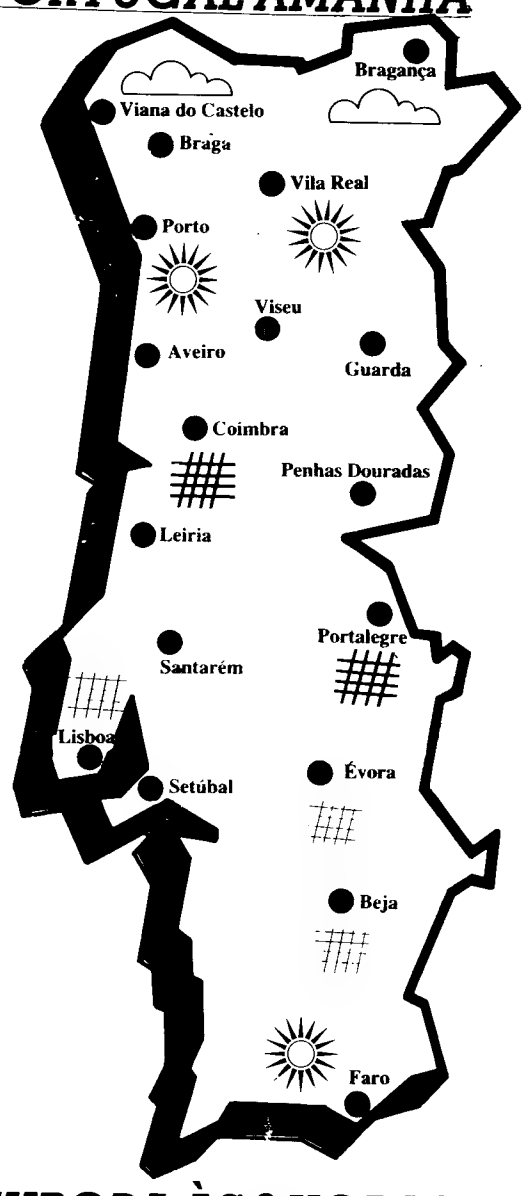
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	17	27	Chuva
Joanesburgo	4	18	Limpo
Los Angeles	17	28	Limpo
Montreal	9	19	Nublado
Nova Deli	28	39	Limpo
Nova Iorque	21	32	Limpo
R. de Janeiro	16	32	Limpo
S. Francisco	12	21	Limpo
Sao Paulo	14	27	Nublado
Toquio	27	36	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral oeste durante a madrugada e manhã. Vento fraco soprando moderado de noroeste na faixa costeira ocidental durante a tarde. Neblina matinal.

Estado do mar:

Costa *Ocidental*: Mar de pequena vaga a cavado e ondulação de noroeste com cerca de 2 metros.

Costa *Sul*: Mar de pequena vaga e ondulação inferior a 1 metro.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de nordeste soprando em regime de nortada no litoral oeste, durante a tarde. Pequena subida da temperatura.

DEPOIS

Céu geralmente limpo. Vento fraco ou moderado de nordeste suprando em regime de nortada na faixa costeira ocidental, durante a tarde. Pequena subida de temperatura.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento leste moderado. Soprando, por vezes fresco nos grupos central e oriental. Aguaceiros fracos.

***Estado do mar*: Grupo Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação nordeste de metro. Grupo Central e Oriental: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação nordeste de dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado, soprando, por vezes forte.

***Estado do mar*: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de dois a três metros.**

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
6.41	3,6 m	12.09	1,2 m
18.51	3,7 m	24.36	1,2 m

Amanhã

7.11	3,5 m	12.47	1,3 m
19.23	3,6 m		

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

LILIANA CAVANI REALIZA 'VOZES FEMININAS' DA AMÉRICA LATINA

Roberto Cazorla
Serviço EFE/«DL»

Liliana Cavani e o seu contributo para o Quinto Centenário da Descoberta da América. A prestigiada realizadora italiana, uma das mais interessantes para os cinéfilos «puros», prepara-se para realizar um filme para a televisão, inspirado na vida de três grandes poetisas latino-americanas: a chilena Gabriela Mistral, a argentina Alfonsina Storni e a cubana Carilda Oliver Labra. O filme terá a duração de três horas e o mais provável é que seja transmitido em três vezes, convertendo-se assim, numa mini-série de três capítulos.

Trata-se de uma co-produção espano-italiana e o tão ansiado trabalho (por parte de todos os que nele vão participar e em especial, pela própria Liliana) será um dos que se juntarão a essa variedade de programas e de acontecimentos em geral, que se estão a preparar para as comemorações do Quinto Centenário da Descoberta da América.

«Acho que é uma forma especial de colaborar nestes actos. Levar à televisão fragmentos da vida de três mulheres tão importantes na poesia latino-americana é algo realmente fascinante, tremendamente importante».

Escusado será dizer que, para esta cineasta italiana, o mundo da mulher é muito importante. É uma das feministas mais revolucionárias da Europa, embora nunca tenha feito alarde disso e muito menos, cair no ridículo, como costuma acontecer com os grupos que saem para a rua por simples exibicionismo. A senhora Cavani nunca age nem pronuncia uma palavra que não seja totalmente positiva para a causa feminista.

Até ao momento, conta-se com a participação da actriz Gudrun Landgrebe, a qual encarnará a figura da poetisa cubana, Carilda Oliver Labra, já que, segundo a própria cineasta, «existe uma enorme semelhança entre ambas», especialmente quando a autora de «Alsur de Mi Garganta» tinha 30 anos. Gudrun Landgrebe foi dirigida por Cavani no filme «Berlin Interior», onde contracenava com Kevin McNally.

Sobre Landgrebe, a realizadora italiana afirma: «É uma actriz possuidora de uma personalidade extraordinária. O seu talento é um caudal incessante. Além disso, é uma das actrizes mais profissionais do cinema europeu».

Espera-se que este filme, intitulado «Vozes femininas da América Latina», seja um dos trabalhos mais significativos e que prestigie o nome destas três figuras da literatura universal. Todos sabem que Gabriela Mistral e Alfonsina Storni já não estão connosco fisicamente, mas Carilda Labra, com 62 anos, atravessa a melhor fase da sua criação poética.

Alguns dados biográficos

É uma mulher alta e magra e a sua personalidade nunca poderia passar despercebida. Possui uma grande cultura e tem um grande carisma. Nasceu em Capri, em 1933; os seus primeiros estudos foram feitos no Centro Experimental de Roma e daí passou para o mundo da televisão, onde realizou vários programas e documentários. O trabalho desta realizadora na televisão começou em 1962. É considerada a primeira mulher a ter alcançado uma notoriedade visível, comparável à de outros realizadores de primeira água.

As suas três primeiras longas-metragens foram: «I Cannibali» (filmada entre 1969 e 1970), «L'Ospite» (1971) e «Night Porter» em 1974.

A sua fase contestatária começou com a revolução intelectual de 1968. «Desde então, propus-me fazer cinema situado deliberadamente à margem da comodidade moral tradicional, adoptando uma visão do indivíduo e das relações sócio-históricas que discute as teorias de Marx e de Freud e que as supera».

Segundo os mais entendidos em matéria cinematográfica, Liliana Cavani criou o seu próprio estilo de fazer cinema. «O que expressa é sumamente importante, mas ainda é mais importante a forma como o faz», afirmou o crítico norte-americano Raymond Ray.

«Milarepa», «Galileo», «Al Di La'del Bene e del Male», «La Pelle» e «Oltre La Porta» são alguns dos muitos títulos que confirmam a bem sucedida trajectória cinematográfica de Liliana Cavani.

Uma das suas últimas produções é «Berlin Interior», na qual faz uma demonstração fiel do amor vivido por três pessoas, duas mulheres e um homem. Berlin Interior é uma história de paixões, de amores proibidos e de traições, diz a este respeito a própria realizadora.

Liliana confessa não ter influências de nenhum outro realizador, embora simpatize e admire alguns colegas de profissão.

Como foi e continua a ser uma cineasta inconformada e revolucionária, editou filmes que foram combatidos por várias sociedades e seitas religiosas. Contudo, isso não acontece só com ela, mas com todos os que tentam mudar algo, sobretudo se estiver relacionado com o mundo cultural.

«O cinema é a minha vida»

Liliana confessa que «não podia fazer outra coisa. O cinema é a minha vida».

Recentemente, dirigiu a actriz espanhola Angela Molina em «Camorra» e obteve um dos seus maiores êxitos. «Angela possui um dos rostos mais especiais e mais fotogénicos do momento», afirma a realizadora.

Em relação ao seu próximo trabalho para televisão, afirma: «A televisão é um meio fabuloso onde me sinto muito bem. Não é novidade para mim».

Este progrma de três horas é dedicado a três mulheres da América Latina e marcará um ciclo, o início de um ciclo sobre a cultura do Novo Mundo, coisa que nos leva a sentir maior admiração e simpatia pela cineasta italiana.

Cavani costuma ser a autora da maioria dos guiões que filma. É uma autêntica conhecedora do mundo que rodeia a Sétima Arte. Está a escrever um livro sobre as suas experiências no cinema, onde aparecem todas aquelas estrelas que soube dirigir tão habilmente.

Lisboa-Madrid
Madrid-Lisboa
Novo serviço Auto - Espresso
(De 4 de Junho a 21 de Setembro)

Grandes descontos nos Dias Verdes

CP

Informe-se na sua agência de viagens ou na estação mais próxima

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
8.º JUÍZO
ANÚNCIO

O Dr. Abílio Lopes Cardoso, Juiz de Direito do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa
FAZ SABER, que pela 2.ª Secção deste Juízo, correm seus termos uns autos de Contrato Individual de Trabalho registados sob o n.º 94/85, e no qual são citados Fernando Guerra Antunes e Rosa Borges Ferreira, com última residência conhecida na Rua Maria Lalande n.º 15 8.º Dt.º em Lisboa, para no prazo de oito dias, finda a dilacção de trinta dias, esta a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestarem a acção de C.I.T. que lhes move a Autora Maria Fernanda dos Santos Sarmento e, na qual são Réus os notificandos e Outros, sob pena de, não contestando, serem imediatamente condenados no pedido formulado pela Autora.
Ficam também citados para, no mesmo prazo, contestarem querendo, o pedido de assistência judiciária requerido na petição inicial cuja cópia se encontra à sua disposição no 8.º Juízo 2.ª Secção sito na Av. Casal Ribeiro n.º 48-5.º, em Lisboa.
Lisboa, 16 de Junho de 1987

O Juiz de Direito
(Assinatura ilegível)
O Escrivão
(Assinatura ilegível)

«D.L.» — 30/7/87 — 1.ª Pub.

tel TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA
TEATRO VASCO SANTANA
tel.768609
metro: Entrecampos
Apresenta

as Senhoras das Quintas-feiras
de Loleh Bellon
encenação: Luzia Maria Martins
de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Solilóquio

25 de Junho, quinta-feira
Praça de Touros do Campo Pequeno. Touros de António Barbeiro para Sommer de Andrade, Joaquim Veríssimo, forcados amadores de Évora (cabo João Patinhas), Juan Pedro Galan e Maribel Atienzar.

Catorze anos depois de a rapariguinha de Albacete ter surgido no mundo do toureio, de começar suas andanças pelas arenas, desde Madrid às Américas, Maribel chegou a Lisboa. Ali estava ela, no pátio dos cavaleiros do Campo Pequeno, o longo cabelo, o trajo negro e prata. Os turistas e os indígenas passavam, olhavam-na curiosos, quantos sem a tomarem a sério. Enganavam-se. Não a tinham visto, naquela deliciosa tarde de Setembro do ano 9, sem se impressionar com o sangue da cornada que mandou Carlos Aragon Cancela para a enfermaria, Maribel no centro mesmo da Maestranza de Sevilha, longe do amparo dos capotes, descarando-se com o bravo novilho de Juan Pedro Domecq, adiantando o trapo vermelho, correndo a mão em muletazos limpos e toureiros. Se tivessem visto Maribel, talvez adivinhassem que iriam pertencer-lhe os momentos mais luzidos da noite; o que aliás não foi difícil, novilho toreáveis, cavaleiros e forcados cumprindo sem pena nem glória; e o Juan Pedro Galan, o seu alternante, que foi menino prodígio de Jerez, logo de pequenino conquistador do México, aprendeu afinal de mais, efectista e variado, habilidoso a puxar pelas palmas do pagode, partir mais cedo que os outros, quem sabe se irá chegar mais tarde, ou nem isso. A pequena Maribel foi assim a alegria da noite. Sem contar com outra alegria do pagode, essa chocarreira, quando o segundo novilho saltou as tábuas, foi acertar no polícia, tratou mal a farda da autoridade, que, como se sabe, nas touradas à portuguesa é mesmo só farda. Maribel foi pois a triunfadora, pôs sabor e graça no trasteio, às vezes desligado até ser interrompido quando o seu primeiro a colheu e deixou inanimada na arena, assim a levaram para a enfermaria. Outra vez se enganaram os muitos que pensaram que não voltaria: sorridente voltou, entre uma ovação, para lidar decidida o novilho que fechou praça: nem era precisa faena tão extensa para meter o público na algibeira, rendido a um encanto que não era apenas feminino, vinha salpicado dessa graça toureira que não tem sexo, nem se explica, nem se aprende, bastante é existir.

28 de Junho, domingo

Notícia de acontecimento insólito, metendo outra vez questão entre empresário e toureiro. Só que desta feita notícia triste. Foi ontem, em Algeciras: o matador local Pedro Castillo tentou estoquear o empresário Carlos Corbacho, quando este saía da praça de touros, onde se está iniciando a feira anual, em cujos cartazes o jovem toureiro da terra não foi incluído. Depois do seu êxito no passado ano, ao que parece julgava-se digno de melhores condições do que aquelas que lhe foram oferecidas. A velha razão do dinheiro, à mistura talvez com outras razões antigas. Aliás muito antigas não podem ser, pois Castillo tem apenas 23 anos, carreira breve, de contratos mais breves ainda, quase limitados à sua terra, fora dela uma ou outra oportunidade dessas difíceis, que mal chegam a sê-lo. Carreira breve, que o gesto desesperado e a prisão vieram interromper agora, talvez em definitivo, a menos que algum esperto aproveite o sensacionalismo do acto criminoso para o «marketing» do toureiro que quis matar a estoque um empresário. Felizmente falhou, não foi além de dois pinchazos, Corbacho retomará qualquer dia a sua vida. Uma vida marcada pela má sina da espada. Primeiro foi o estoque que, saltando, se lhe foi cravar numa perna, quando toureava em Valência, no ano de 1963; e desse infortunado acaso nunca recuperou, quatro anos depois tiveram de amputar-lhe uma perna, e com ela a sua carreira de matador de bastantes praças e orelhas. E agora novamente a espada no seu caminho, desta vez não movida pelo acaso, feita arma de vingança, desviada do seu destino de sorte suprema.

30 de Junho, terça-feira

O António Valdemar, que acumula a capacidade de jornalista com a de enciclopédia andante das artes e das letras, deixou-me na livraria os três volumes das memórias de Bulhão Pato, onde irei procurar os trechos em que o escritor fale do mar ou dos marinheiros. E num primeiro passar de página encontrei, no primeiro volume, uma passagem que não tem nada de marítimo, e que talvez tenha escapado ao Urbano Tavares Rodrigues quando, há um bom par de anos, coligiu «O mundo do toureio na literatura da língua portuguesa». Chama-se «A corrida de Touros no Campo Grande», e foi escrito em Março de 1883. Há nele um delicioso bocadinho, que nem sequer é o fulcro do episódio, mas serve para demonstrar que o Bulhão Pato não se ficou só pelas ameijoas que todos conhecem, nem pela caneta que muitos começam agora a conhecer: afinal também pegou em bandarilhas: *«Houve uma toirada de curiosos no pátio da casa do conde de Vimioso, ao fim do Campo Grande. Um largo pátio.*

Fez-se o curro, o entrincheiramento. Divisão para senhoras e para homens. Tribuna para quem havia de presidir. Presidia a infanta e dirigia a corrida o velho e honrado conde de Figueira.

Os rapazes eram, entres outros, D. João da Cunha e Meneses e seu irmão D. António, João Carlos do Amaral Osório, visconde de Almeidinha, Paiva de Araújo, um grande elegante, conde de Belmonte, Lopes de Mendonça, os Roquetes. Mendes Leal e eu.

Mendes Leal ? ! Sim, senhores, ele próprio; todo ele; o poeta, o dramaturgo, o poemista, o orador, o homem de Estado e o diplomata !

Pois era ele, de moço de curro; barrete ao lado, coletinho curto, jaqueta ao ombro, cinta encarnada, calção, meia branca e sapato de fivela. O pampilho, é verdade, o enorme pampilho !

E atirava-se para riba deles *com os seus brios, que os tem sempre em tudo; lá lhe caía à cernelha, como um danado !*

Conde de Vimioso, o mestre, no momento em que eu ia pôr um par de ferros num novilho, aludindo ao meu. Se coras, não conto, *exclama:*

— Se marras, não brinco !»

2 de Julho, quinta-feira
Paça de Touros de Madrid. Corrida da Imprensa. Touros de Torrestrella para Ruiz Miguel, Vítor Mendes e Lucio Sandin.

Há horas de sorte. Hoje andava eu, na tarde calorosa, a meter o nariz nas tascas de Vila Franca, à procura de televisor para, chegada à hora, assistir à corrida da Imprensa, quando à entrada do Clube Taurino, ali nas traseiras do antigo e saudoso Café Central (onde melhor que o café eram o ambiente e as broas de aniz), dei com o senhor Saavedra Valente. Aficionado a valer, é o presidente da comissão instaladora do clube, em que se fundiram as várias tertúlias taurinas vilafranquenses. «Ainda bem que o encontro» — disse-me ele — «queria fazer-lhe um pedido». Quando nos falam em pedido, a gente fica com medo que seja coisa grave, difícil de atender mesmo com boa vontade. Afinal não era o caso, pedido simpes, o Clube Taurino vai abrir uma escola de toureio, do programa constam aulas de português, queriam que os textos fossem tirados dos livros do Solilóquio, se ele autorizava. Respondi que sim, desvanecido ficará, ainda por cima Vila Franca sua segunda terra, e de Portugal a mais toureira de todas. Embora advertindo que sua prosa não será para os alunos da escola a mais adequada no tocante à gramática, erros aos montes, acentos fora do lugar, ortografia segundo convénios já extintos, pontuação às vezes sem dar respiro, textos que até compositor de jornal tem de corrigir: advertências que o senhor Saavedra Valente não atendeu, talvez pensando que numa escola do toureio os erros que não se podem ensinar, que se pagam caro, são outros, não são os da disciplina da gramática, de resto há touros que nunca andaram na escola e sabem latim. Mas quando eu disse que há horas de sorte não me referia ao pedido do senhor Saavedra Valente, mas sim ao facto de me ter convidado para assistir em sua casa à corrida da Imprensa, tanto não esperava, sofá assim confortável, sala acolhedora, a luz do entardecer coada pelas persianas, televisor dos grandes, bebida à descrição, instalado como um rei. A propósito de rei lá vem Juan Carlos chegando, desta vez menos protocolar, vai sentar-se na barreira, com o Angel Luis Bienvenida ao lado,

os reis podem ter muitos dons, mas o de adivinhos não, o rei de Espanha já é a segunda chumbada seguida que grama, é demais além do calor ter de suportar também o tédio, os reclamdos touros de Alvaro Domecq apenas bonitos, quanto ao resto sonsos e brandos, o Ruiz Miguel todo enxofrado porque o público de Madrid assim que um touro se começa a cair já não liga nenhuma ao que se passa com ele, pudera, e o Vítor Mendes, na sua quinta tarde deste ano em Las Ventas também se ficou por aquelas verónicas de joelho em terra a receber o quinto, e o Lucio Sandin diligente e toureiro, mas sem poder honrar o brinde que fez ao doutor Máximo Garcia de la Torre, eminente cirurgião da praça e salvador de toureiros, aos touros de Torrestrella é que não houve nada nem ninguém que os salvasse.

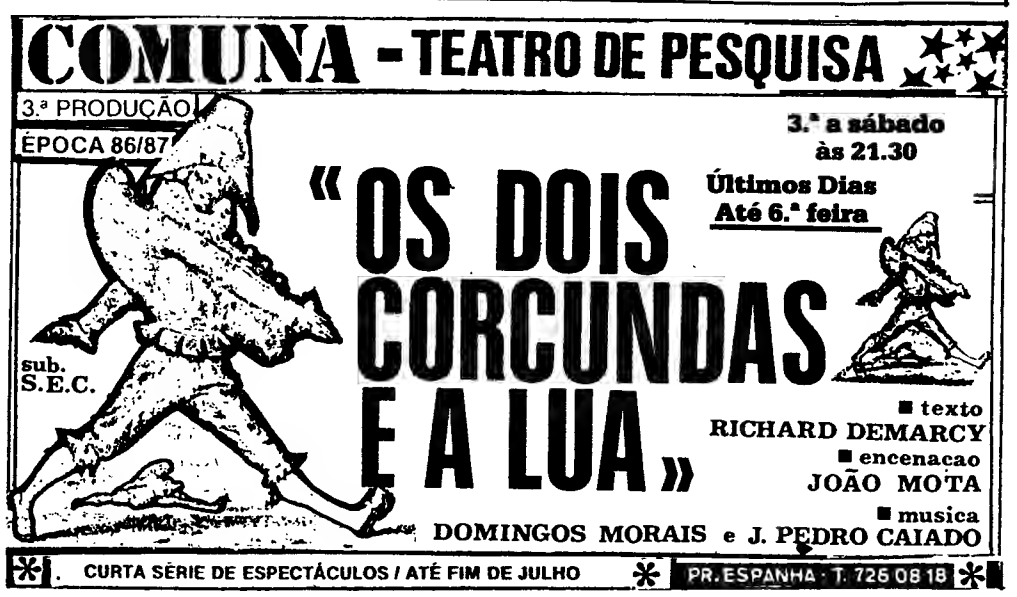
1.ª Bienal de Arte em Sintra

A entrega dos trabalhos concorrentes termina esta semana

Termina pelo fim do mês de Julho, o prazo de entrega dos trabalhos concorrentes à 1.ª Bienal de Arte em Sintra, obras estas que podem ser destinadas «à exposição em Galeria», ou «à intervenção urbana» na Vila Velha de Sintra.

Assim, todos os artistas plásticos de nacionalidade portuguesa ou, residentes em Portugal, interessados em participar nesta 1.ª Bienal — que tem, entre outros objectos, alternar, no tempo e no espaço, com as Bienais de Vila Nova de Cerveira e Lagos —, podem entregar os seus trabalhos, em três locais, nos dias e horários seguintes: Sintra, Antigo Casino, (frente à Caixa Geral de Depósitos) de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19h; Porto, na Cooperativa «Árvore», de 2.ª a 6.ª no horário de expediente; Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, e aqui, apenas, nos dias 28, 29 e 30 de Julho, das 15 às 19h.

Um júri de selecção e premiação, composto por Fernando Azevedo (F.C. Gulbenkian), Fernando Pernes (Associação Internacional de Críticos de Arte), Luís Cunha (Associação do Arquitectos Portugueses), Diogo Lino Pimentel (C.M. de Sintra) e Maria de Lourdes Mendonça (Comissariado da Bienal), seleccionarão as obras a expor em dois núcleos, um no Palácio Nacional de Sintra e outro na Galeria do Turismo de Sintra. O mesmo júri atribuirá um «Grande Prémio Vila de Sintra», no valor de 500 mil escudos, e cinco «Prémios Revelação», cada um no valor de 250 mil escudos.



DL CINEMAS

Uma cena do filme «Os Loucos Anos 50» uma realização explosiva de Peter Zadek a estrear brevemente no Estúdio 444

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

PRIMAS
(n/acons. m. 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Cinco

T. 763319

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

PIRATAS
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

O NAVIO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21 30 h

Avila

— T. 539930

A FRONTEIRA DO PERIGO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

RASPUTINE
(porno)
(interdito men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

PIRATAS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

MATULÕES ALUGAM-SE
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA (A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

SEXO ESCALDANTE
(porno)
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

Cine Camões

T. 324194

MANETA DE FERRO CONTRA A GUILHOTINA VOADORA
(int. m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

CHRISTINNE — O CARRO ASSASSINO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
FORA DE CONTROLO
(maiores 18 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

ET – O EXTRATERRESTRE
(maiores 6 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O LUTADOR
(maiores 6 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

UM LUGAR NO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A FRONTEIRA DO PERIGO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O BEIJO DA MULHER ARANHA
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON
(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

A ÚLTIMA MULHER
(Int. m. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Gemini

— T. 734009

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

A COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O FUZILEIRO IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Império

— T. 555134

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TRÊS AMIGOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

HUMILHAÇAO
(maiores 18 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

RAÇA VIOLENTA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

ORGIAS SEM LIMITES
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

BLAD RUNNER
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

ÚLTIMA VISITA T. 326305
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

O NAVIO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
DUELO NO DESERTO
(interdito men. 13 anos)
23.45 h

Sala 2

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
UM LANCE NO ESCURO
(n/acons. men. 18 anos)
23.45 h

Sala 3

POLICE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
UM LOBISOMEN AMERICANO EM LONDRES
(n/acons. men. 18 anos)
23.45 h

Sala 4

TAXI DRIVER
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A BATALHA DE ARGEL
(maiores 12 anos)
00.45 h

Roma

T. 889192

CONAN – O DESTRUIDOR
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

DELICIAS FRANCESAS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

CURTO-CIRCUITO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(última exibição)
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

A COSTA DE MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e **21.45 h**

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA IV (A Patrulha do Cidadão)
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

CURTO-CIRCUITO
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA – A PATRULHA DO CIDADÃO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

MULHERES DA RUA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Comando», às 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Filhos de Um Deus Menor», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Conta Comigo» às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Salvador», às 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Sem perdão», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Duma Vez por Todas», às 21.30 h (maiores 16 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «Os Caça Fantasmas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Sem Perdão», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «A Viúva Negra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Desaparecido em Combate», 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Filhos de Um Deus Menor», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «O Regresso dos Mortos-Vivos», às 15.30, 19 e 21.45 h (maiores 18 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Filhos de Um Deus Menor», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Três Amigos», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Selvagem e Perigosa», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Amor Sem Barreiras», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. 13 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Filhos de um Deus Menor», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

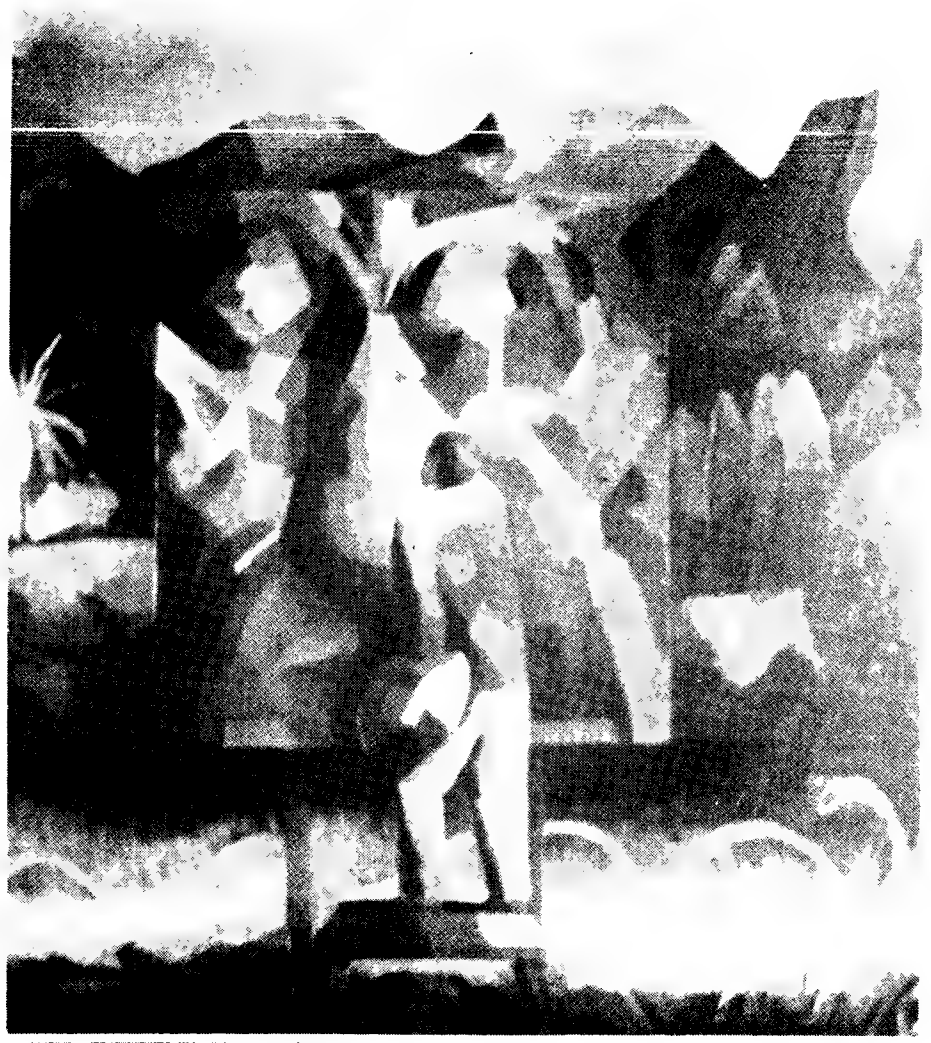
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Homens para Queimar», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Por Favor Matem a Minha Mulher», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — Encerrado para férias.

FRANCISCO ARIZTIA NO ESTORIL



Francisco Ariztia, pintor chileno que desde 1975 vive em Portugal, tem agora patente ao público a sua primeira exposição individual de pintura entre nós, na Galeria de Arte Arcada, nas Arcadas do Parque, no Estoril.

Sobre a sua obra, escreveu o cineasta (também clileno) Raùl Ruiz no catálogo da sua última exposição individual realizada em Santiago do Chile, em 1985: «...Os quadros de Francisco Ariztia não são só pintura (ou melhor, não é só o seu aspecto pictórico que nos interessa). Estes quadros são um pequeno teatro e são uma viagem.

«No teatro convivem múltiplas personagens em mundos paralelos, presos em duas dimensões, o que não os impede de viver, dançar, comer e, eventualmente, fazer amor.

«Cada um destes mundos em duas dimensões está separado do seu homólogo por uma terceira dimensão sem fim. Nesta dimensão tem lugar a viagem. Quem viaja? O viajante é um só. Tem um quadro debaixo do braço e despede–se...».

Francisco Ariztia nasceu em 1943 em Santiago, Chile. A sua obra encontra–se representada em diversas colecções particulares em países como o Chile, Argentina, México, Estados Unidos, França, Itália, Alemanha Federal, Jugoslávia, Espanha e no Museu de Arte Moderna de Bochum (Alemanha Federal) e no Centro de Arte Moderna, em Lisboa.

A exposição pode ser visitada de terça a quinta das 11 às 20 horas, e de sexta a domingo, das 11 às 22 horas.

«As Senhoras das Quintas-Feiras», pelo TEL

TEATRO

TEATRO VASCO SANTANA (Lisboa): O Teatro Estúdio de Lisboa continua apresentar as suas «Senhoras das Quintas-Feiras», todos os dias da semana (excepto à segunda), até 15 de Agosto, pelas 21 e 30 horas. O espectáculo tem encenação de Luzia Maria Martins, tradução e dramaturgia de Monique Rutler, dispositivo cénico de Fernando Filipe e é interpretado por Clara Joana, Luísa Ortigoso, Maria Dulce e Carlos Vieira de Almeida.

TEATRO GARCIA DE RESENDE (Évora): continua em cena, só até ao dia 31, apeça de Ernesto Leal, «Afonso III», pela companhia do Centro Cultural de Évora. É a primeira vez que esta peça, única produção dramática do autor, conhecido contista, sobe à cena. Trata-se assim, pois, de uma criação mundial que aquela companhia apresenta ao público da cidade. A peça — uma visão sui-generis do reinado do V rei de Portugal — tem encenação de Luís Varela, dramaturgia de Christine Zurbach, cenário e figurinos de vasco Fernando e música original de Gil Salgueiro Nave e é interpretada por toda a companhia do Centro e pelo Grupo VII da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora.

MÚSICA

AMOREIRAS SHOPPING CENTER: mais um «concerto de verão», na praça central do interior do centro comercial, desta vez com Nana Sousa Dias. O início está marcado para as 18 horas.

CLAUSTRO DOS JERÓNIMOS: integrado no XII Festival de Música da Costa do Estoril, tem lugar, pelas 21 e 30 horas, um concerto pelo Coro e Orquestra Gulbenkian, tendo como maestro Walter Hendl. Actua como solista o saxofonista Miguel Villafruela. O programa é preenchido com a interpretação de obras de Mozart, Sibelius e Villa-Lobos.

VIANA DO CASTELO (jardim público): realiza-se um concerto pela Orquestra Ligeira do centro de Cultura Juvenil, pelas 21 e 30 horas. O espectáculo integra-se na VII EXPO/Feira do Livro.

CINEMAS

CINEMATECA PORTUGUESA (Sala Dr. Félix Ribeiro): «O Regresso de Vassili Bortnikov», realizado por Vsevolod Pudovkine em 1953 é a proposta para as 18 e 30 horas. A projecção do filme integra-se no ciclo «Cinema Soviético». Dentro do mesmo ciclo e no mesmo local, é exibido pelas 21 e 30 horas «O Cavalo que Chora», de Mark Donskói (1957).

FORUM PICOAS: integrado no ciclo «A Mulher no Cinema» é projectado o filme «A Última Mulher», de marco Ferreri.

LIVROS

LIVRARIA BARATA Av de Roma, Lisboa): lançamento do livro «Vozes Anoitecidas», do escritor moçambicano Mia Couto. A apresentação é feita pela drª Lucia Lepecki e pelo escritor Ellidio Rocha. Às 18 e 30 horas.

EXPOSIÇÕES

GALERIA BERTRAND DO CHIADO: até final de Agosto, patente uma colectiva dos pintores Martha Teles, Margarida Medina, Ruibal, Dario Alves, Carlos Carreiro, J. Baltazar, Graça Pereira Coutinho, Rocha de Sousa, Mike Felten e Nadir Afonso.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): desenhos de Carlos Martins Pereira com o título «Jardim das Delícias» até 31 de Julho, de segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

AMOREIRAS SHOPPING CENTER (Galeria 2102): Ernesto Neves tem patente ao público, até 10 de Agosto, uma exposição de azulejos. Trabalhados com uma técnica inovadora, os diversos painéis da mostra aludem aos Descobrimentos portugueses e à cidade de Lisboa.

Nicolau Tudela no Forum Viseu

FORUM VISEU: está patente ao público até ao fim do próximo mês a exposição de pinturas e desenho de Nicolau Tudela. Natural de Viseu, onde nasceu em 1961, o artista tem o curso de pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian de 1983 a 1986.

VIRAGEM - Associação de Artes Plásticas de Cascais (Av. Marechal Carmona, 6-B): até 15 de Agosto, a 3ª Exposição dos Sócios, coincidente com a inauguração da 1ª fase do seu espaço-sede.

OLHÃO (Biblioteca Museu da Câmara Municipal): até 15 de Agosto, uma exposição de Pintura-Vitral com obras de Cargaleiro, Bertino, João Carlos Rodrigues, Branquinho Pequeno e José David. Patente nos dias úteis das 16 às 20, sábados das 10 às 12 e das 14 às 20.

CAMARA MUNICIPAL DO BOMBARRAL (auditório): exposição de pintura de Branco Cardoso, patente até 3 de Agosto nos dias úteis.

GALERIA DIFERENÇA: exposição de arquitectura de Alcino Soutinho, «Uma Obra» e ainda a exposição «Arquitectos de Lisboa e Porto», até 30 de Julho, de terça a sexta das 16 às 20, sábados e domingos das das 15 às 19.

ESPELHO DE AGUA (Belém): Feira de Artesanato Português até final de Agosto, patente às sextas, sébados e domingos das 10 às 23; segundas, quartas e quintas das 14 às 23: cerâmica, madeiras pintadas, tapeçaria, bonecas de pano, arte africana, trabalhos em latão, etc.

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): «Terras», cerâmica portuguesa contemporânea da autoria de Artur José, Isabel Mota Jorge Palmela, Grasiela Albino, Jorge Meaiha e Marita Ferro. Patente até 29 de Agosto.

ARTEX-GALERIA DE ARTE (R. Nova do Almada, 87): até 29 de Agosto, uma exposição de serigrafias de António Carmo, Cargaleiro, Cesariny, Chichorro, Emília Nadal, Guilherme Parente, Henrique Mourato, Hogan, João Cutileiro, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Jorge Marcel, José de Guimarães, Martins Pereira, Moniz Pereira, Palolo, Romualdo, Silva Palmeira e Teresa Magalhães.

PALACETE POMBAL (R. das Janelas Verdes): a exposição «Conservação e Restauro no Instituto José de Figueiredo».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE : patentes duas exposições - «Retrospectiva de Tapeçaria de Eduardo Nery» e «Mantas de Monsaraz».

eduardo dias

Pintura de Eduardo Dias

GALERIA DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Lisboa): termina no dia 31 a exposição de pintura de Eduardo Dias.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 31 de Agosto podem ser apreciadas neste local várias peças de cerâmica da autoria de Eduardo Filhó. A exposição é subordinada ao tema «Os Saloios». A artista tem ainda patente ao público, na Sala de Etnografia do mesmo museu, até 28 de Setembro, uma mostra intitulada «Um Olhar sobre caneças».

JARDIM DE LOURES(frente à Câmara Municipal): até 2 de Agosto pode ser visitada a exposição de artes plásticas com obras de Álvaro patrício, Ana Maria Botelho, Francisco José Simões, Jorge Vieira, Leslie Harmar, Virgílio Domingues, Rogério Ribeiro e um trabalho de Vieira da Silva de 1908.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Roma**, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIXA: Valadas**, R. da Madalena, 235 (T. 872060); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa**, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE: Imparcial**, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS: Banha**, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **LAPA: Mota Capitão**, R. de São Félix, 45-B-C (T. 660720); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **METRO - ANJOS: Colonial**, R. do Forno do Tijolo, 40 (T. 841122); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **SÃO SEBASTIÃO: Sá da Bandeira**, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREEIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno**, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE: Guimarães Morais**, R. Neves Costa, 33-35 (T. 7140081); **CHAFARIZ DE DENTRO: Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126); **CONDE BARÃO: Moz Teixeira**, R. do Poço dos Negros, 117 (T. 601961); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **ESTEFÂNIA: Universal**, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUÊS DE POMBAL: Liberal**, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); **MARTIM MONIZ: Tavares**, R. da Palma, 194 (T. 863350); **SAPADORES: Branquinho**, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). ATÉ ÀS «(HORAS; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 hras; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 22 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro1, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; SETÚBAL: Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, loteA, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 493285). Até às 22 horas; **DAMAIA: D João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 4375566). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garci**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirant Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO: Neto**, P. Agostinho C. Passos (T. 23286). Permanente.

DL TEATROS

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

Porto — Sala do Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 38 21 31

De terça a domingo, às 21.15; domingo, às 16.00

«O TIO VÂNIA», de Tchekhov. Pela Seiva Trupe. Encenação: Fernando Umaña.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

«BELA-CALÍGULA», de Augusto Sobral. Encenação: Rogério Vieira. Cenários: Augusto Sobral. Figurinos: Jasmim. Intérpretes: Manuel Cintra e Silvina Pereira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Balneádr. Paulo Borba — Tel. 29 130

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e «O DIPLOMA», de Luigi Pirandelo. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César. Interpretação de Rui Paulo, Nuno Mello, Maria Simões, Gil António, Pompeu José e João Victor, entre outros.

Teatro Galeria Monumental

Campo dos Mártires da Pátria, 101 — Tel. 53 38 48

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«JOGOS DE PRAIA», de L. A. Whitehead. Pela Companhia das Luzes. Encenação: Diogo Dória e João Canijo. Intérpretes: Diogo Dória, Rita Blanco, Susana Borges e Vítor Norte.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 291 30

Quinta, sexta, sábado e domingo, às 21.30

«BOAVIDA» e «O DIPLOMA», de Pirandello. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação: Carlos César.

Casa do Pessoal do Porto de Santos

R. da Cintura do Porto de Lisboa — Tel. 60 20 21

De 3.ª a domingo, às 21.30. Até dia 31

«AUTO DO FÍSICO PRODIGIOSO», adaptação da novela de Jorge de Sena. Pelo Teatro Triângulo. Encenação de André Nuno. Interpretação de Sandra Martins, Jorge Alonso, Alexandra Melo, Filipe Costa, Jorge Tavares e André Macedo, entre outros.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Démarcy. Encenação: João Mota. Música: Domingos Morais e José Pedro Caiado. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Carlos Paulo, Isabel Medina, Jorge Loureiro, Manuela Couto e Paulo Ferreira.

Sala 1

Quartas, quintas e sábados, às 22.30

«O URSO NA CAMA», de Zé Gouveia. Pelo Gurpo Sete Ofícios. Encenação de Geraldo Tuché e Zé Gouveia. Interpretação de Geraldo Tuché e Octavio Rocha.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

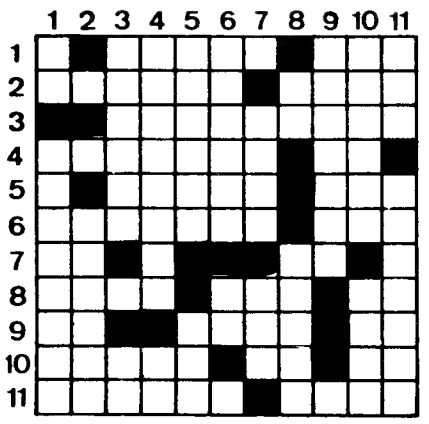
«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17096

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Mercado. Bondosa.
2 Desvio de um lugar. Projéctil.
3 Está em companhia de alguém.
4 Privarei da vista. Autores.
5 Acomete. Ninho.
6 Deras a cor da rosa a. Agarrei.
7 Prefixo de negação. Césio (s.q).
8 Apelido. Gavinha. Centiare.
9 Átomo. Novecentos e dois em romano. Viração.
10 Proferiria. Clima. Apelido.
11 Compraras garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação. Rezam.



VERTICAIS:

1 Autores. Amor ao próximo.
2 Esquecer.
3 Maldições. Batráquio.
4 Escondeis. Caminhar.
5 Venerar. Designação genérica das plantas herbáceas.
6 Principia. Preposição.
7 Piedosas. Liga.
8 Bário (s.q). O mesmo que couro.
9 Nome de frutos.
10 Observais. Morada.
11 Artilharia antiaérea. Deram oiro a.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17095

HORIZONTAIS:

1 AMIGO. Ás. DE.
2 Vararam. Por.
3 Ita. Ameigar.
4 Lidariam. Vã.
5 Ano. Agi. Nas.
6 Fim.
7 Trios. Nan.
8 MLI. Algas.
9 Depor. Aura.
10 Olon. Dosear.
11 Soro. Eu. Mia.

VERTICAIS:

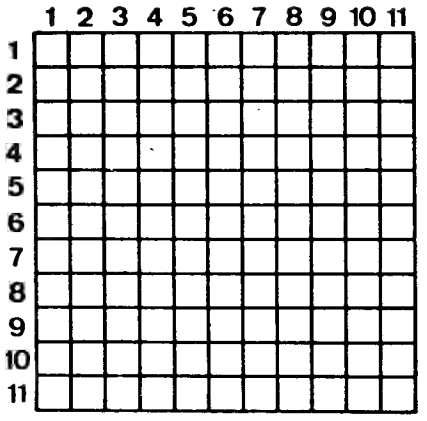
1 Ávila. TODOS.
2 Matinar. Elo.
3 Irado. Impor.
4 Ga. Colono.
5 Orara. Sir.
6 AMIGO. DE.
7 Ameai. Na. Ou.
8 Im. Falas.
9 Pg. NINGUÉM.
10 Doavam. Arai.
11 Erras. Isara.

PROVÉRBIO: Amigo de todos, amigo de ninguém.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15921

HORIZONTAIS:

1 Bebida chinesa preparada com uma espécie de feijão. Apelido.
2 Ave pernalta. Saltara por cima de.
3 Corcunda. Caminho.
4 Margem. Sacrifício.
5 Érbio (s.q). Senhoras.
6 Figura que simboliza o povo americano. Carta de jogar. Mestre.
7 Seguia. Chega (fig). Antes do meio-dia.
8 Pega. Filtrava.
9 Mágoas. Regra.
10 Artigo definido (ant). Caminhas para cá.
11 Sadias. Ilha do mar Jónio.



VERTICAIS:

1 Temporais.
2 Liga. A planta do pé.
3 Executará. Dar mios.
4 Zombas. Pertences.
5 Congelara. Césio (s.q).
6 Palavra gaélica que significa filho e pretence a um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Aversão. Vossa alteza.
7 Içais. Rio da Ásia Menor, hoje Quizil Irmaque.
8 Tungsténio (s.q). Barranco.
9 Espécie de casaco que os incas usavam. Cordeiro.
10 Terra nova e arroteada de fresco. Bário (s.q). Existe.
11 Título do antigo rei de Calicut, na costa do Malabar. Pega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15920

HORIZONTAIS:

1 Cádis. Marta.
2 Atiçaram. Ri.
3 Li. Al. Rolas.
4 In. Ro. Sras.
5 Fa. Om. No. Tm.
6 Arm. Assa. Ea.
7 Autos. Ir.
8 Lá. Suas.
9 Alapara. Na.
10 Xeta. Uiva.
11 Ordenados.

VERTICAIS:

1 alifa. Caxe.
2 Atinara. Lê.
3 DI. Mulato.
4 Ícaro. Tapar.
5 Salomão.
6 SS. Rue.
7 Marsos. Ain.
8 Amornais. VA.
9 Lá. Ru. Ad.
10 Traste. An.
11 Ais. Massais.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.00: Efeméride musical; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Trechos de óperas; **18.401: Música instrumental; 19.00**: Integrais; **19.30**: Música, de piano; **20.40**: Música, para violino; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Sonatas, para orquestra de câmara; **22.00**: Música vocal comentada; **23.30**: Obras sinfónicas; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiáios de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: RÁDIO DA CIDADE; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30** Porto final.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

14.55 - Matinée

«O Gavião do Mares»: traça as aventuras de nobres ingleses que se tornaram corsários por dedicação à rainha Isabel. Um equilíbrio fabuloso de aventuras de piratas, romances de amor, duelo e combates no último filme de capa-e-espada em que Michael Curtiz dirige Errol Flynn.

Intérpretes: Errol Flynn, Brenda Marshall, Claude Rains e Donald Cris.

Realizador: Michael Curtiz

16.35 - O Altar de Isenheim

Documentário sobre a importante peça de arte sacra, do século XVI, da autoria do pintor renascentista alemão Matias Grunevald.

17.00 - Brinca Brincando

«O Vento nos Salgueiros»

17.25 - Estádio

Volta a Portugal em bicicleta

18.25 - Sumário
18.30 - A Família Bellamy

18º Episódio: A vida em Eaton Place complioca-se quando Virginia e Richard vão a Paris, deixando a casa entregue a Misse Treadwell.

19.25 - A Prática das Colecções

2º Episódio

20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorologico
20.45 - Dona Santa

23º Episódio

21.40 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo

20º Episódio:Willie começa a ficar desesperado com as manias de Alf e a sua habitual falta de respeito para com os outros. Receando ficar louco, Willie vai consultar um amigo psicólogo.

Realização: Nancy Heydorn

22.05 - Face a Face
22.35 - Terna é a Noite

3º Episódio

23.40 - Notícias
23.55 - Estádio

Inclui volta a Portugal em bicicleta

RTP 2

17.16 - Os Imigrantes

52º Episodio

18.00 - Countdown
19.05 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective

23º e último episódio: David tenta convencer Maddie a contratar mais uma detectiva para a sua agência, sem saber que se trata de uma grande vigarista...

Realização: Peter Werner

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - O Tempo e o Vento

17º Episódio

22.10 - Soldados

9º Episódio: O desenvolvimento e a importância do apoio logístico num confronto militar será o tema do nono programa desta série documental inglesa.

Emfoco irão estar as batalhas de Blenheim e Austerlitz, nas quais esteve bem patente o papel preponderante da logística militar.

Produção: John Gau.

No 1º canal, às 22.35 0 3º episódio da série «Terna é a Noite»

AMANHÃ

RTP-1
10.10 - Às Dez
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Desenhos Animados
13.50 - Foi Exito na TV
14.30 - Desenhos Animados
15.00 - Seja Bem Vindo
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Ponto por Ponto
18.30 - Sumário
18.35 - A Família Bellamy
19.30 - Memoria Audio–Visual
20.00 - Telejornal
20.30 - Bolsa Dia a Dia
20.35 - Boletim Meteorológico
20.45 - Dona Santa
21.40 - Mobil nos Caminhos de Portugal
21.55 - West Sid Story - Gravação de um Disco
23.30 - O Programa das Festas
24.00 - Notícias
00.05 - Estádio
00.20 - Pela Noite Dentro

RTP-2
17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.35 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.05 - Aventura e Paixão
23.00 - Troféu

Cabeleireiro Eva

— É um cabeleireiro para as senhoras que não dispõem de tempo e não querem gastar muito dinheiro.

MANICURE – PEDICURE – DEPILAÇÕES – SAUNA

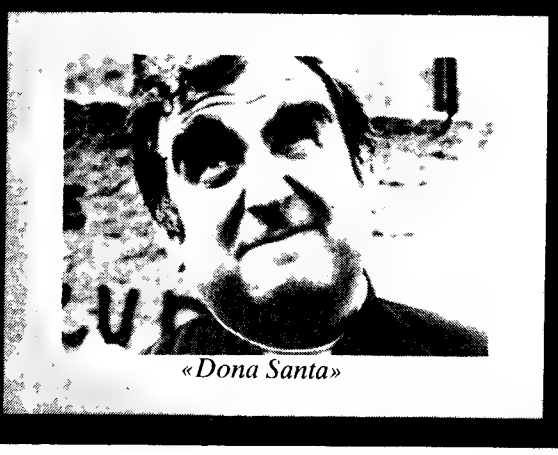
Pr. Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — 22.35 - Terna é a Noite

RTP 2 — 22.30 - Soldados

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



«Dona Santa»

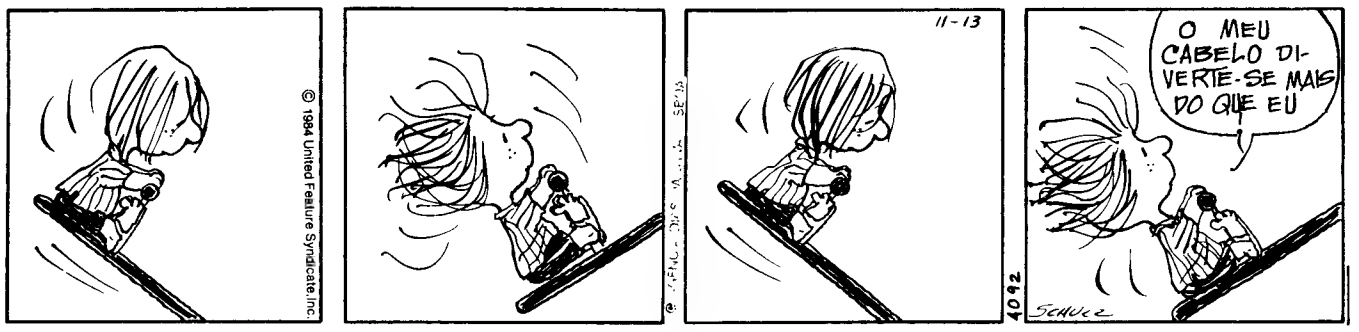
PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES. 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegrafico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ÚLTIMA HORA

O suposto assassino do Primeiro-Ministro libanês Rashid Karami, muçulmano sunita, vitimado em Junho pela explosão, de uma bomba no seu helicóptero, foi um soldado cristão do Exército libanês, revelaram emissoras de rádio locais.Trata-se, segundo essas fontes, de Elie Louis Salibi, que fugiu do país pouco depois do atentado e contra quem já foi emitida um mandado de captura. A Interpol procura-o em vários países.

Armazéns do Chiado

Continuação da pag. 1

O litígio que opõe a Caixa do Funchal à empresa Grandes Armazéns do Chiado de Nunes dos Santos & Cia, S.A., radica na aquisição pela primeira, por arrematação em hasta pública realizada em Maio do ano passado, dos imóveis da Rua do Carmo e da Rua Nova do Almada em que a segunda exerce a sua actividade comercial.

O processo de execução que conduziu ao leilão dos edifícios foi desencadeado pela Caixa Económica do Funchal, por motivo de dívidas não liquidadas no valor aproximado de 600 mil contos. A arrematação acabou por ser feita pela autora do processo, a qual adquiriu os centenários edifícios por apenas 220 mil contos.

Julgando–se proprietária legal dos mesmos, e considerando que «até ao presente não logrou entrar na posse material e efectiva do mencionado prédio», a Caixa fez entrar no 16º Juizo Cível, no passado dia 9 de Abril um requerimento com vista a que lhe seja «imediatamente conferida» a dita posse.

A empresa Grandes Armazéns do Chiado, dominada actualmente por Manuel Martins Dias, um empresario que controla igualmente os Armazéns do Grandela e «Paga Pouco», contestou entretanto a petição da outra parte e aguarda–se que uma decisão final seja proferida no recomeço da actividade dos tribunais, durante o mês de Outubro. A argumentação de Manuel Martins Dias assenta no facto de ainda não terem sido julgados diversos recursos por si apresentados quanto à validade da venda dos imóveis em hasta pública e de, por consequência, a pretensão da Caixa do Funchal se bascar em decisões que ainda não transitaram em julgado quanto à propricdade dos edifícios.

Um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Distrito de Lisboa, esta manhã divulgado, afirma, por outro lado, «estar iminente a autorização, por parte do tribunal competente, da entrega do edifício do Chiado á Caixa Económica do Funchal». O documento acrescenta que «caso tal aconteça, o encerramento da firma será imediato».

Ignora–se por enquanto qual o destino que a Caixa pretende dar às instalações, tendo sido ventilada com insistência a hipótese de as vir a ceder a uma grande cadeia comercail estrangeira.

Outras fontes consideram igualmente pouco provável que o tribunal venha a decidir–se favoravelmente à empresa dos Armazéns do Chiado e tudo indica que os cerca de 300 postos de trabalho ali existentes venham a ser suprimidos a muito breve prazo. A situação dos Armazéns tem vindo a degradar–se nos últimos anos e os trabalhadores não popuam criticas à «gestão oportunista e contrária aos interesses da empresa» levada a cabo por Manuel Martins Dias. Ao que tudo indica, os Armazéns do Chiado têm sido utilizados por aquele empresário para viabilizar outros negócios em que está envolvido. As suas práticas comerciais e de gestão têm levantado numerosas e fundadas dúvidas junto dos trabalhadores e da banca, havendo até indícios muito claros, confirmados a nível das companhias de seguros, de que já se verificaram casos de fogo posto em empresas do grupo com a finalidade de extrorquir dinheiro às seguradoras.

O Subsídio de férias dos trabalhadores do Chiado só será pago a 10 de Agosto, argumentando a empresa com o facto de «as vendas não terem atingido o nível necessário».

Cadáver de recém-nascido foi encontrado em Caxias

O cadáver de um recém-nascido do sexo feminino foi encontrado na Ribeira de Laveiras, em Caxias, segundo uma informação hoje veiculada pela Polícia Judiciária de Lisboa.

O corpo, já em adiantado estado de decomposição e semi-coberto pela água, deverá ter sido atirado para aquele local de uma altura de três a quatro metros, segundo as informações prestadas por aquela polícia.

O cadáver foi transportado para o Instituto de Medicina Legal a fim de ser autopsiado, enquanto a Judiciária desenvolve investigações sobre a ocorrência.

DE CARAS

JOAQUIM NAMORADO, o poeta de «Aviso à Navegação», tem o seu nome recordado e consagrado, num prémio literário criado pela Câmara Municipal da Figueira da Foz. O «Prémio Joaquim Namorado», por vontade expressa pelo poeta contempla contos. Em 1983, concorreram 67 trabalhos; em 1984, 96; em 1985, foram apresentados 62 contos. A Câmara Municipal da Figueira da Foz, com breve nota introdutória de António Augusto Menaro, vereador do pelouro da Cultura, publicou em volume os contos premiados e distinguidos com menções honrosas. São seus autores: Serafim Ferreira (1º prémio), José Jorge Letria (2º prémio), Carlos Artur Machado (3º prémio), Arsénio Mota, José Ferreira Alçada.

MARIA BARROSO, mulher do Presidente da República, partiu ontem para os Estados Unidos, onde vai assistir à abertura dos jogos olímpicos para deficientes — o «Special Olimpics». Maria Barroso, que é a presidente em Portugal deste movimento, encontrar–se-á com as 22 crianças deficientes portuguesas que vão participar na iniciativa. Os jogos olímpicos para deficientes decorrerão no Estado de Indiana, a partir de 2 de Agosto.

MÁRIO MESQUITA concluiu ontem uma visita de uma semana a Cabo Verde, durante a qual deu três conferências sobre o tema geral «Informação e insularidade». A deslocação a Cabo Verde do jornalista português, natural dos Açores, e que trabalhou no jornal «República», foi director do «Diário de Notícias», e é membro do Conselho de Comunicação Social e professor na Universidade Nova, constituiu uma iniciativa da embaixada de Portugal na Cidade da Praia e do Ministério cabo-verdiano da Informação, Cultura e Desportos.

AMADEO SOUZA–CARDOSO será recordado no centenário do seu nascimento com a emissão em 26 de Agosto, pelos Correios Portugueses, de 600 mil selos com a sua efigie, num trabalho realizado por António Pimentel. Na mesma data, os CTT lançam quatro outros selos comemorativos: um sobre os 150 anos do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, dois relativos aos 500 anos das viagens de Bartolomeu Dias e um alusivo aos 300 anos da emissão de papel–moeda em Portugal. Os quatro selos, com desenhos da autoria de Luís Filipe de Abreu, terão edições de 600 mil exemplares e serão vendidos ao público a preços de 125 escudos (Real Gabinete Português de Leitura), 25 escudos (viagens de Bartolomeu Dias) e 100 escudos (papel–moeda).

RONALD REAGAN foi ontem submetido a uma ligeira intervenção cirurgica na Casa Branca, para remoção de uma pequena lesão do nariz — anunciou o seu médico. O Presidente, de 76 anos, foi submetido por duas vezes a intervenções ligeiras para remoção de tecido cancerígeno do nariz, em 1985.

Segundo um comunicado de Imprensa emitido pelo coronel John Hutton, médico do Presidente, a operação decorreu como «um procedimento de rotina no consultório da Casa Branca». «O tecido será submetido a um exame microscópico de rotina», disse Hutton, que acrescentou: «É um procedimento muito comum, que é realizado em pessoas que mantiveram prolongadas exposições ao sol ao longo dos anos. O procedimento foi de rotina e correu muito bem».

VENCESLAU FERNANDES, o mais velho ciclista do mundo, com 44 anos, encontra–se entre os 113 que participam na Volta a Portugal em Bicicleta. Corredor e técnico da Ajacto, Venceslau Fernandes queixa–se, numa entrevista publicada no jornal «A Bola», dos vagares do «pelotão à potuguesa».

Na entrevista, o ciclista reconhece a inferioridade (até numérica) da sua equipa e critica os técnicos por alinharem no «jogo do empurra».

Soares e Cavaco acertam prazos

O Presidente da República recebe esta tarde, em Belém, o Primeiro–Ministro, Cavaco Silva. Trata–se da habitual audiência das quintas–feiras mas, como na ultima semana esta não se realizou, não há uma agencertar com o Primeiro Ministro os prazos do processo constitucional de formação do novo Governo.

De acordo com a Constituição o Presidente da República não tem um prazo fixado para nomear o Primeiro–Ministro, enquanto este, uma vez nomeado, deve submeter o programa de governo á Assembleia da República no prazo máximo de dez dias.

Mário Soares pretenderá conhecer as necessidades de tempo do Primeiro Ministro para as suas diligências na formação do novo Governo e elaboração do respectivo programa, a fim de proceder depois ao cumprimento das formalidades constitucionais,de acordo com esse «timing».

PR nos Açores

Mário Soares, que se encontrava em férias na sua casa do Vau, desloca–se hoje a Lisboa patra a anunciada audiência com o Primeiro–Ministro e amanhã vai á Ilha Terceira, nos Açores, presidir á sessão de encerramento do colóquio «Os Açores e o Atlântico», promovido pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira.

O Presidente da República, que se viaja de Lisboa num voo da TAP - Air Portugal, é esperado no aeroporto das Lajes às 12.40 locais.

À tarde fará um passeio histórico–turístico organizado pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira e à noite será homenageado com um jantar oferecido pelo Ministro da República.

No sábado, ás 10 horas, Mário Soares preside ao encerramento do colóquio e imaugura o navio de pasasageiros «Cruzeiro das Ilhas», onde almoça, regressando depois a Lisboa.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 313

Por Luís Veiga Leitão

DE JORGE ULISSES alguns dos seus mármores: esta presença em mim, alegria do silêncio, cria-me duas profundas dimensões: a do olhar que se interioriza e a do tacto. Súbito desejo de tocar essas pedras brancas que o génio e as mãos sagraram. Passar-lhes os dedos, longos e demorados, por todas as suas formas. Como num acto de amor.

■■■

NAS MINHAS ANDANÇAS pelo Brasil, fui hóspede dos senhores, três irmãos, da fazenda de S. Manuel, quase na raia do Estado de Espírito Santo. Comigo o poeta da *Idade do Urânio*, Jairo José Xavier. Numa carrinha, fazedora de cegas nuvens de pó, atravessamos drenados pântanos. Hoje, uma terra negra, densa, farta, que o preto que nos acompanhava, disse: — «Se prantassem homem aqui, homem nascia». De regresso fomos, por acidente, ao encontro hierático, postura numa só pata, de belas garças brancas. As vestais do rio. Rio tupi-guarani de seu nome e que da memória me fugiu. Ao tempo, coberto de espessa toalha verde, largas folhas aquáticas. Por entre os quais, olho de jacaré luzia. Amarelo e fixo. E logo o preto, apontado: — «Jacaré, que não batalha, vira bolsa de madama.»

■■■

MASOQUISMO. Autocarro, quadra das eleições, senhora na casa dos sessenta, olho azul, mais azul quando fala: — «Eu não sou contra os ricos. Sou contra os pobres que votam nos ricos para serem mais pobres.»

■■■

LEITURA PARA FÉRIAS. «Eu e os Outros — Diário/Memória, 3º tomo», do médico escritor António Mendes Moreira, Transportável. Leitura para qualquer momento e qualquer lugar da Natureza. Graças a uma sugestiva e vária pluralidade. Brasília Editora.

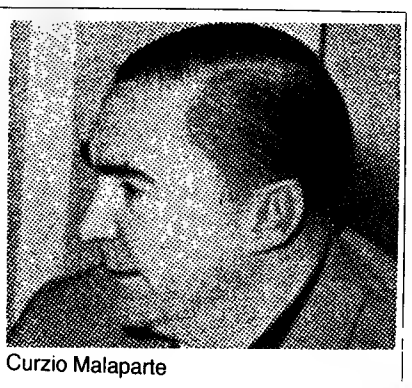
■■■

EM TERMOS DE CRÍTICA ECOLÓGICA e talvez para além disto, o feliz epigrama do poeta e jornalista Francisco Duarte Mangas, em *Espécies Cinegéticas*, poemas, ed. da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto: *O Lince/tem os olhos em extinção*.

Celebrando um autor maldito

Maria-Antonietta Macchiochi e Bertrand Poirot-Delpech escrevem sobre Curzio Malaparte

Págs. 4 e 5



Curzio Malaparte

Em torno do conceito de brasileirismo

Por Celso Ferreira da Cunha

O Centro Cultural Português da Gulbenkian acaba de distribuir o XXIII volume dos seus arquivos, dedicado a Paul Teyssier, figura de primeiro plano nos estudos lusófonos que a Universidade francesa alberga. Desta edição retiramos o importante estudo do prof. Celso Ferreira da Cunha «Em torno do conceito de *brasileirismo*», que aqui publicamos, embora suprimindo, dada a sua extenção, as conclusões finais. E por o destinarmos a um público de jornal, abdicámos igualmente das numerosas notas que o acompanham. O estudo de Celso Ferreira da Cunha situa com precisão o lugar das peculiaridades do português do Brasil face ao português da Europa, comparando-as com fenómenos equivalentes em outras línguas.

OS estudos sobre o português no Brasil revelam por parte dos seus autores uma permanente, senão exclusiva, preocupação com os fatos peculiares à nossa forma expressional, inferidos de um contraste com os vigentes no português europeu.

Criticando procedimento semelhante dos lingüistas hispano-americanos na caracterização das suas formas idiomáticas, Eugénio Coseriu lembra que nessa busca de registro apenas dos elementos diferenciais, ou supostamente diferenciais, se inverte a ordem que deveria ser observada na pesquisa, pois a comparação passa a determinar o registro, e não o contrário, como seria de desejar. E o pior é que a imensa maioria desses estudos estabelece paralelos entre os fenômenos ocorrentes nos falares das classes americanas mais humildes e incultas e os que se documentam na língua comum e, mesmo, na norma culta européia.

Rigorosamente falando, o culto peninsular só pode comparar-se ao culto de cada região da América, assim como o popular americano só pode confrontar-se com o popular europeu.

Dentro desse critério comparativo, chegaríamos sem dúvida a conclusões muito diferentes daquelas que nos costumam apresentar, e veríamos certamente reduzir o número dos chamados *brasileirismos*, termo de cuja polissemia em geral não se dão conta os que dele se servem. Tanto assim que, excluindo-se os dicionários — em particular os de lingüística e filologia —, são raros os casos em que um estudioso do assunto tem julgado necessário esclarecer a acepção que lhe dá.

Também os escritores e lexicógrafos hispano-americanos divergem no conceituar não só o termo geral *americanismo*, mas os particulares: *argentinismo*, *chilenismo*, *mexicanismo*, etc.

Em monografia de referência obrigatória sobre o tema, Ambrosio Rabanales examina previamente as várias definições de *americanismo*, propostas desde o século passado, antes de se demorar na de *chilenismo*. E distribui tais definições por cinco grupos, de acordo com a diferença específica que os separa.

Temos assim:

1.º) Definições fundadas no critério de uso exclusivo do elemento lingüístico na América Espanhola, ou em cada um dos países que a constituem.

2.º) Definições que se apóiam no critério da difusão geográfica, *stricto* ou *lato sensu*. Em sentido estrito, para Rabanales são *americanismos* as formas lingüísticas peculiares a cada país da América Espanhola, o que outros estudiosos preferem caracterizar como *argentinismos*, mexicanismos, *chilenismos*, etc. Em sentido lato, a denominação deve aplicar-se àquelas formas cujo emprego se difunde por dois ou mais países da Hispano-América, ou se estende por toda ela.

3.º) Definições baseadas na difusão social como diferença específica. Corporificam em regra a visão purista de certos autores, segundo a qual, na recolha de americanismos, só se deve levar em conta a linguagem das capitais por ser culturalmente superior e de uso mais generalizado no país.

4.º) Definições fundamentadas no critério de sinonímia. De acordo com tal modo de considerar a questão, americanismos são apenas os termos «da América que têm um equivalente conceptual dentro e fora dela, isto é, um sinônimo perfeito pelo qual se pode substituir sem dificuldades». A admitir-se esse estranho enfoque, os nomes americanos de plantas e animais que não possuem sinônimos na língua espanhola não devem conservar a marca de origem, pois não estão fora do idioma comum «por mais que apareçam e soem a nossos e em nossos ouvidos como peregrinos e inusitados».

5.º) Definições assentadas no critério de origem, que é, para Rabanales, o único aceitável para caracterizar um americanismo. Chama-lhe critério de *origem antropogeográfica*, «querendo significar com isso que, embora a linguagem tenha sua origem e existência no homem, também as tem num determinado lugar, justamente o lugar em que se desenvolve a vida glóssica daquele que a usa».

Daí definir *chilenismo* como «toda a expressão oral, escrita ou somatolálica, de qualquer ponto de vista gramatical, criada no Chile pelos chilenos que falam espanhol como língua própria ou pelos estrangeiros residentes que assimilaram o espanhol do Chile».

Deixando de lado os sentidos não-lingüísticos, quais sejam os de *caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil* e de «sentimento de amor ao Brasil, brasilidade», podemos — à semelhança do que propôs Rabanales para o conceito de *americanismo* — distribuir por cinco grupos as definições que, através dos tempos, vêm sendo sugeridas para **brasileirismo**. Em alguns casos, veremos, a definição aduzida encerra uma mescla de critérios seletivos.

Examinemos, pois, cada grupo na sua especificidade:

O uso privativo como diferença específica

O caráter contrastivo com o português europeu que, como dissemos, é uma constante nos estudos sobre a nossa modalidade idiomática reflete-se naturalmente no conceito de *brasileirismo*.

Era já o critério adotado pelo pioneiro dos estudos sobre o português do Brasil, Domingos Borges de Barros, o futuro Visconde de Pedra Branca, na colaboração que escreveu para a *Introduction à l'Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrian Balbi, publicada em 1826.

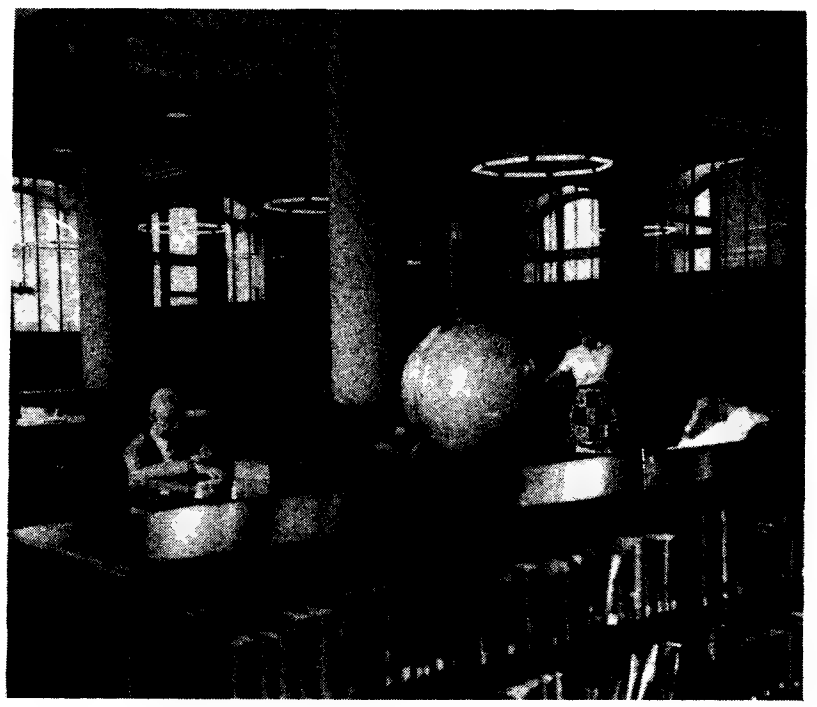
Depois de tratar brevemente da formação de palavras, Pedra Branca passa a distinguir as duas variantes nacionais da língua portuguesa, opondo a aspereza da elocução européia à amenidade da americana, ao observar:

> «L'âpreté dans la prononciation a accompagné l'arrogance des expressions et la conserve encore aujourd'hui en héritage; mais cette langue, transportée au Brésil, se ressent de l douceur du climat et du caractère de ses habitants; elle a gagné pour l'emploi et pour les expressions des sentiments tendres, et, tout en conservant son énergie, elle a plus d'aménité.»

E continua:

> «A cette première différence, qui embrasse la généralité de l'idiome brésilien, il faut encore ajouter celle

Continua na pág. 6



Uma das salas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

**Clepsidra, de Camilo Pessanha
Ulisseia, Bib. de Autores Portugueses**

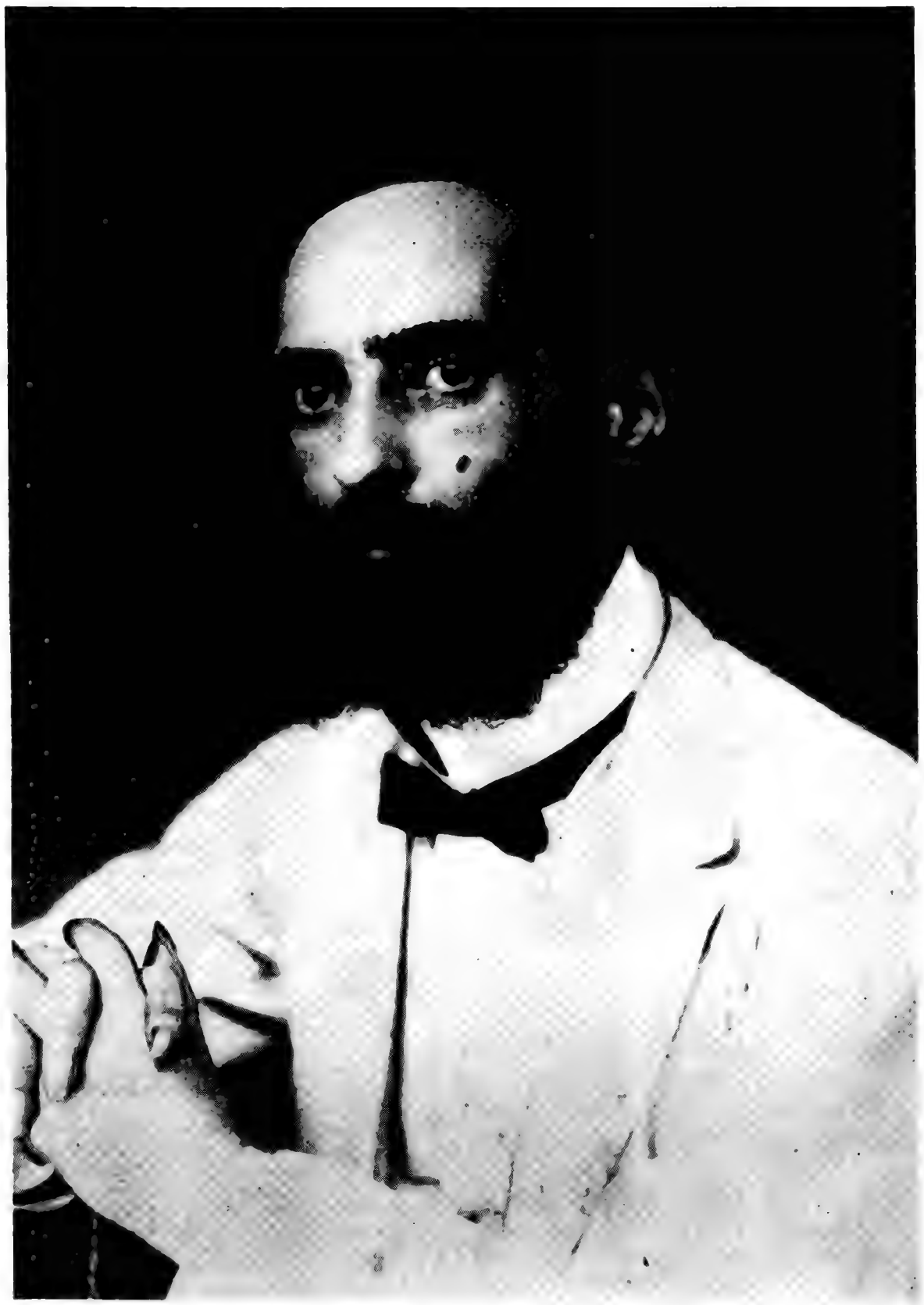
APARECEU há poucos dias no mercado livreiro mais uma edição de *Clepsidra*, de Camilo Pessanha, agora na Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, onde é o 25.º volume, com uma introdução de Isabel Pascoal.

«Mais uma edição», não será tanto assim. As edições que o livro de Pessanha teve até hoje, os dedos das mãos talvez sobrem para as contar. A primeira data de 1920, a segunda de 1945 e depois disso saíram outras, algumas incluindo, para além do conjunto que dá título ao livro e das «poesias», «Outros poemas», as «Oito elegias chinesas» e um aparato numeroso, vastíssimo — e, já agora, absolutamente necessário, nuns casos, como bibliografia passiva, noutros, como fonte de informação insubstituível acerca da vida do poeta e, sobretudo, da sua obra, das fontes e da génese da obra, da história da obra, da sorte da obra depois de o poeta morrer —, tudo da responsabilidade de António Osório de Castro e do herdeiro deste, João de Castro Osório. Temos uma 5.ª edição, da Ática, datando de 1973. À que hoje é encontrável nas livrarias falta muito deste aparato e não se sabe bem porquê. Mas pode calcular-se a falta que faz, e parece redundante apontar para a necessidade de a reeditar e tornar de modo acessível à curiosidade e ao interesse do leitor. Uma questão a resolver por parte de editores.

Há mais edições, depois destas, e antes desta a propósito da qual esta nota aqui ocorre — mas uma delas é só de «Clepsidra», sem nada que a recomende especialmente (além da circunstância um tanto fortuita de, durante algum tempo, não haver nada da poesia de Pessanha nas livrarias), e outra também somente de «Clepsidra», e nem sequer na íntegra, mas, todavia — enfatizemo-lo —, muito mais interessante do que outras integrais referimo-nos a «A Clepsidra de Camilo Pessanha», da colecção Textos Literários da Editorial Comunicação, apresentação crítica, selecção e sugestões de leitura de Tereza Coelho Lopes. A primeira edição data de 1979, a segunda é muito recente. E nem por tratar-se de uma antologia o seu interesse deve ser relegado para plano secundário. Bem diverso disso. Antes de mais, a selecção inclui 39 das 47 peças — entre sonetos e «poesias» — que constituem o conjunto de «Clepsidra». Depois há o trabalho de Tereza Coelho Lopes, principalmente o ensaio «Sobre a Poética de Camilo Pessanha», do qual o mínimo que se impõe dizer é que é das melhores peças do — aliás, relativamente escasso — acervo da bibliografia passiva. E as sugestões de leitura serão sempre de imponderável utilidade para quem quer que seja de leitores, não só para estudantes, aos quais a edição principalmente se destina.

Não temos conhecimento de mais edições da obra poética de Pessanha, e não cabe aqui falar de *China*, obra do autor também, mas noutros domínios. Mas importa assinalar que não é encontrável nas livrarias: uma edição de há mais de quarenta anos esgotou-se há muito. Desnecessário dizer que seria mais do que interessante reeditar tais textos. Mais do que interessante: ajudaria a entender a relação de Pessanha com a China (nem tanto a da poesia de Pessanha com a China — que não parece tão profunda como é impressão muito corrente e mais um daqueles lugares-comuns a que a propensão para o biografismo deu quase foro de instituição).

Mais importante do que editar isso, porém, seria reeditar o que há além dos dois conjuntos que formam «Clepsidra» (o que da o título e as «poesias» — designação sucedânea da qual, nos tempos mais recentes, é «poemas», fazendo esquecer o conceito clássico de «poema» e a noção disso que ao longo do romantismo e até quase aos nossos dias perdurou) — ou seja, os «outros poemas» e as «Oito elegias chinesas», que são trabalho poético criativo (e recriativo) de Pessanha, e de cujo conhecimento dificilmente pode prescindir o leitor capaz de ir além dos obrigatórios rudimentos escolares.



E, já agora, e uma vez que falámos do trabalho de Tereza Coelho Lopes — um relance pela bibliografia passiva.

Avultam aí uma biografia de João Gaspar Simões (na colecção O Homem e a Obra, da desactivada ou extinta Arcádia, e dificilmente encontrável nas livrarias — pelo que se imporia, talvez, reedição); um estudo de estilística aplicada de Ester de Lemos (reeditado em 80, salvo erro, pela Verbo — estudo que neem pelo alinhamento metodológico pela estilística estará hoje ultrapassado, certamente que não, desde logo porque é um trabalho bem feito); um trabalho de feição universitária (qualificação tudo excepto depreciativa, no caso — apenas porque se trata duma tese de mestrado), de autoria de António Falcão Rodrigues de Oliveira (há anos editado pela Ática); outro estudo feito na mesma área, ou próximo dela, da italiana Barbara Spaghiari, mais recentemente editado na Biblioteca Breve do ICALP; e ensaios mais curtos incluídos em volumes, de diversos autores (Urbano Tavares Rodrigues, por exemplo).

Não se pode dizer que seja muito para a obra que é — e que um Eugénio de Andrade (liminarmente citado na introdução a esta edição mais recente do livro de Pessanha) considera uma das quatro mais importantes da poesia portuguesa de todos os tempos. As três restantes são a de Camões e a de Pessoa, obviamente, e ainda a de Cesário — talvez menos obviamente, não muito, todavia. Confrontada com a de Pessoa ou a de Camões, a passiva de Pessanha quase não existe. Mas a de Cesário, acrescente-se, não lhe vai muito além.

Falemos agora, ainda que muito sumariamente, desta edição de «Clepsidra» feita por Isabel Pascoal e posta no mercado pela Ulisseia.

Antes de mais, quase não se resistiria à tentação de assinalar o baixo preço de capa: 125$00. Já não há livros a este preço. Mas explica-se: a edição foi patrocinada pelo IPLL, Instituto Português do Livro e da Leitura.

A seguir deve apontar-se para a introdução de Isabel Pascoal.

É uma relativa brevidade de duas dezenas de páginas, mas parece estar aqui o essencial que deve constar como apresentação duma obra dum autor a um público que dela não saiba mais do que vagas generalidades à volta da biografia ou dela decorrentes, do contexto histórico, da estética e da poética (relações como o simbolismo, importantes), uns versos soltos, inesquecidos desde os bancos escolares.

A colecção não diz que se destina a usos escolares. Aparentemente, é uma espécie de biblioteca básica (é só vermos os títulos que já ali foram publicados — e dos mais recentes, dos quais avulta uma antologia de Fernando Pessoa). Na prática, sabe-se que é dessa área que lhe vem a maior ou mais significativa procura. Então ocorrerá um confronto com os livros da Comunicação. Os da Ulisseia não resistirão ao confronto — é demasiado evidente que as edições da Comunicação são quase sempre mais elaborados e, principalmente, têm uma estrutura e uma disposição (ou exposição) que os torna desde logo mais práticos, mais funcionais. Num confronto com a anologia da «Clepsidra», por exemplo, a integral da «Clepsidra» que a Ulisseia propõe é evidente que fica a perder. Mas isto tem mais a ver com as características da colecção, da concepção e da execução de cada livro. Mas isto não deve tornar-se juízo extensivo às introduções, aos autores delas — os quais, certamente, fariam trabalho melhor do que acabam por fazer se não estivessem limitados a um esquema parece que pouco apropriado à função escolar.

Dito isto, pode ficar a ideia de que o trabalho de Isabel Pascoal, não ousando muito — que para tal também não foi atraído —, não passando a ser bibliografia passiva de referência obrigatória em futuros estudos que a Pessanha e ao livro dele se dediquem — desde logo porque nem faz o ponto d situação em que a bibliografia se encontra —, diz o fundamental, toca o essencial, distingue-se por uma curial correcção de processos expositivos, e pode funcionar perfeitamente como actualizador da informação e, principalmente, da perspectiva, das perspectivas sobre o autor e a sua obra.

Só mais uma anotação.

A dado passo da introdução, diz-se que «a edição que utilizámos foi a de 1969», a mais completa e a mais fiel, segundo João de Castro Osório». Não temos à mão a edição de 1969, mas temos a (5.ª edição) de 1973, e num breve relance comparativo demos conta de duas pequenas diferenças.

Uma — em «Inscrição», verso 3, onde em 73 estava «O!», na da Ulisseia, agora, aparece «Oh!».

Outra — no soneto titulado «Estátua», o verso 2 é, em 73, «No teu olhar sem cor — frio escalpelo»; e na edição da Ulisseia passa a ser «No teu olhar sem cor, — frio escalpelo» — mais uma vírgula, portanto.

Assinale-se que na edição da Comunicação (a primeira, pelo menos, de 79), já estão os mesmos desvios (chamemos-lhe assim) em relação à edição que João de Castro Osório considerava definitiva.

No caso do vocativo (ou interjeição), é uma questão de grafia. No caso da vírgula é, obviamente, uma questão de pontuação. Num caso e noutro, escapa-nos o alcance do que possa ser erro, ou versão preferencial — por critérios considerados de mais justeza ou correcção, independentemente da fidelidade aos originais (que, aliás, não foi extensiva — como não poderia ser — à ortografia, dada a necessidade de actualização).

Mais curiosidades do que outra coisa. Não deve haver nisto uma severidade excessiva.

Luís de Miranda Rocha

«Vozes anoitecidas», de Mia Couto

Um caso muito sério na literatura moçambicana

«VOZES anoitecidas», o primeiro livro em prosa do jovem escritor moçambicano Mia Couto, é uma dessas obras que surgem como uma revelação e dão vontade de ler de um fôlego, sofregamente, como quem bebe África envolta em imagens prenhes de beleza, força e magia. José Craveirinha, nome maior da poesia de língua portuguesa, diz no prefácio que gostou maningue, «sinceramente, maningue, mesmo!», de ler «Vozes anoitecidas». E tem raão, o poeta de «Karingana, ua Karingana».

«Vozes anoitecidas», que agora conhece a sua primeira edição em Portugal — é apresentado esta tarde em Lisboa — foi já editado em Maputo, tendo originado forte polémica. Esgotou-se em três dias e é hoje referência obrigatória da literatura moçambicana em prosa.

Mia Couto, que veio a Portugal para participar no lançamento do seu livro, sorri calmamente quando lhe falo da minha surpresa por ter abandonado a poesia e se ter dedicado agora ao conto, ainda que a sua prosa continue, de certo modo, a ser um hino à poesia.

Sorri e corrige:

«Não abandonei a poesia. Continuo a escrevê-la. Sempre. Acontece é que um dia me contaram umas histórias muito bonitas da região de Inhambane (onde agora se verificou o massacre da Homoíne) e eu pensei passá-las ao papel. Escrevi um primeiro conto que foi publicado na revista **Tempo**. Muitas pessoas — inclusive outros escritores — encorajaram-me dizendo que era mais importante escrever contos do que poesia, que neste campo se poderiam criar coisas novas, que a poesia é muito intimista, que os moçambicanos optam sempre pela poesia, que era necessário abrir caminhos, eu sei lá que mais... Olha, continuei a escrever contos e passado pouco tempo tinha uma série deles para fazer um livro.»

(Por falar em poesia intimista: o primeiro livro de Mia Couto, editado em 1982, chama-se «Raiz de Orvalho». Um livro de poemas, obviamente, que o autor classifica como uma «obra de reacção contra a literatura dominante, panfletária, onde ninguém cantava essa coisa simples de a gente amar, onde ninguém dizia **eu** mas sempre **nós**». Além disso, sublinhou Mia Couto, «Raiz de Orvalho» quis mostrar também que «lirismo não significa voltar costas à revolução»)

Moçambicanidade

Mia Couto, filho de um velho jornalista também ele escritor — Fernando Couto — estudava Medicina em Lourenço Marques quando o 25 de Abril chegou. Depois da independência entrou pelo mundo da informação, que de resto já conhecia como redactor do jornal «Tribuna». Foi depois director da revista Tempo; em 1981 foi nomeado director do Notícias do Maputo; foi coordenador do Jornal de Domingo; e, em 85, resolveu voltar a estudar, não Medicina, mas Biologia, frequentando agora a Universidade de Maputo.

No tempo que tinha livre ia escrevendo — e olhando com olhos de ver a realidade do seu jovem país, participando activamente na Associação dos Escritores de Moçambique.

Contudo, escrever prosa para um jornal e escrever prosa em forma de livro são coisas diferentes. E só quando começou a alinhavar os seus contos Mia Couto se apercebeu que «os processos europeus habituais de escrever a prosa não serviam» para traduzir correctamente a realidade donde brotavam as suas histórias.

Lançamento esta tarde

«Vozes anoitecidas» é esta tarde lançado publicamente pela Editorial Caminho numa sessão que decorrerá na livraria Barata, na Avenida de Roma, 11-A, em Lisboa, com início às 18 e 30.

Maria Lúcia Lepecki e Ílidio Rocha falarão na sessão, que conta, naturalmente, com a presença de Mia Couto.

«Procurei confrontar-me com a própria lógica da transformação da língua portuguesa (afinal o ambiente em que as histórias me foram contadas) e apercebi-me que a coisa era muito mais séria do que escrever simplesmente uma história. Senti que tinha que criar uma maneira moçambicana de contar histórias moçambicanas» — disse-nos depois, antes de acrescentar:

«Os africanos ainda não conseguiram fazer o que os latino-americanos já fizeram: impor ao mundo os seus próprios modelos, as suas formas, o seu estilo. E é pena. Mas talvez se estejam a criar condições para que isso se venha a verificar».

Mia Couto: «O que mais me dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros»

Linguagens

A grande polémica que se gerou em Moçambique em torno de «Vozes anoitecidas» centrou-se fundamentalmente na questão da linguagem que Mia Couto colocou nas bocas das suas personagens.

Houve quem acusasse o autor de recorrer ao fácil e ao superficial, explorando a maneira de falar da gente do povo moçambicano que utiliza o português com todas as alterações que se conhecem. Mas Mia Couto, a quem coloquei abertamente a questão, respondeu com firmeza:

«A transformação que está aí operada não é ao nível do superficial, do novo vocábulo, da recuperação do exótico — é algo que procura ir mais fundo. Não se trata de trabalho de gravador, mas de apreender a lógica do povo e criar na base dessa lógica. Quis mostrar que esta nova maneira de utilizar o português é, no fundo, um sinal da emergência de uma cultura africana e do modo como essa cultura se apropria de uma língua estranha e molda nessa língua a sua própria maneira de ser».

Mas deixando a linguagem de lado, perguntei a Mia Couto qual o verdadeiro objectivo deste belo livro de contos, se é que a questão se podia pôr assim de um modo tão prosaico...

Sorrindo mais uma vez, não sem sublinhar primeiro que isso de objectivos é coisa complicada, o jovem escritor moçambicano remeteu-me para o pequeno mas significativo texto de abertura de «Vozes adormecidas» que reza assim:

«O que mais me dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros. Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes.

Estas estórias desadormeceram em mim sempre a partir de qualquer coisa acontecida de verdade mas que me foi contada como se tivesse ocorrido na outra margem do mundo. Na travessia dessa fronteira de sombra escutei vozes que vazaram o sol. Outros foram asas no meu voo de escrever. A umas e a outras dedico este desejo de contar e inventar».

Angústia e criatividade

Na longa e serena conversa que numa destas noites mantive com Mia Couto falámos, naturalmente, do que se passa no Moçambique independente no campo da criação literária.

O escritor lembrou que neste momento há muita gente a escrever, a pintar, a cantar e a fazer música. Mas alertou para a necessidade de se analisar tudo com «muito cuidado», pois «não deixa de ser curioso que seja num período tão difícil como o que Moçambique vive que está a surgir mais gente a criar».

«Pode até acontecer que exista uma ligação entre a angústia e a criatividade — e até tenho medo de pensar nisso» — concluiu.

Apesar das diferenças evidentes, para melhor, entre o que hoje se faz em Moçambique e aquilo que se fazia no período colonial, Mia Couto considera no entanto ser ainda difícil falar-se, neste momento, na existência de uma literatura moçambicana, pois «por ora não há uma dinâmica e um desenvolvimento que o justifique».

«Ainda não há literatura moçambicana — há uma **oratura**, onde a literatura vai entroncar. É cedo para falar nisso.»

Por outro lado, não se pode esquecer que a capacidade editorial do país é muito pequena, e se é verdade que os meios tipográficos existentes estão subaproveitados, isso deve-se em grande parte à escassez de papel e, como é lógico, a prioridade no sector vai para os livros escolares e para os jornais.

Mesmo assim têm aparecido alguns jovens escritores, publicados na colecção **Início**, a cargo da Associação de Escritores de Moçambique.

Máscaras

A experiência de Mia Couto estende-se também ao teatro. Ainda recentemente esteve em Portugal, no FITEI, um grupo de teatro moçambicano com uma peça que era, afinal, a sua adaptação de quatro dos contos que aparecem em «Vozes anoitecidas». E sabe-se do sucesso que foi...

«Juntei-me a um grupo de teatro chamado **Mutumbela Gogo**, expressão que significa máscara. É o primeiro grupo de teatro moçambicano que se profissionalizou. Funciona como uma escola de teatro, com aulas de dicção, canto, dança, etc. Ao fim da tarde há ensaios — e eu colaboro na adaptação de contos, na produção, na encenação.»

Mia Couto está abertamente satisfeito com os resultados desta sua nova experiência, pois «Funeral de um Rato» (o nome da peça que veio ao FITEI) não conheceu o êxito apenas em Portugal, mas tem sido, e continua ser, pois mantém-se em cena no Maputo, um verdadeiro acontecimento em Moçambique.

«Já estamos a fazer outra peça e tenho que acabar o texto até fins de Agosto, altura em que chegará Mário Barradas que vai encenar a peça» — concluiu Mia Couto.

Ribeiro Cardoso

Há trinta anos morria Malaparte

A inquietante sombra daquele génio

Aventureiro, falso, casanova, fascista... Tudo se disse de Malaparte, o maldito. Que fazer de tanta injúria?

Por Maria Antonietta Macciochi

ERA preciso queimar Malaparte? Porque foi exactamente isso o que se passou, além de que a sua obra está como que banida desde há trinta anos. Ao fazê-lo, os mais finos dos letrados italianos ganharam espaço e libertaram-se da sombra inquietante desse génio, o mais europeu de todos os génios . . .

Cobriram-no de insultos: aventureiro, falso, casanova, narciso, imoral, escritor, medíocre . . . e, sobretudo, fascista. A instituição política riscou rapidamente o seu nome, para evitar memórias — ele tinha-se inscrito no PCI no seu leito de morte, em 1957 — com a mesma destreza com que tinha explorado a sua adesão.

A instituição religiosa, por seu turno, preferiu voltar a página sobre a sua espalhafatosa reconversão do protestantismo ao catolicismo. O resultado disto tudo é que a obra dele ficou «sequestrada»; é mais fácil encontrar livros dele em Nova Iorque ou Paris do que em Roma ou Milão. Quanto ao testamento, no qual legava a sua *villa* de Capri aos escritores chineses, foi atacada por numerosas cumplicidades: um julgamento restituiu «la casa matta» (a casa louca, como ele a chamava) à sua família.

Essa vivenda, gaivota vermelha sobre as ondas azuis, parece-me ainda o símbolo da rejeição de Malaparte. Arame farpado bloqueia o acesso a partir de terra. Atingi-a por mar durante o Verão, há um par de anos, mergulhando a partir de um barco e nadando até à pequena escada escavada na rocha. Subi os cem degraus e achei-me no grande salão da casa, diante de hóspedes pagantes, alemães e napolitanos, que devoravam o seu esparguete.

Autorizada a visitar a casa, vi nela camas maltratadas para estranhos locatários. Tudo tinha sido arrancado das paredes, mesmo os altos suportes, em nogueira maciça, da biblioteca. Os célebres quadros (De Chirico, Morandi, Carra), tinham desaparecido. Os livros estavam amontoados, e por cima deles surgia a capa amarelada da sua revista *Prospettive*.

Eu tinha conhecido Malaparte em Janeiro de 1956. Nessa época, eu dirigia desde há pouco o semanário comunista *Vie Nuove*. Era jovem, uma mistura de puritanismo e de dogmatismo, de rebeldia e de ingenuidade. Subjugou-me o facto de Malaparte ter tido vontade de escrever para o meu jornal como enviado especial à China.

Ele era muito belo, delgado, com longas pestanas recurvadas sobre o contorno dos olhos negros e inquietantes, o que lhe dava um não-sei-quê de feminino. Ele descreveu-se a si próprio desse modo no início de *Donna come me (Mulher como eu)*, de 1940, na sua dedicatória a Virginia Agnelli, mão do célebre Gianni, presidente da Fiat — única mulher que amou com paixão.

Eu intrigava-o: «Como pode uma mulher dirigir, em Itália, um jornal?» Eu ria: «Por erro puro!» E ele partiu para a China, mantendo-se, como sempre, em contracorrente. Naquele momento estalava o drama húngaro e a *intelligentzia* convertia-se ao «progressismo». Ele escrevia-me: «permaneço no meu lugar».

com a Europa e para com a França. «Sem a França, Antonietta, a Europa seria uma imensa Bulgária», segredava-me ele, citando Voltaire. E foi de facto em França que se refugiou, que escreveu (dirigindo até uma colecção para o editor Grasset, o seu amigo) e que viveu um sucesso vertiginoso, além de um turbilhão de paixões amorosas. A irónica autodefinição com que ele se comprazia, um Malaparte «arqui-italiano», cede hoje lugar a uma outra, mais legítima: a de um «arquieuropeu».

guerra; mas é uma declaração para rir, porque ninguém se mexe. Como não pensar em Berlim e no seu muro? «Berlim é o coração da Alemanha, e espero que se torne na sua cabeça», dizia ele (Malaparte era filho de pai alemão — o seu nome civil era Suckert —, de mãe milanesa e «francês por adopção»). Paris tinha-o encantado para sempre. Quando eu estava à sua cabeceira, na clínica de Roma, ele pedia-me, de quando em quando, que fosse espreitar o corredor: «Veja se não há jornalistas franceses para mim, mas pergunte-lhes bem de que jornais são...»

posto como um lacinho... cujo herói é Júlio César vestido à tirolesa...»

Mussolini teve de apresentar as suas desculpas às Forças Armadas alemãs. E deixemos ao Duce, que sabia do ofício, o trabalho de julgar o nosso escritor: «Malaparte, explicava ele a Hitler, é um homem de letras, não um fascista». Uf...

Em todo o caso prenderam-no: cinco anos de exílio na ilha de Lipari (em Novembro de 1933), reduzidos para três. Mal teve outra vez passaporte, refugiou-se em França. Recomeçou a escrever para o **Corriere.** Escolheu o pseudónimo de Candide. Mais tarde, sob o seu nome verdadeiro, as suas correspondências de guerra, duras e brilhantes, tornaram-se a base de **Kaputt.**

Malaparte não gozava de boa reputação entre os intelectuais de esquerda, na Itália, quando Maria-Antonietta Macciochi, jovem comunista, quis publicar artigos dele no semanário que ela dirigia, Vie Nuove. **Os protestos contra a colaboração do «fascista Malaparte», vindos inclusivamente de Italo Calvino, não se fizeram esperar.**
À margem de algumas evocações que, em Itália, marcaram o trigésimo aniversário da sua morte (ocorrida em 19 de Julho de 1957), Macciochi traça, aqui, o retrato desse escritor espantoso, o «europeu exemplar» a que se refere igualmente Bertrand Poirot-Delpech, colunista habitual do Le Monde des livres.

Apaixonou-se pelos chineses, por todos os chineses, desde o homem de Pequim com o seu meio milhão de anos até Mao Tsé-Tung (nessa altura ainda não o chamávamos Mao Zedong), que entrevistou. Não pude publicar de imediato as suas extraordinárias reportagens porque os intelectuais comunistas italianos (Calvino incluído, infelizmente) tinham-se insurgido junto de Togliatti, por carta, contra a «colaboração do fascista Malaparte».

Paciência socrática

Depois ele voltou a Roma com um pulmão apodrecido por um cancro. Tinha-me escrito muitas cartas, um verdadeiro diário de bordo. Também conversámos muito, ficando eu à cabeceira desse homem que vi extinguir-se depois de uma luta «titânica» contra a morte.

Ensinou-me, com a sua paciência socrática, as suas três paixões «estratégicas»: para com a China, para

Nele coabitam, parece-me, todos os traços dos europeus da nossa época — a das guerras civis, a dos fascismos e dos campos de extermínio, da ferocidade e da arte de viver, do génio e da mesquinhez, da coragem e do medo.

Malaparte viveu as duas guerras como europeu. Como esquecer as suas reportagens para o **Corriere della Sera,** as suas descrições de cadáveres de cavalos apodrecendo nas planícies da Ucrânia, primeiro sinal da derrota nazi? Ele, Malaparte, não teria, é verdade, falado de uma Europa «do Atlântico aos Urais». Para ele, **o Volga nasce na Europa** (título de um dos seus livros).

Na **Storia di domani (História de amanhã),** ele imagina a Europa invadida pela União Soviética (menos a Grã-Bretanha). Os EUA, naturalmente, declaram a

Que Malaparte foi fascista, é sabido. Mas geralmente deixa-se de lado o essencial; é que se tratava do fascismo dos sobreviventes da Grande Guerra (os **reduce,** soldados regressados da frente), no início do movimento mussoliniano: era a época charneira do socialismo-fascismo, quando ele inventou o refrão: «O Sol levanta-se, o galo canta, Mussolini monta o seu cavalo...»

Pirandello e outros foram bem mais fascistas do que ele. A **Técnica do Golpe de Estado,** escrito em Paris em 1930 depois de ele ter sido afastado da direcção da **Stampa.** é de certo modo um manifesto antifascista, contra Hitler e contra Mussolini. Na sua caneta, Hitler já é chaplinesco, «esse austríaco balofo... com o bigode

Não poder escrever

Depois da guerra, foi tratado de «aventureiro anticomunista» por Togliatti, preso pelos resistentes e pela Polícia americana. O seu terror de voltar para a cadeia durou quinze anos. Pior ainda era a maldição de não poder escrever mais. Tudo isso me parece explicar, a seguir, uma série das suas cobardias.

Mesmo Paris, a cidade amada, o humilha. Em especial esses «jovens sartreanos intelectualmente

Continua na pag. 5

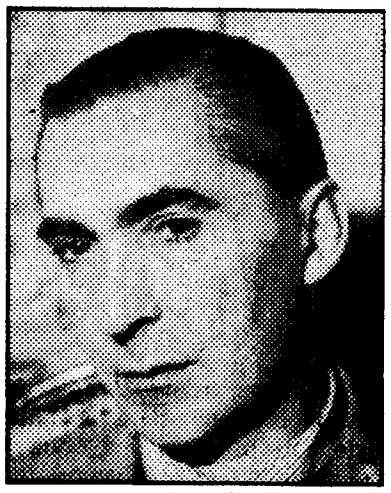
Continuação da pág. 4

impotentes... raça marxista nascida da decadência do capitalismo». No fundo, aquela guerra, só os americanos a ganharam. Os Europeus — tendo Nápoles por metáfora — tinham-se limitado a salvar a pele. «Delatora dos tribunais, eis a Europa de hoje. Todos, todos somos culpados.»

A sua peça **Das Kapital** foi assobiada. Ele queria provocar o crítico do **Figaro,** mas isso seria o seu décimo sétimo duelo, e renuncia a ele por superstição. Depois o prato do sucesso volta a descer, desta vez em Itália, com a saída de **A Pele.**

Um ano antes da sua morte, em Capri, ele tinha-me dito: «Estou cansado, desencorajado. Tive sempre de lutar contra a imbecilidade dos governos, primeiro o fascista, agora este.» Ele partia para a China imperial e eu era sua cúmplice. Vi-o pela última vez em 7 de Julho, doze dias antes da sua morte. Ele tinha-me mandado chamar através de seu irmão Ezio: «Chamei-a porque me sinto morrer. Não me contradiga. Quero que o saiba directamente de mim.»

Agitava os dedos nervosamente. O discurso, quebrado, tinha perdido a sua antiga elegância mordaz. Pediu-me que eu defendesse o legado da sua **casa matta** aos chineses, contra «esses boticários da minha família que porão **napperons** por toda a parte». Depois acrescentou: «Morro honesto.» Foi a última frase que lhe ouvi.



O europeu exemplar

Por Bertrand Poirot-Delpech

A Europa dos mercadores vai dar um passo em frente, ao que se diz, em 1992. E a Europa dos espíritos, das sensibilidades? Esperará ela, para se descobrir solidária, que cada país do continente tenha soldado a sua alma aos americanos, contra folhetins débeis e cadeias de *fast-food*?

No grande suicídio dos anos 40, poucos artistas europeus souberam não insultar o futuro do que lhes era comum. Era preciso, para isso, ultrapassar os discursos políticos do facto consumado, da legalidade imediata, da bandeira. Era preciso o sentimento de se ser depositário de valores superiores àqueles em nome dos quais os exércitos se atiravam uns contra os outros. Era preciso exorcizar a acusação de traição, arriscar a aparente desonra da prisão. As grandes esperanças têm, por vezes, esse preço.

Deveria dar-se o nome de Malaparte a uma grande instituição cultural da Europa. A sua vida e obra são de um europeu exemplar. Lembremo-nos:

Nascido perto de Florença em 1898, Malaparte decide, em 1914, com 16 anos, que o seu lugar é nas fileiras do Exército francês. Atravessa a pé a fronteira de Vintimille. Alista-se antes da idade requerida. É ferido em Champagne e condecorado.

Em 1931 publica *Técnica do golpe de Estado*, o primeiro livro contra o fascismo — e isso vale-lhe cinco anos de residência forçada nas ilhas Lipari. Será de novo encarcerado em 1941, devido aos artigos como correspondente de guerra das forças do Eixo na frente russa.

Depois da publicação de *Kaputt*, em 1943, e de nova prisão por ter alvitrado a revolta dos italianos contra os alemães, Malaparte bate-se na Resistência italiana, antes de se tornar agente de ligação da divisão de partisanos *Potente* junto do Estado-Maior aliado. Ele terá sido — e disso se gabava — o escritor mais odiado pelos fascistas e mais proibido nos países sem liberdade, os comunistas incluídos, contrariamente, a tantos escritores da época. Porque Malaparte não alimentou nunca a menor ilusão sobre os «paraísos» do Leste.

É preciso ler, ou reler, *Kaputt* e a *Pele*. Eis, exactamente, boas leituras para férias. Malaparte dá aí, sobre os massacres fratricidas da Segunda Grande Guerra, o mais europeu de todos os pontos de vista, porque mais pessimista quanto à utilidade dos confrontos e mais liberto das ideologias que lhes deram origem. Outro mérito de Malaparte: para além das aparências, ele não se compraz na descrição das monstruosidades da guerra. Trata-se de um anti-Céline, na medida em que conserva um santo horror do que presenciou e suportou. A necessidade, em que a guerra mergulha, de salvar a pele ou de a vender, não constitui, para ele, uma fatalidade nem uma sublime esperteza. Sempre sem excepção, ele prefere a luz do amanhecer à luz do crepúsculo — e é por aquela que a sua prosa é iluminada.

Kaputt ilustra essa aposta em profundidade. É um livro cruel e alegre, uma alegria que o exotismo inspira. O narrador, cheio de latinidade, está exilado na tundra lunar da Finlândia. O frio, o gelo tem, neste país, o lugar do Partenon. É preciso amá-lo, ou morrer dele. Só um mediterrânico poderia, como Malaparte, ver e fazer ver os cavalos do lago Raikkoka, aprisionados no Inverno precedente, e cujas cabeças emergem do gelo como figuras de um carrocel...

E só um combatente «além-causas» poderia contar a Moldávia dos pogroms de 1941, as futilidades sonoras das embaixadas e o desnorte profundo dos lampistas. E não nos cansamos de reler a descida final para Nápoles em que, saindo mais uma vez da prisão, o narrador, depois de quatro anos na Europa dos combates, das pragas e pestilências, redescobre o mar, o calor vibrante, as moscas...

É de novo em Nápoles que se situa *A Pele*, publicada em 1949. Malaparte evoca os meses de 1943-1944 ao longo dos quais assegurou a ligação entre o *maquis* antifascista e o comando americano.

É uma experiência única, a de reencontrar o seu próprio povo reduzido a uma miséria de que apenas o Terceiro Mundo de hoje pode dar uma ideia, e a de o ver com os olhos dos seus interlocutores americanos, em especial os do coronel H. Cumming, rebaptizado Hamilton.

Este universitário da Virginia, apaixonado pela cultura greco-latina, nada tem de comum com os americanos de Montparnasse como Hemingway ou Miller. Ele faz lembrar, sim, os amantes da Europa pintados por Henry James. Dir-se-iam os *Aspern Papers*... sob as bombas. Hamilton ama a civilização europeia com uma mistura de complexo de inferioridade e de fé simplista no direito dos vencedores.

O narrador deixa de saber para onde foram as solidariedades. Não pode senão constatar a humilhação, o rebaixamento a que a guerra e as negociações de todas as ocupações conduziram o seu povo.

Ao observar as anãs desdentadas dos degraus do Pendino, ele põe no seu olhar uma atenção que é o contrário do júbilo. Havia Bosh nos frescos do *Kaputt*. Há, n'*A Pele*, um Goya da miséria napolitana, enfim desembaraçada do estereótipo dos lençóis nas janelas, dos cantos inocentes e das arlequinices.

A Europa de 1945 rompeu-se, está em migalhas. Mas mais valem estes escombros, aos olhos de Malaparte, do que os mármores mortíferos do fascismo. Há aqui um *bom uso* da consciência da fragilidade.

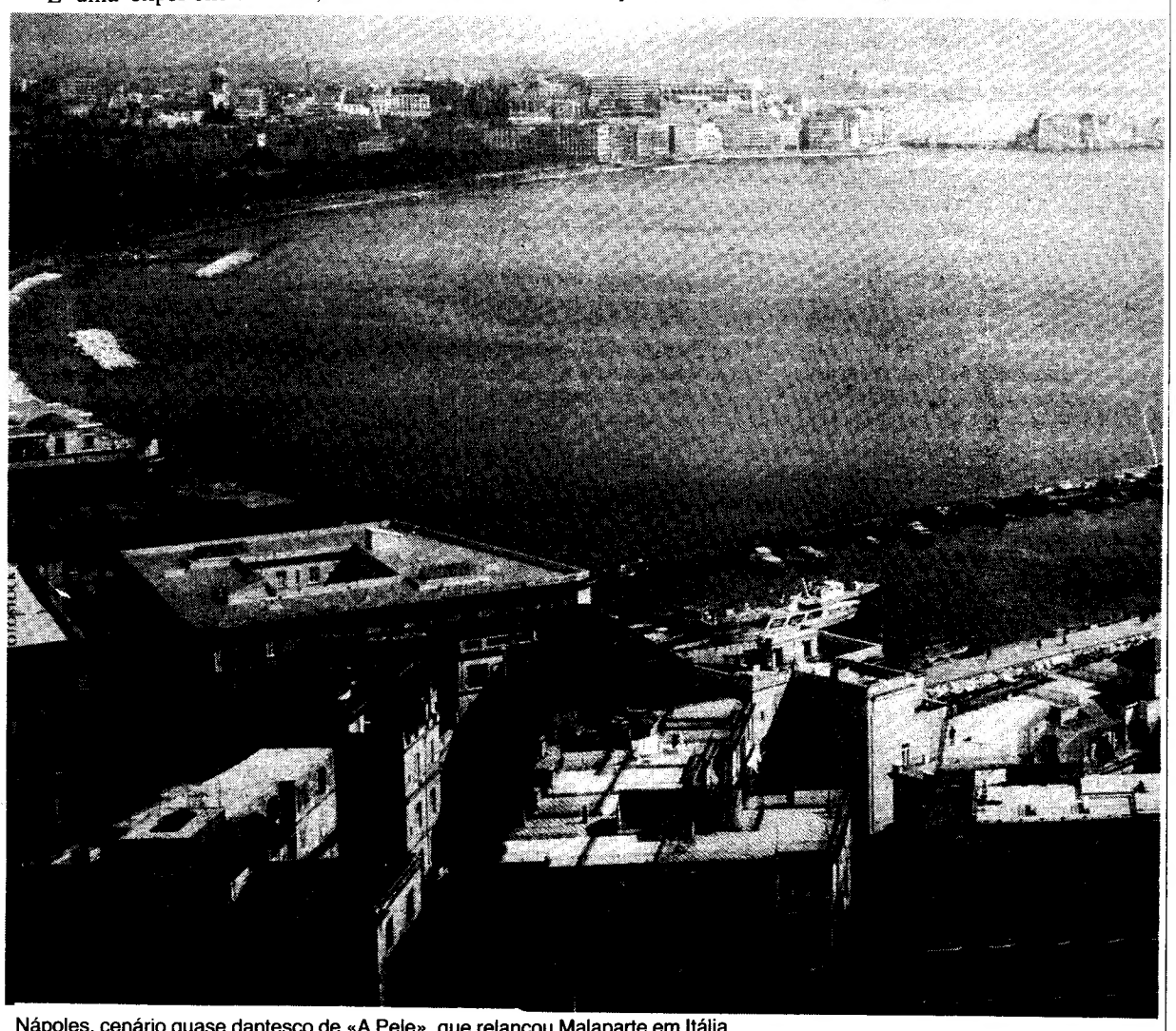
De resto, o nosso continente não esperou as guerras mundiais para conhecer a aniquilação material e moral. Há séculos que isso dura. É preciso reler, a esse respeito, a célebre conversa das *Rosas de carne*, que dá título à *Pele*. Dantes, diz Malaparte, o Europeu estava pronto para tudo, para ganhar a salvação da sua alma. Agora, salva a sua pele, a qualquer preço. A pele substituiu os valores espirituais. E o seu barómetro não está fixo: depende da oferta e da procura. O curso das virgens na Nápoles libertada pela nobre América: eis a que se resume o sentido moral do Ocidente! Ou então, de que estamos nós a falar?

Malaparte não é um cínico. Ele quer a sua fé depurada de toda e qualquer cantiga. É um homem extenuado que escreve as últimas páginas de *A Pele;* extenuado por ter visto cadáveres de mais. Ele não matou, pessoalmente (e nisso julga que se manteve cristão) mas viu matar. Da Ucrânia e da Escandinávia à Toscânia, viu hordas de homens pálidos, rebuscando nas casas e nas florestas para fazerem o Cristo sair do seu redil, para o matarem como um cão enraivecido. Ele quase se deixou contagiar por essa febre homicida...

A proximidade da vitória aliada aquece-lhe o sangue: uma guerra civil vai prolongar a outra. Será precisa, a vingança?

Se os vencedores «respeitarem os templos e os deuses dos vencidos, serão salvos», como espera Ésquilo? Malaparte não está certo disso. Nisso, sim, ele é o Europeu exemplar. Quanto mais não fosse, por causa dessa exclamação com que ele fecha *A Pele:*

«É uma vergonha ganhar a guerra!»



Nápoles, cenário quase dantesco de «A Pele», que relançou Malaparte em Itália

E torno do conceito de brasileirismo

Continuação da pág. 1

> des mots qui ont changé tout-à-fait d'acception, ainsi que celle de plusieurs autres expressions qui n'existent point dans la langue portugaise, et qui ont été empruntées aux indigènes, ou qui ont été importées au Brésil par les habitants des différentes colonies portugaises d'outre-mer».

A seguir, documenta a sua afirmação com duas listas: *a)* uma de oito palavras portuguesas que assumiram sentido diferente em nosso país (*arrumamento, babados, capoeira, chacota, faceira, sécia, sótão* e *tope*); *b)* outra de cinqüenta termos usados no Brasil e desconhecidos em Portugal (*balaio, batuque, boquinha, caçula, calanda, cangote, capeta, capim, carpina, chacra, charquear, cipoada, cochilar, coivara, dondom, fadista, fado, farofa, findinga, fuxicar, iaiá, mandinga, mascate, mascatear, medeixe, mocotó, molambo, moquear, moquém, mungangas, munheca, muxiba, muxingueiro, muxoxo, manica, nuelo, pábulo, pequira, pimpão, presinganga, quindins, quitanda, quitudes, roça, saracotear, senzala, tapera, trapiche, xibiu e xingar*).

Embora nem todas as palavras enumeradas na segunda lista fossem ao tempo desconhecidas em Portugal, isso não diminuiu o interesse da contribuição de Pedra Branca do ponto de vista documental e metodológico.

O mesmo critério de contraste com o português europeu continuou a ser adoptado pela maioria dos lingüistas e filólogos do país na conceituação de *brasileirismo*.

Alguns são explícitos no indicar a oposição. Assim Mattoso Câmara Júnior, ao definir o termo como

> «Qualquer fato lingüístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato lingüístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou *lusitanismo*. O brasileirismo pode ser — a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b)geral, quando se estende por todo o território brasileiro. É este último que caracteriza o português do Brasil em face do português de Portugal, podendo ser um *vulgarismo*, ou estar aceito na norma lingüística espontânea.»

Idêntico é o pensamento de Sílvio Elia, expresso mais sinteticamente:

> «Qualquer fenómeno lingüístico que caracterize o português do Brasil em confronto com o de Portugal. O brasileirismo não tem de ser de todo o país; basta-lhe ser característico de uma de suas regiões».

E, na mesma linha, o de Sá Nunes, Silveira Bueno e Celso Pedro Luft.

Outros não mencionam a inexistência do fato no português europeu, mas o afirmam indiretamente ao considerarem-no *típico, próprio, peculiar, característico, privativo* da nossa variante idiomática.

Estão nesse caso as definições dadas por Antenor Nascentes, Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Houaiss, Mário Gonçalves Viana e vários dicionaristas.

Sirvam de exemplo as dos dois primeiros:

> «Palavra ou expressão própria do português falado ou escrito no Brasil».
>
> «1. Palavra ou locução própria de brasileiro. 2. Modismo próprio da linguagem dos brasileiros».

Finalmente, a grande maioria dos estudiosos refere-se a *brasileirismos* sem a preocupação de definir o termo, mas, de um modo geral, percebe-se que a idéia contrastiva está subjacente ao tratamento que lhes dá.

É o que vemos nos trabalhos de Sousa da Silveira, Mário Barreto, Rodolfo Garcia, Cândido Jucá (filho), Clóvis Monteiro, Gladstone Chaves de Melo, Renato Mendonça, Manuel de Paiva Boléo, João Malaca Casteleiro e tantos e tantos mais.

Embora em todos os autores referidos a especificidade das definições seja o uso privativo, alguns nelas incluem elementos característicos de outros critérios, em particular os de difusão geográfica, de origem e de conceitos típicos do Brasil.

Rabanales considera o critério de uso exclusivo no país como falseador da realidade dos fatos por marginalizar o fator genético. No caso dos brasileirismos, por exemplo, de um lado o seu acervo ficaria diminuído dos elementos indígenas que se empregam também em Portugal, como *capim, mandioca, mingau;* de outro, ele seria acrescido das formas portuguesas que se usam somente no Brasil por se terem arcaizado no país de origem, a exemplo de *assistir* (=morar), *função* (=baile), etc.

A difusão geográfica como diferença específica

Este critério — já o dissemos — costuma vir associado ao anterior. Assim nas definições transcritas de Mattoso Câmara Júnior e de Sílvio Elia.

Em sentido estrito, têm sido considerados brasileirismos os fatos lingüísticos peculiares a cada região do país, o que alguns estudiosos procuram precisar com as designações de *baianismos, carioquismos, gauchismos,* etc. A parte mais rica da dialectologia brasileira está representada justamente por glossários regionais, que, no entanto, raramente delimitam com exatidão a área de emprego dos termos. A par desses léxicos regionais — melhor seria dizermos *estaduais*, pois que aos Estados geralmente se referem —, possuímos já três atlas lingüísticos, também estaduais, e monografias de uns poucos falares, o que nos permite um melhor conhecimento da difusão não só do vocabulário, mas dos fenómenos fonéticos e morfológicos.

Serafim da Silva Neto chega mesmo a afirmar, em radical discordância com a maioria dos nossos lingüístas e filólogos, que

> «o qualificativo de 'brasileirismo' só se deve aplicar a palavras de uso exclusivamente regional. Para nomes de árvores, animais, e palavras de uso geral, como *espátula*, que os portugueses chamam *faca de cortar papel* (ou *corta-papel*), *cochilar*, que corresponde a *dormitar, toscanejar, bonde*, oposto a *eléctrico, refrigerador*, correspondente a *frigorífico, caneta-tinteiro*, que corresponde a *caneta de tinta permanente, aeromoça*, igual a *hospedeira*, e centenas de casos idênticos, é preciso usar o qualificativo de *português do Brasil*».

Em sentido lato, como dissemos, deve-se entender por *brasileirismo* o elemento lingüístico empregado em todo o país, ou em mais de um dos seus Estados. Até hoje, porém, não foi apontado, com segurança, um só fenômeno fonético, morfológico ou sintático pan-brasileiro que não se encontre em falares de Portugal ou das nações africanas de língua oficial portuguesa.

Em sua crítica à mamografia de rabanales, José Pedro Rona considera fundamental distinguir-se com nitidez não só *americanismo* de *regionalismo*, mas, principalmente, *regionalismo stricto sensu de regionalismo lato sensu*, parecendo-lhe mesmo a indistinção de tais conceitos uma das fraquezas da dialectologia hispano-americana.

O liceu literário português, no Rio de Janeiro

Regionalismo, acentua, é todo fato de linguagem peculiar a uma região, conceito que pressupõe o uso contrastivo entre regiões como outro critério válido no caso. *Americanismo* será, então, o elemento linguístico com vitalidade em toda a América. Os vocábulos, expressões ou frases que se empregam num só país ou numa só região «são americanismos apenas porque se utilizam na América, mas não por serem característicos do espanhol americano», no que se identifica ao pensamento de Serafim da Silva Neto.

Se a dialectologia tem sentido essencialmente comparativo, sendo atributo próprio do regionalismo o de diferir entre uma região e outra, conclui Rona «que só os regionalismos *stricto sensu* podem ser regionalismos dialectológicos».

Não considerando americanismo um elemento operativo — pois no sentido de «espanhol americano» teria de opor-se a «espanhol não americano», entidade que não existe —, detém-se ele particularmente no conceito de regionalismo e, reconhece-se que o critério de origem é de suma importância para individualizá-lo, não se lhe afigura de menor relevância, no caso, o da difusão geográfica, como supõe Rabanales.

A nosso ver, porém, a contribuição mais valiosa do estudo de Rona reside na tentativa de definir o regionalismo dentro do diasistema, que é a língua geral, levando em conta, no indicar os aspectos possíveis de diferenciação, as categorias opositivas: diacronia / sincronia, diatopia / sintopia / diastratia / sinstratia. A presença ou a ausência de cada uma dessas categorias distintivas permitirá enfoques diversos do conceito de regionalismo, correspondentes às seguintes disciplinas lingüísticas:

a) *Dialectologia*: estudo comparativo de idioletos sincrônicos e sintráticos, mas diatópicos.

b) *Lingüística histórica*: estudo comparativo de idioletos sinstópicos e sinstráticos, mas diacrônicos.

c) *Sociodialectologia*: estudo comparativo de idioletos diatópicos e diastráticos, mas sincrônicos.

d) *Dialectologia histórica*: estudo de idioletos diacrônicos e diatópicos, mas sinstráticos.

e) *Sociolingüística histórica*: estudo comparativo de idioletos diacrônicos e diastráticos, mas sintópicos.

f) *Sociodialectologia histórica*: estudo comparativo de idioletos diacrônicos, diastráticos e diatópicos.

Quanto à distribuição diatópica de elementos lingüísticos entre o espanhol americano e o espanhol peninsular, Rona estabelece quatro possibilidades:

a) Ocorre em toda a América e não ocorre em nenhuma parte da Espanha.

b) Ocorre em toda a América e ocorre em parte da Espanha.

c) Ocorre em parte da América e ocorre em parte da Espanha.

d) Ocorre em parte da América e ocorre em toda a Espanha.

Esquece-se Rona de apontar uma quinta hipótese, posteriormente lembrada por Jesús Gútemberg Bohórquez C.:

e) Ocorre em parte da América e não ocorre em nenhuma parte da Espanha.

A essas distinções de ordem espacial — expressas em termos perfeitamente transferíveis ao plano das relações lingüísticas entre o Brasil e Portugal — devem-se acrescentar outras, de natureza histórica, que veremos a seu tempo.

A difusão social como diferença específica

Esta concepção de *brasileirismo* é a que vigora entre os puristas nos seus diversos graus.

Um exemplo histórico.

Por ocasião do debate sobre o projeto de um *Dicionário brasileiro de língua portuguesa*, apresentado à Academia Brasileira de Letras, em 1924, por Laudelino Freire, veio à baila o conceito de brasileirismo e a conveniência ou inconveniência de incluir na obra «as vozes brasileiras sumariamente inquinadas de corruptelas grosseiras, termos de gíria ou calão».

À demanda de Xavier Marques:

> — «Digam-me primeiro o que se deve entender por legítimos brasileiros léxicos, sintáticos e semânticos»

Respondeu Laudelino Freire:

> — «Por brasileirismo deve entender-se toda a palavra, ou expressão, de uso corrente, que sob a forma dialectal e diferencial, despontou na linguagem, provindo da corrupção ortográfica, fonética, semântica, ou de gênero, do falar indígena e africano, da gíria popular, das necessidades regionais, ou, ainda, mediante o processo da derivação, vernácula ou híbrida».

E, ao manifestar-se veementemente contra a proposta de elaborar a Academia um dicionário de brasileirismos, pôs Laudelino Freire às claras, a um tempo, a sua preconceituosa visão do fato idiomático em tela e o despreparo que invariavelmente o acompanhou no tratar das disicplinas lingüístico-filológicas.

São suas razões:

> «É um desserviço à língua a publicação à parte ou em separado de um dicionário de brasileirismos. Detenhamo-nos um momento sobre este ponto.
>
> O brasileirismo é um fenómeno diferencial. O papel que desempenha no seio do idioma é o de subalternidade, dependência e, conseqüentemente, secundário [...]
>
> Natural é que avultem na linguagem popular, porque é aí que em regra despontam. Mas quando por efeito do uso se vão fazendo palavras ou locuções correntes, trazem já estampado o selo da significação que lhes imprime a vulgaridade [...]
>
> Advertira certa vez Lamartine que as palavras têm também o seu odor; muito não é, pois, que o dicionário também tenha o seu pudor».

Essa visão depreciativa, destorcida das criações brasileiras reflete e continua um pensamento tipicamente eurocêntrico, o mesmo que no século XVII, levava Gregório de Matos a ridicularizar com tupinismos a ascendência indígena dos «principais da Bahia chamados os Caramurus», como neste soneto:

> Há cousa como ver um Paiaiá
> Mui prezado de ser Caramuru,
> Descendente de sangue de tatu,
> Cujo torpe idioma é cobé pá?
>
> A linha feminina é Carimá,
> Moqueca, pititinga, caruru,
> Mingau de puba, e vinho de caju
> Pisado num pilão de Piraguá.
>
> A masculina é um Aricobé,
> Cuja filha Cobé um branco Paí
> Dormiu no promontório de Passé.
>
> O branco era um marau, que veio aquí,
> Ela era uma índia de Maré:
> Cobé pá, Aricobé, Cobé, Paí.

e nos séculos XVIII e XIX fazia os teatrólogos lisboetas acentuar o grotesco da figura e da fala abrasileirada do português de torna-viagem, o per-

sonagem chamado ao tempo *mineiro, ou brasileiro,* tão bem estudado pelo professor Paul Teyssier.

À permanência desse sentimento de inferioridade lingüística deve-se também creditar o fato de, durante largos anos, gramáticas e compêndios para o ensino do idioma incluírem os brasileirismos entre os solecismos, barbarismos e outros desvios da norma culta, tratados sob o título geral de *vícios de linguagem.*

Resta examinar ainda um argumento que tem servido para condenar o ingresso dos brasileirismos nos léxicos da língua: a suposta fugacidade.

Numa de suas costumeiras declarações de amor a Portugal, Afrânio Peixoto excedeu-se ao pronunciar estas palavras:

> «Mas há os brasileirismos, haveis de dizer-me. Que são eles? Expressões próprias, regionais, trazidas ao mercado nacional, e eu vos asseguro, desmoedadas logo pelo troco. Enquanto é novo, se usa, pela novidade. Como fala de gira em boca educada. É sainete de ocasião, de extravagância, logo esquecido, depois de uma insistência efêmera. Disso vos asseguro, com experiência própria. Duas vezes a outra minha Academia do Brasil pediu-me um dicionário dos ditos brasileirismos... Duas vezes o trabalho, em começo, foi censurado, e adiado... Não o lastimei... Ia vendo que as vozes, as expressões captadas, fichadas, abonadas, no registro, eram efêmeras, tinham passado e já não subsistiam no povo, obedecendo ao imperativo de uma voz que exprime uma coisa... Os meus verbetes eram plantas mortas de ervanário... Valia a pena 'dicionarizar' a voz ao vento.»

Mais uma «boutade» do saudoso polígrafo...

Em todas as línguas há palavras da moda, que se esgotam com ela. E o tema foi objecto de crônicas inesquecíveis de Carlos Drummond de Andrade.

Também essas «vozes do vento» devem figurar nos dicionários, e com a preciosa datação, para melhor entendimento do período de sua vitalidade e dos autores que o retrataram.

Mas o grosso dos brasileirismos não pertence a esse vocabulário móvel. Pelo contrário, no próprio campo lexicológico há grande estabilidade quanto aos termos de origem indígena referentes à flora e à fauna, aos de origem africana relativos a práticas religiosas e a hábitos alimentares, e aos denotadores de variadas inovações brasileiras que não têm correspondência em Portugal. Basta para comprová-lo uma ligeira consulta ao *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa,* ao *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas,* de M. Pio Correia, ao *Dicionário dos animais do Brasil,* de Rodolfo von Ihering, a *O candomblé da Bahia, de Roger Bastide,* e à *Arte culinária na Bahia,* de Manuel Querino.

Em síntese:

Não importa ao conceito de brasileirismo ter ele vitalidade urbana ou campesina, nem tão pouco a sua posição na escala diastrática. As cidades são sedes administrativas dos munícipios e difusoras de normas idiomáticas, mas o seu poder normativo não se exerce em todos os falares do país. Lingüisticamente considerados, tanto são brasileirismos os vocábulos mais bem constituídos dentro dos recursos e tradições do idioma como aqueles que trazem o etigma das classes marginalizadas onde nasceram. A adequação do seu emprego a grupos sociais ou culturais é outro problema, que nada tem a ver com a sua naturalidade.

A sinonímia como diferença específica

O critério de sinonímia, que foi adotado na definição de americanismo por Juan Valera e Daniel Granada, só o encontramos aplicado ao conceito de brasileirismo na obra de Jorge Guimarães Daupiás, um curioso de assuntos idiomáticos, que residiu algum tempo no Rio de Janeiro e cujas observações, nem sempre exatas, levaram respeitáveis filólogos portugueses a cometer graves enganos com referência à realidade lingüística do Brasil.

Eis a sua argumentação:

> «Quanto a nós, definimos brasileirismo com Cândido de Figueiredo: expressão própria de brasileiros. E ainda cabe aqui uma distinção. Se se trata de palavra que designa objecto, ser ou coisa que só no Brasil existe, brasileirismo, a nosso ver, não será, pertencendo o termo à língua portuguesa, da mesma forma que as palavras que designam coisas, seres ou objectos existentes só em Angola, Argélia, Marrocos, Japão, Índia, China, etc. Brasileirismo será se, tendo já o objecto nome em português, suceda darem-lhe outro os brasileiros. Fica, pois, consideravelmente reduzido o campo dos brasileirismos e limitado aos modos de dizer que não têm abonação no vernáculo antigo ou moderno. Será, portanto, a linguagem familiar, para não dizer já o calão.»

Daupiás confunde coisas distintas.

Todas as palavras empregadas por usuários das diversas áreas do seu vasto domínio, sejam elas de que proveniência forem, pertencem ao complexo diassistema que se chama língua portuguesa, o que, evidentemente, não é incompatível com a manutenção da marca de origem de cada uma.

Nada obsta, pois, que, sem nenhuma discriminação, convivam dentro do diassistema brasileirismos e angolismos, arabismos e galicismos, provençalismos e anglicismos, etc.

Também não pode ficar sem reparo o reduzir o uso dos brasileirismos à linguagem familiar ou, mesmo, ao calão. Nem tampouco a incongruência patente que há na aplicação de critérios distintos para caracterizar as palavras oriundas do Brasil que vivem em Portugal, e as que, provindas de Portugal, lá se arcaizaram, mas continuam a empregar-se no Brasil.

A origem como diferença específica

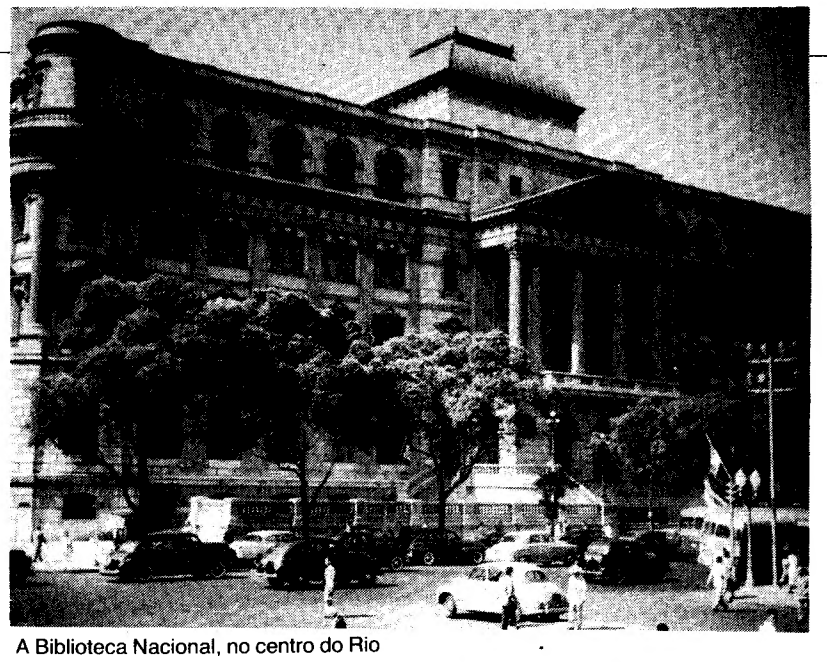
Dissemos que Ambrosio Rabanales considera o critério que denomina de «origem antropogeográfico» o único aceitável na caracterização de americanismo e, extensivamente, na de chilenismo.

Dissemos também que os lingüistas e filólogos brasileiros, mesmo quando admitem outros critérios como fundamentais, geralmente se apoiam no princípio histórico-etimológico todas as vezes que pretendem classificar os brasileirismos.

É o caso, entre outros, de João Ribeiro, Laudelino Freire, Rodolfo Garcia, Artur Neiva, Renato Mendonça, Mattoso Câmara Júnior, Sílvio Elia e Gladstone Chaves de Melo, que, mais explícito, compendia em seis grandes grupos «a quase totalidade dos brasileirismos vocabulares»:

a) tupinismos,
b) africanismos,
c) vozs ameríndias e hispano-americanas,
d) formações e derivações brasileiras,
e) brasileirismos quanto à significação,
f) arcaísmos

Quanto aos tupinismos, não pode haver dúvida de que se originaram no Brasil. E por esse critério genético não deixam de ser brasileirismos termos



A Biblioteca Nacional, no centro do Rio

como carioca, capim, mandioca e outros indigenismos também usados em Portugal.

Já os africanismos, se os considerarmos dentro do diassistema da língua, nem sempre serão corretamente assim classificados.

Parece-nos que só se devem incluir entre os brasileirismos os termos africanos que foram introduzidos no idioma pelos escravos radicados em nosso país. Embora não haja estudos aprofundados sobre o assunto, sabemos que algumas palavras africanas tinham sido incorporadas ao português europeu antes do descobrimento do Brasil. *Inhame,* por exemplo, ocorre na Carta de Pero Vaz Caminha e, desde 1455, os aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos da fala dos negros foram largamente explorados na literatura. Também vocábulos como *senzala* (ou *sanzala*) e *moleque,* que aqui chegaram com os escravos de língua quimbundo e que sempre conservaram a sua vitalidade em Angola, rigorosamente falando não são brasileirismos mas angolismos. Brasileirismos serão, a nosso ver, os termos trazidos pelos escravos nagôs, geges, minas, haussás, fulas, mandingas e de outras nações, que não eram conhecidos de nenhum falar do diassistema antes de ingressarem no português do Brasil. O nagô, ou ioruba, chegou a ser, no século XVIII, a língua franca dos negros baianos e, ainda hoje, é parte integrante das cerimónias rituais dos candomblés.

Com relação às vozes ameríndias e hispano-americanas, que João Ribeiro, Rodolfo Garcia e Renato Mendonça igualmente consideram fontes de brasileirismos, convém examiná-las separadamente.

Gladstone Chaves de Melo agrupa-as em três classes: *a*) os vocábulos «tapuias», assim entendidos os indigenismos brasileiros não tupis; b) os vocábulos procedentes de línguas americanas não brasileiras; *c*) os espanholismos americanos.

Também para Rodolfo Garcia há brasileirismos provenientes de termos panamericanos, «que se usam em mais de uma das repúblicas da América do Sul e Central, com acepções mais ou menos relacionadas entre si», ponto de vista em parte perfilhado por João Ribeiro, com a ressalva «desde que não tenham uso em Portugal». E Renato Mendonça acentua a influência do léxico platino na formação do falar gaúcho.

É óbvio que, pelo critério de origem, se equivalem os indigenismos nacionais tupis ou não tupis. São todos, pois, brasileirismos.

Mas não se podem colocar no mesmo plano as palavras originárias de línguas americanas autóctones que existem no português do Brasil, das quais Gladstone Chaves de Melo nos fornece o seguinte elenco:

> «do haitiano: *canoa, cacique, baquiano, furacão, tubarão;* antilhano: *bagre, tabaco;* mapuche: *gaúcho, ponche;* náuatle: *cacau, chocolate, galpão, tomate, abacate, asteca, xícara;* quíchua: *cancha, condor, chácara, chucro, charque, mate, pampa, guano, lhama, alpaca, puma*».

Rodolfo Garcia chega a supor, «com sérias garantias de exatidão», segundo ele, que tais palavras tenham chegado até nós «pelas migrações reais dos diferentes povos através do continente que separa os dois mais vastos oceanos».

Ora, todas essas vozes ingressaram cedo na língua espanhola, e por intermédio dela chegaram ao português. Algumas já corriam mundo antes do descobrimento de nosso país. É o caso de *canoa*, que está na primeira carta de Colombo. O espanhol foi ainda o veículo que as tornou quase todas universais.

De qualquer forma, nenhum critério justificaria a inclusão dessas palavras entre os brasileirismos. Dentro de uma conceituada genética. poderiam ser classificadas de mapuchismos, nauatlismos, etc., ou, simplesmente, de americanismos.

É na formação de novas palavras pelos tradicionais processos de derivação e composição, bem como na inserção de novos sentidos às já existentes, que se encontram as fontes mais produtivas de verdadeiros brasileirismos, aqueles que preenchem a um tempo os requisitos de origem e de contrastividade.

Em trabalho de fundamental importância metodológica, lamenta Joseph M. Piel o fato de nossos lingüistas e filólogos se terem interessado sempre mais pelos brasileirismos de origem indígena e africana do que por aqueles que resultaram de criações vocabulares com os recursos do próprio idioma ou de outros sentidos insuflados nas palavras da língua comum. E lembra que

> «a criação de palavras novas e a inovação semântica não se fizeram nem se fazem ao acaso, correspondendo pelo contrário a necessidades e veleidades novas do idioma, as quais, por sua vez, são altamente representativas do pensar e sentir da gente que, povoando um território imenso, veio a chamar-se brasileira».

Quanto à inovação semântica, diz Piel, com razão, que ela só deve ser considerada quando traz realmente um significado novo para o vocábulo, e não quando incide em pequenos matizes sêmicos que ou estão implícitos em seu sentido geral ou em conotações presumíveis. E cita, a propósito, o exemplo de *aba*, que já foi tido como brasileirismo na acepção de «costa que limita um porto ou margem de um rio».

Nessa linha, o ilustre filólogo alemão analisa, no essencial, os desvios, restrições e transposições de sentido — etimologias populares, especializações, metáforas, metonímias e eufemismos — responsáveis pela criação dos brasileirismos internos, semânticos, parecendo-lhe, entre esses, particularmente dignos de nota «os que foram condicionados pelo novo meio geográfico a que os colonizadores tiveram de se adaptar, e de novos modos de vida que dele derivaram».

No que se refere à formação de palavras, estuda Piel, com amostragens, a vitalidade da derivação sufixal, da derivação regressiva e da composição, «onde melhor se surpreende o espírito criador da língua». E, ao examinar os parassintéticos verbais iniciados pelo prefixo *a-*, aproveita a oportunidade para, muito acertadamente, chamar a atenção sobre o erro de se considerarem «verbos procedentes do tupi» formações como *acaboclar-se, acaiçarar-(se), acaipirar-(se),* engano em que incidiu, entre outros, o sábio naturalista Artur Neiva.

Em resumo:

É pelos processos de formação e de especialização vocabular que, em geral, se forjam os brasileirismos predestinados a exprimir um modo de pensar coletivo, reflexo daquela forma interior da linguagem, a *Innersprachform* de Wilhelm von Humboldt, que Amado Alonso, com tanta agudeza, soube captar no vocabulário do homem rural argentino relativo à escassa vegetação do pampa e à variegada pelagem dos seus cavalos.

Gladstone Chaves de Melo considera também brasileirismos as formas lingüísticas, trazidas por nossos colonizadores, que continuam vivas no Brasil e caíram em desuso no português europeu, conceituação que se encontra na obra de quase todos os que escreveram sobre as características do português americano.

A única voz discordante, ao que saibamos, é a de Ismael de Lima Coutinho, para quem só o critério genético importa ao caso. Daí confirmar:

> «A denominação de *brasileirismos* só deve caber aos modismos exclusivamente nossos, ou aos fatos novos, que resultaram da adaptação e uso quotidiano do idioma no meio brasileiro, em discordância com os que existiram ou existem atualmente em Portugal.»

E, em obediência a esse critério, julga-se naturalmente obrigado a excluir de sua conceituação os arcaísmos portugueses aqui conservados, e o faz expressamente:

> «Com efeito, já se tem arrolado inconsideravelmente como *brasileirismos,* só porque não são hoje usadas em Portugal, formas e construções, que recebemos diretamente dos nossos antepassados lusitanos, embora em época remota.»

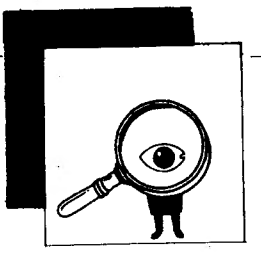
Realmente, não nos parece justificável que se considerem brasileirismos tanto os tupinismos que se aclimaram em Portugal como as formas lingüísticas de vitalidade no Brasil que se arcaizaram no país de origem.

Do exposto decorre que nem sempre os critérios genético e contrastivo se complementam na definição de brasileirismos. Não raro se apresentam mesmo como antagônicos. E esse antagonismo provém da sua diversidade no plano temporal. Aplicando o critério genético, visualizamos o brasileirismo diacronicamente, na própria história; servindo-nos do contrastivo, consideramo-lo do ponto de vista sincrônico, atualizado. Aquele presta-se melhor aos estudos que versam fundamentalmente sobre questões de origem, evolução e difusão dos termos; este, aos de natureza essencialmente descritiva.

Nota

Conforme anunciamos no início do texto, o estudo do prof. Celso Ferreira da Cunha inclui uma zona de conclusões finais e um grande conjunto de notas que, por razões de espaço, o *LerEscrever optou por não publicar.*

Acabados de chegar



■ **Imagens de Portugal Queirosiano, A. Campos Matos, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Presenças da Imagem**

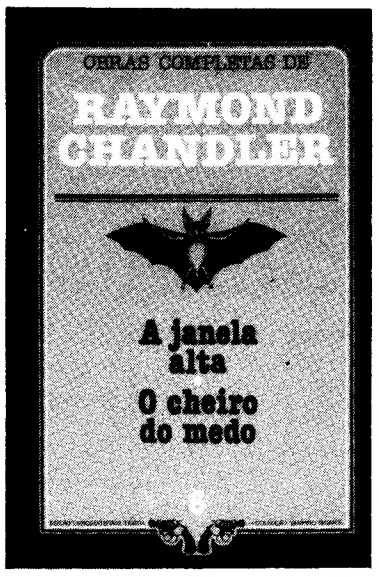
A 1.ª edição deste livro foi publicada em 1976, pela Editora Terra Livre, da Direcção-Geral da Divulgação. A 2.ª edição, acabada de sair, foi completada com mais material, nomeadamente com as imagens de «A Tragédia da Rua das Flores». Das 97 imagens de 1976, passou-se para 294 que são o suporte de um livro que se propõe aliar a leitura dos textos queirosianos à geografia autêntica que está na sua base.

■ **O Samurai Shusaku Endo, Publicações Dom Quixote, Biblioteca de Bolso**

«O Samurai» é o primeiro livro do japonês Shusaku Endo publicado em Portugal. Nele se conta a viagem de quatro samurais que em Outubro de 1613 partiram para o México na companhia de um padre espanhol. Mais tarde, acabariam por seguir para Espanha e Itália, tendo provavelmente sido os primeiros japoneses a desembarcar na Europa.

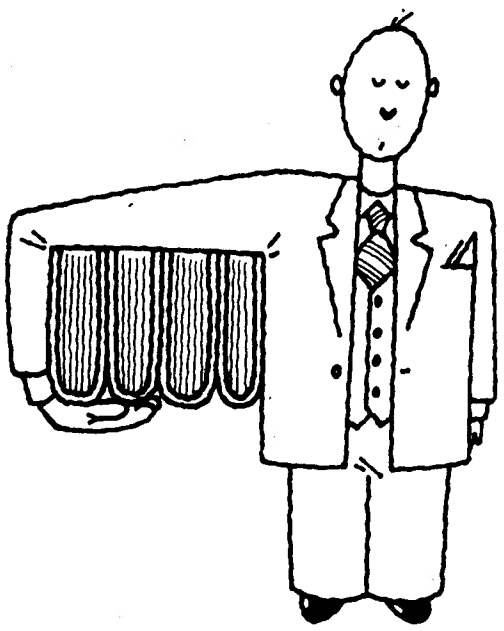
■ **O Futuro Radioso, Alexandre Zinoviev, Publicações Dom Quixote, Col. Ficção Universal**

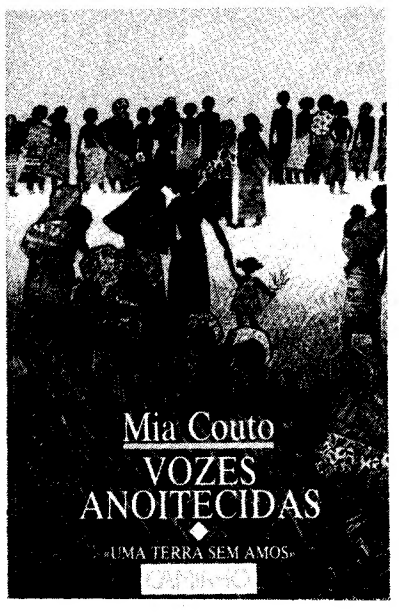
Escritor soviético, Zinoviev, ganhou em 1977, o Prémio Europeu de Ensaio com «Les Hauteurs, Béantes», cuja publicação levou a que fosse demitido das suas funções, tendo mais tarde abandonado a URSS., «O Futuro Radioso» publicado em França em 1978, situa-se no início dos anos 70 em Moscovo, no seio de uma família vulgar e tem como personagem central um professor. É o quotidiano na URRS, que, afinal, Zinoviev se propõe aqui abordar.



■ **Família: Dinâmica e Terapia, Luiz Meyer, Ed. Salamandra, Col. Alter/Ego**

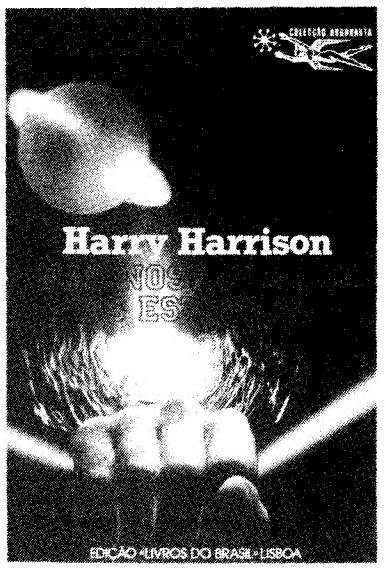
Luiz Meyer licenciou-se em 1961 na Escola de Medicina de S. Paulo, Brasil, e especializou-se em Psiquiatria e Psicoterapia na Universidade de Genebra. Actualmente é psiquiatra e psicanalística em S. Paulo. Meyer defende a terapia familiar da orientação psicanalítica que, ao contrário da psiquiatria tradicional centrada no paciente, se baseia numa relação de igual intensidade com cada um dos membros da família. O sistema familiar é assim considerado como um todo e busca-se, sobretudo, diagnosticar a função perturbada na família. É este o ponto de partida do livro que assinala o início de mais uma colecção da Salamandra, «Alter/Ego».





■ **ICALP — Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa — N.os 7 e 8**

Dirigida por Fernando Alves Cristóvão, a revista do ICALP reúne nestes seus dois números os seguintes artigos: «A Herança dos Descobrimentos», de L. Filipe Barreto; «Algumas Observações sobre a Literatura Portuguesa da Expansão», de J. Manuel Garcia; «Os Descobrimentos portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séc. XVI e XVII», de Marília Santos Lopes; «Apontamentos sobre aspectos da Expansão portuguesa na costa de África» de A. Freitas Leal e «As fontes portuguesas e a historiografia africana dos nossos dias» de Mamadou Mane, entre outros.

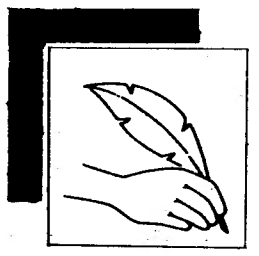


■ **O Náufrago, Thomas Bernhard, Relógio D'Água, Ed. Col. Ficções**

É o primeiro livro de Thomas Bernhard publicado em Portugal e nele se fala da morte e da arte enquanto composição articulada, em torno dos eixos mentira/verdade. «O Náufrago» é ainda um romance onde se fala de Lisboa e de Sintra.

■ **Até ao Fim Vergílio Ferreira, Bertrand, Ed.**

«(...) E então, devagar, até à tua memória que é a realidade fictícia de eu estar bem onde não estou. Memória antiga como o começo do mundo»... o último romance de Vergílio Ferreira.



■ **No chão da palavra está a terra do teu corpo, Ana Paula Portugal, desenhos de Luís Rodrigues, ed. Cariatides.**

Datado de Moura, ilustrado por Luís Rodrigues, respirando o calor alentejano, chega-nos um libreto da nossa colaboradora Ana Paula Portugal. São pequenos poemas em prosa, por vezes apenas breves frases, dirigidas a um *tu* omnipresente: «*Contigo me fico...*», diz ela. Interessante a maneira de titular, meramente reproduzindo as primeiras palavras de cada texto, como que glosando o *modus faciendi* clássico, onde os títulos se tornam supletivos. *Déjà vu*, o repetitivo ponto final seguido de minúscula: «*De frieza de vestes. em silêncio me fico. no centro...*» Este, como a transposição para maiúsculas da primeira letra de cada palavra («*No Chão da Palavra...*»), é um truque gráfico que não modifica a escrita. As minúsculas a seguir aos pontos finais, o hábito britânico de multiplicar as maiúsculas passam como modismos. As palavras, a maneira como elas se articulam para fabricarem sentido, ficam, por vezes. Mas, para ficarem, não podem habitar em lugares-comuns. Não podem, por exemplo, habitar do seguinte modo: «*Contigo me fico. no pensamento. de outro modo não pode ser porque.*»

■ **Obras Completas de Raymond Chandler, 6.º vol.; ed. Livros do Brasil**

«A janela alta» e «O cheiro do medo» são, respectivamente, o romance e a novela que integram mais este volume das obras completas de Raymond Chandler. Esta tradução de «The high window» é a que os leitores da **Vampiro de bolso** já conheciam. Quanto a «O Cheiro do medo», é talvez umas das melhores histórias curtas do autor de «O imenso adeus».

■ **O castor assassinado, Ngaio Marsh, Livros do Brasil, Vampiro de bolso.**

Ngaio Marsh é uma óptima construtora de enredos policiais. A escritora, neozelandeza, foi já apresentada ao público português pela mesma colecção, que, dela, começou por editar «Ritual da morte».

■ **Nas nossas mãos as estrelas, Harry Harrison, ed. Livros do Brasil, col. Argonauta**

Esta história foi primeiro publicada em folhetim na revista «Analogue», em 1970 e tem como objecto a «Dean Drive», uma máquina que parece iludir a terceira lei de Newton: tratava-se de conseguir anular a gravidade, propiciando a primeira viagem à Lua numa espécie de submarino...

O eu nos outros

À sombra do plátano

À sombra do plátano é que se estava bem. O mundo era um mapa enrolado — e nós, ali no verde da penumbra, tínhamos aquela conversa sábia de quem não descobriu ainda o alfabeto.

— Quantas pernas tem uma formiga...? — perguntavas tu.

— Não sei — respondia eu.

E lá íamos à cata de uma formiga para lhe contarmos as pernas.

— Eis aqui uma!

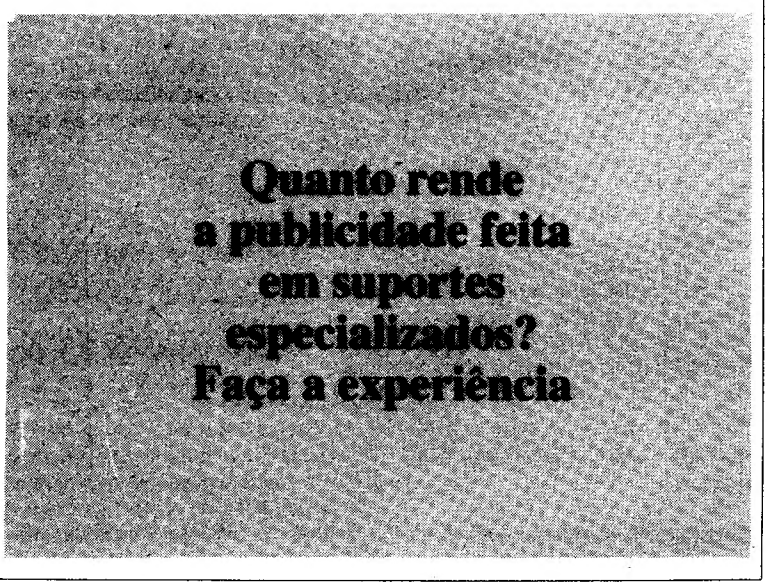
— Vigia-a, que vou buscar um fio de teia de aranha.

Atávamos a formiga a um caule de erva, o fio resistia aos esforços da formiga, estávamos de joelhos na terra, misturávamos o nosso cabelo, tocávamos com o dedo na cabeça da formiga.

— Quantas...?

— Tantas.

E assentávamos o número de pernas no tronco do plátano, um risco após outro risco. Depois, com muito cuidado, quebrávamos o fio de teia de aranha, e a formiga, toda contadinha, lá se ia aos afazeres da vida. A aranha, entretanto, tinha dado pela falta de um fio — e passeava a barriga toda pela geometria da teia...

À sombra do plátano é que se estava bem. O mundo era um mapa enrolado — e nós, ali no verde da penumbra, tínhamos aquela conversa sábia de quem não descobriu ainda o alfabeto. Hoje, que o conhecemos até à fadiga, não sabemos quantas pernas tem uma formiga.

Pedro Alvim